

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

SAMARA CAMILOTTO

**RELAÇÕES DE HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO NO FILÓ
DOMÉSTICO ATUAL – O CASO DE ARVOREZINHA/RS/BRASIL**

CAXIAS DO SUL

2018

SAMARA CAMILOTTO

**RELAÇÕES DE HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO NO FILÓ
DOMÉSTICO ATUAL – O CASO DE ARVOREZINHA/RS/BRASIL**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.
Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Maria Cappellano dos Santos

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C183r Camilotto, Samara
Relações de hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual - o
caso de Arvorezinha/RS/Brasil / Samara Camilotto. – 2018.
124 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2018.

Orientação: Marcia Maria Cappellano dos Santos.

1. Hospitalidade - Arvorezinha(RS). 2. Cultura. I. Santos, Marcia
Maria Cappellano dos, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.483.13(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

“Relações de hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual – o caso de Arvorezinha/RS/Brasil”

Samara Camilotto

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 09 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Luciane Todeschini Ferreira
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin
Universidade Federal de Ouro Preto

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para todos aqueles com quem, de alguma forma, durante a trajetória acadêmica me relacionei e compartilhei vivências.

Minhas famílias Camilotti/Camilotto e Dorigon Gasparin: Nono Fioravante e Nona Carmelina (ambos in memoriam), Nono João Antônio (in memoriam) e Nona Pierina foram os responsáveis por essas duas famílias de que muito me orgulho. São filhos, netos, bisnetos e agregados que, no passar do tempo, construíram uma história linda, com alguns momentos difíceis, mas outros tantos felizes. Não vou nomear todos, pois meus agradecimentos duplicariam de tamanho, mas sempre tive o apoio de vocês e, por isso, agradeço-os infinitamente. Em especial, agradeço aos meus pais Lecir e Eloi e minha irmã Mara que acreditaram nos meus objetivos e permitiram que eu voasse e trilhasse o meu próprio caminho. Ressalto, também, meus agradecimentos aos meus dindos Antônio e Clarice por todo o carinho que têm comigo. Sou muito honrada pela família que tenho!

Agradeço ao meu namorado Juan, meu grande companheiro, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Obrigada por aceitar minhas falhas e compreender os instantes de ausência.

Agradeço à minha orientadora Profa. Marcia, a qual acreditou neste tema desde o primeiro instante, pegou na minha mão e me guiou durante essa trajetória. Agradeço também à Profa. Luciane pelos momentos de descontração e pelos sábios conselhos. Por “culpa” de vocês, desde 2016, aonde quer que eu vá, teorias de hospitalidade/acolhimento caminham comigo.

Agradeço à família Janhke/Janke/lanhke/lanke, de quem hoje faço parte. Vocês são divertidíssimos, lindos, queridos, enfim... todos os adjetivos positivos possíveis não resumem vocês. De forma especial, obrigada à Giovana, ao Julio e à Alessandra por me aceitarem e me amarem, mesmo eu sendo um ser imperfeito.

Agradeço aos meus amigos, pois vocês me animaram e me encorajaram a seguir em frente. Preciso, aqui, citar algumas mulheres incríveis que sempre torceram por mim e que, perto ou longe, me fizeram/fazem Ser melhor: Amanda, Andressa, Bruna, Daiane, Denise, Emiliana, Lauriele, Luciana, Maibi, Maria de Fatima, Maria de Fátima (Tata), Milena, Thamires, Valeria, Vanessa.

Obrigada também aos meus colegas da Turma 16 do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), da Universidade de

Caxias do Sul (UCS), e de outras turmas, seja de mestrado, graduação ou doutorado, pelos momentos de alegria compartilhados. Em especial, agradeço pelas trocas de aprendizado e de vivências: Bianca, Carla, Cristina, Edemilson, Felipe, Jasmine, Juliana, Letícia, Luiza, Newton, Patricia, Rosalina e Vanilson.

Agradeço aos professores do Instituto Estadual de Educação Felipe Roman Ros, em Arvorezinha, pelos ensinamentos para a vida e por me fazerem acreditar em meu potencial de transformação.

Agradeço às professoras Andyara, Caroline, Gisele, Dalila, Dalila e Laura do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) que se tornaram amigas, confidentes e parceiras nos momentos de descontração. Cito, ademais, os servidores Elton, Emerson, Jerusa, Luís e Priscilla, pessoas abençoadas que cruzaram meu caminho durante a graduação.

Agradeço aos professores do PPGTURH por todos os ensinamentos. Cada professor com quem convivi contribuiu para que eu tivesse essa conquista. Estendo meus agradecimentos à UCS pela excelente infraestrutura e pelas ações de lazer e culturais desenvolvidas.

Agradeço a outras pessoas/entidades que contribuíram diretamente na execução deste trabalho:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida e, complementarmente, aos governos democráticos que investiram em educação, ações afirmativas e redução de desigualdades sociais;
- Entrevistados que abriram suas casas e suas vidas - por questões éticas não posso citar nomes, mas aprendi muito com eles;
- Grupo de pesquisa Hospitur: Profas. Olga, Luciane e Marcia; colegas Bárbara, Jasmine, Letícia e Marcela;
- Regina, secretária do PPGTURH. Sem dúvidas, uma das pessoas mais incríveis, solidárias e amáveis que conheci em Caxias do Sul;
- Daiane e Marcelo pela disposição em me ajudar durante a realização das entrevistas;
- Pessoas que contribuíram no levantamento de informações relacionadas ao filó.

Essa conquista é NOSSA!!!

*Andemo si, andemo no,
andemo sta sera a far filò.*

*La zia contenta i adis al neodo
convide la mama e vegnì beber brodo.*

*E la ntel filò se giuga la mora
se giuga el quatrìho
e se sona la viola*

*Intanto che i noni
i fa so giugheto
i tosi la fora
el riscia un bazeto*

*El filò le bon co la cantoria
escomissia bonora
e no le mai finìa*

*La nona e in cosina la fa su a dressa
la dize cio tozi diman ndemo a messa.*

(autoria desconhecida)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo relações de hospitalidade/acolhimento em filós domésticos, na forma como atualmente se realizam. Tendo por referente o filó como uma prática sociocultural específica de encontro no âmbito doméstico, ainda realizada por descendentes de imigrantes italianos no interior de suas residências; hospitalidade/acolhimento na perspectiva sócio-humana; e o município de Arvorezinha/RS como a comunidade-alvo de pesquisa, objetiva-se analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento. A pesquisa, na modalidade estudo de caso, define-se como predominantemente qualitativa, com abordagem hermenêutica. O processo analítico-interpretativo dos dados coletados pautou-se pela análise discursiva enunciativa associada à análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 25 moradores do município de Arvorezinha que participaram de filós nos últimos cinco anos, como acolhedores ou acolhidos, considerando um processo randômico de indicações. De acordo com a voz dos sujeitos entrevistados, o filó é uma forma de convivência entre pessoas (encontro) constituída através de visita/reunião, que acontece à noite no interior das residências, sobretudo nas cozinhas, congregando amigos, vizinhos e/ou familiares, com a finalidade de união, em que ocorre conversa com trocas de ideias e relatos de histórias, jogos de cartas, momentos de expressão de religiosidade e oferta de alimentos e bebidas, sendo que os convidados são recebidos pelos anfitriões e, posteriormente, estes retribuem a prática, dependendo ou não de convite prévio. A comunidade se apropria do filó como um modo de convivência em que o ciclo dos encontros não é fechado, sem permeabilidade. Ele é aberto a diferentes grupos de amigos, vizinhos e/ou familiares interagindo entre si e uns com outros, numa espécie de rede que se conecta em diversos pontos. Em filós, tem-se oportunidade de tornar o (sujeito) conhecido cada vez mais conhecido e mais conviva. Também, institui-se como ocasião para (re)conhecer a si e se (re)conhecer como membro integrante de uma comunidade. Reúnem-se, nesse sentido, indícios de que esse encontro, pelo seu ciclo iterativo, fortalece os laços sociais intracomunitários e a manutenção da prática, cujo alicerce está no acolher e ser acolhido.

Palavras-chave: Hospitalidade/Acolhimento. Filó. Prática sociocultural. Laços sociais intracomunitários. Arvorezinha/RS/Brasil.

ABSTRACT

The present study has as object of study of hospitality/welcoming relationships in domestic *filó*, in the form in which they are currently carried out. Having as referent the *filó* as a specific sociocultural practice of domestic encounter still carried out by descendants of Italian immigrants inside their residences; hospitality/welcoming from the socio-human perspective; and the municipality of Arvorezinha/RS as the target community of research, aims to analyze repercussions of the current sociocultural practice of *filó* in relation to intra-community social ties, considered relations of hospitality/welcoming. The research, in the case study modality, is defined as predominantly qualitative, with a hermeneutics approach. The analytic-interpretative process of the collected data was based on the enunciative discursive analysis associated to the content analysis. Semi-structured interviews were conducted with 25 residents of the municipality of Arvorezinha who participated in *filós* in the last five years, as welcomer or welcomed, considering a random process of indications. According to the voice of the interviewed people, the *filó* is a way of living together (meeting) constituted through a visit/reunion, which happens at night inside the residences, especially in the kitchens, congregating friends, neighbors and/or relatives, for the purpose of union, in which there is a conversation with exchanges of ideas and storytelling, card games, moments of expression of religiosity and food and drink offerings, and the guests are received by the hosts and, later, they return the practice, depending or not depending the previous invitation. The community appropriates the *filó* as a way of coexistence in which the cycle of encounters is not closed, without permeability. It is open to different groups of friends, neighbors and/or family interacting with each other and together, in a kind of network that connects in several points. In *filós*, one has the opportunity to make the (people) known more known and more convivial. It also establishes itself as an opportunity to recognize yourself and to recognize yourself as a member of a community. In this sense, there are indications that this meeting, through its iterative cycle, strengthens the intra-community social ties and maintains the practice, whose foundation of which is to welcome and be welcomed.

Keywords: Hospitality/Welcoming. *Filó*. Sociocultural practice. Intra-Community social ties. Arvorezinha/RS/Brazil.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participação em filós, de acordo com respostas de moradores de Arvorezinha.....	14
Quadro 2 – Perfil dos entrevistados.....	47
Quadro 3 – Total geral de ocorrências de cada uma das unidades de significação presentes nas verbalizações dos sujeitos.....	61
Quadro 4 – Unidades de significação enunciadas pelos sujeitos em relação a quem participa ou pode participar de filós.....	63
Quadro 5 – Total de incidência das unidades de significação presentes nas verbalizações dos respectivos sujeitos.....	66
Quadro 6 – Verbalizações dos entrevistados, como sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos.....	75
Quadro 7 – Eixo categorial, Categorias e Subcategorias do processo analítico-interpretativo.....	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Arvorezinha.....	44
Figura 2 – Referências a elementos caracterizadores do filó doméstico atual.....	52

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA VIAJANTE	11
1 PARA INICIAR O TRAJETO	12
2 TRAÇANDO UM RUMO: IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL E O FILÓ	18
3 HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO NO CAMINHO – INSERÇÕES CONCEITUAIS	28
4 TRAJETO METODOLÓGICO	40
4.1 COLETANDO OS DADOS.....	44
4.1.1 Comunidade-alvo.....	44
4.1.2 Sujeitos da pesquisa.....	46
4.1.3 Roteiro de entrevista.....	48
4.1.4 Observância de quesitos de ordem ética.....	49
5 MOVIMENTO RUMO À ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DAS VERBALIZAÇÕES	50
5.1 DEFINIÇÃO.....	50
5.2 MOTIVAÇÃO.....	59
5.3 LOCAL/AMBIENTE.....	60
5.4 PARTICIPANTES.....	63
5.5 FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO.....	66
5.6 DESCRIÇÃO DA PRÁTICA.....	68
5.7 SUJEITOS EM INTERAÇÃO.....	74
5.8 SÚMULA DA VIAGEM ANALÍTICA.....	81
6 SÍNTESE INTERPRETATIVA DA JORNADA VIVENCIADA	83
7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO	91
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	109

APRESENTAÇÃO DA VIAJANTE

Apresentar-me. Eis uma tarefa difícil. Pois bem, meu sonho sempre foi entrar na faculdade. Com família que se originou no campo – e grande parte ainda vive lá – aprendi, à época, que a faculdade era o futuro a desejar, ou melhor, a forma de “crescer” na vida – visão que foi sendo repensada fruto de experiências posteriores que vivenciei. Por causa do livro *A Casa das Sete Mulheres*, de Letícia Wierzchowski, havia dois municípios que eu cogitava para residir e cursar a faculdade. Pelotas se tornou o meu destino por possuir uma universidade federal e bacharelado em Turismo.

Saí de Arvorezinha, meu município de origem, com 17 anos e me *bandedei pros lados lá* de Pelotas. De um município com 10 mil habitantes para um com mais de 300 mil, tudo para mim era novo. Em Pelotas eu cresci, descobri que o mundo é muito maior que eu pensava, e que eu sou a dona da minha vida, do meu destino.

Com o último semestre da graduação, veio a monografia. Nos quatro anos em que estive longe do meu município, me (re)conheci como descendente de imigrantes italianos e decidi que era com isso que queria encerrar a graduação. Minha monografia teve como tema a cultura imigrante italiana e a possível relação com o turismo em Arvorezinha. Nas entrevistas, através das trajetórias de vida que conheci, minha orientadora, Profa. Dalila Rosa Hallal, e eu percebemos que o filó – tão comum na minha infância e adolescência – poderia ser analisado pelo viés da hospitalidade.

A partir dessa perspectiva, elaboramos um artigo para o evento Semintur Jr. Esse artigo se transformou no meu tema para a seleção do Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, no final de 2015. Aprovada e com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ingressei no mestrado perdida. Perdida em um município novo, Caxias do Sul – ainda maior que Pelotas –, e em um universo acadêmico novo. Mas cursei disciplinas, tive vivências com minha orientadora, Profa. Marcia Maria Cappellano dos Santos, integrei grupo de pesquisa e participei de atividades que colaboraram no processo de descobertas. Novos olhares que mostraram novas oportunidades de estudar Turismo, Hospitalidade e Cultura. Não me achei completamente, mas essa viagem ainda não terminou – e talvez nunca termine, já que seus reflexos ficarão marcados em mim.

1 PARA INICIAR O TRAJETO

A imigração italiana no Brasil, que teve início em 1875, deixou diferentes marcas, dentre as quais algumas se mantêm impressas em práticas cotidianas. No Rio Grande do Sul, os descendentes daqueles italianos que vivenciaram o processo de migração têm, como uma dessas práticas herdadas através do tempo e das gerações, o filó.

À época da imigração, como descrito e analisado por diferentes autores, entre eles, De Boni e Costa (1984), Ribeiro (2004), Gomes e Laroque (2010) – o que será posteriormente detalhado –, o filó consistia em um encontro realizado nas cozinhas, cantinas ou porões das casas dos imigrantes italianos, congregando famílias, vizinhos e amigos. Esses se reuniam para conviver, conversar sobre seus cotidianos, ler as cartas vindas da Itália e saber notícias de seus parentes que lá ficaram, elaborar pequenos trabalhos artesanais, professar sua fé na religião católica, dentre outros hábitos. Os filós aconteciam, sobretudo, nas noites de sábados, já que, aos domingos, os imigrantes não trabalhavam na roça e, por isso, não precisariam acordar tão cedo.

Com o passar do tempo, os descendentes desses imigrantes mantiveram a adoção dessa prática como uma forma de convivência intracomunitária, tais como indicam pesquisas realizadas focalizando a perspectiva histórica do filó.

No ano de 2005, o Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC), vinculado à Universidade de Caxias do Sul (UCS), por meio do programa Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul (Ecirs), desenvolveu um projeto com sujeitos residentes nas proximidades do Rio das Antas, na região da Serra¹. O objetivo era “[...] registrar e organizar a memória e os traços [...]” dessas comunidades pesquisadas. Uma das menções recorrentes nos relatos foi a realização de filós, a qual, mediante questões diretas, foi descrita pelos entrevistados, conforme a trajetória de suas vidas (CAMILOTTO; SANTOS, 2016, s/p). Dez anos depois, em 2015, para a conclusão de graduação em Turismo, outra pesquisa foi desenvolvida por Camilotto, no município de Arvorezinha, região do

¹ Utilizamos o termo “Serra” conforme denominação empregada pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (PESSOA, 2017).

Vale do Taquari², Rio Grande do Sul, cujo objetivo era “[...] identificar a presença da cultura italiana, formada pelo contexto de imigração, e, a partir das percepções da comunidade local, analisá-la como recurso turístico [...]” (CAMILOTTO; SANTOS, 2016, s/p). Nas entrevistas realizadas, emergiram espontaneamente referências ao filó.

Tendo como base os relatos colhidos nas entrevistas de ambas as pesquisas, Camilotto e Santos (2016, s/p) realizaram algumas incursões analíticas sobre o filó doméstico do ponto de vista das relações de hospitalidade. Tendo em conta os registros de memória que foram verbalizados, as autoras concluem que, nesse encontro, “Não se perdia a individualidade, mas se construía, reconstruía e ressignificava uma identidade, um sentimento de pertencimento, de celebração de um vínculo comum.”. E afirmam na sequência:

No filó, todos se tornavam acolhidos e acolhedores alternadamente, pois demandas descentradas e a prevalência de um status de igualdade quanto a demandas e condições de troca, desencadeavam e mantinham uma simetria relacional, oportunizando a geração de saberes, de transformações cognitivas, afetivas e relacionais [...] fortalecendo assim a efetivação de uma sociodinâmica de acolhimento em que estavam impressas marcas de identificações empáticas, colaborativas. No sair de si para acolher o outro, recebia-se a hospitalidade que era oferecida. (CAMILOTTO; SANTOS, 2016, s/p).

Atualmente, essa prática sociocultural³ vem sendo retomada no contexto turístico em localidades de colonização italiana no Rio Grande do Sul, (re)contando “alusivamente” uma história que encerra raízes culturais, a qual se busca preservar e dar a conhecer. Já em outra conotação, a denominação “filó comunitário”, numa ampliação semântica do termo original “filó”, tem sido aplicada a eventos que congregam toda uma comunidade em celebração às relações sociais que marcaram o cotidiano dos imigrantes italianos. É o caso, por exemplo, do evento anualmente organizado no município de Arvorezinha, durante os festejos da Semana Italiana, conforme descrito e analisado por Camilotto e Hallal (2016).

² Utilizamos o termo “Vale do Taquari” conforme denominação empregada pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (PESSOA, 2017).

³ Na qualificação “sociocultural” está compreendido o entendimento de cultura, conforme Laplantine (2003, p. 96), ou seja, como “[...] o conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros.”.

Por outro lado, igualmente em Arvorezinha e em outros municípios da região, o filó, mantendo-se na memória da comunidade local, ainda é realizado no âmbito doméstico.

No sentido de obter preliminarmente alguns indicativos da frequência com que moradores de Arvorezinha participam de filós, realizamos, em 2017, um levantamento contatando aleatoriamente moradores da localidade através de uma rede social na internet e questionamos sobre a participação ou não em filós de âmbito doméstico e, em caso afirmativo, sobre a frequência dessa participação. Os resultados obtidos em menos de 24 horas indicam que o filó é uma prática que se mantém inserida no cotidiano dessa comunidade. Conforme consta do Quadro 1, a frequência mais expressiva de participação dentre os 20 sujeitos que se manifestaram na rede social é a de uma vez por semana, correspondendo a um percentual de 40% do total de respondentes. Do total, 65% são residentes na zona urbana e 35% na zona rural.

Quadro 1 – Participação em filós, de acordo com respostas de moradores de Arvorezinha.

Frequência	Sujeitos		Total	%
	Zona urbana	Zona rural		
Todos os dias	1	-	1	5
Mais de 1 vez por semana	1	-	1	5
1 vez por semana	5	3	8	40
3 vezes por mês		1	1	5
2 vezes por mês	3	2	5	25
1 vez por mês	1	-	1	5
Não participa	2	1	3	15
Total	13	7	20	100

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nessas localidades, familiares, amigos e vizinhos, em outro contexto sócio-histórico e cultural, diverso daquele em que se reuniam os imigrantes, encontram-se em uma residência para “fazer filó”, o que equivale a dizer, para conversar, comer, beber, rezar, dentre outras atividades. Em outras palavras, reúnem-se para partilhar e “com”partilhar a vida.

Para além de outras perspectivas analíticas a que pode conduzir esse filó de âmbito doméstico que permanece, refletir sobre como se instituem e se configuram

relações sociais e interpessoais entre aqueles que dele participam, remete a buscar compreender como aí se instituem e se caracterizam relações de hospitalidade/acolhimento⁴.

Dencker (2003, p. 146), lembra que “O convívio familiar e comunitário, a hospitalidade, é fundamental para o equilíbrio pessoal e social, pois favorece a generosidade, a integração, a possibilidade de se sentir acolhido em um mundo cada dia mais anônimo.”. As relações que se instalam no convívio doméstico, conjugando os espaços privado e social, diferem daquelas de cunho comercial, como o distingue Lashley (2004). Elas nos reportam, entre outros aspectos, aos “lugares de hospitalidade”, lugares de partilha e interação, de que nos fala Baptista (2008); nos reportam ao receber em casa, ato típico de hospitalidade, envolvendo um complexo entrecruzamento de ritos e significados, como também às leis não escritas, de que nos fala Camargo (2011); nos faz pensar na permanente relação dádiva/dívida implicada no ciclo da tríade “dar-receber-retribuir”, numa alusão a Mauss (2003); ou mesmo nos fazem lembrar de acolhidos e acolhedores alternando-se nos polos da relação, instalando-se a hospitalidade no espaço “entre”, como propõem Santos e Perazzolo (2012).

É no esboço desse quadro que ganha concretude o objeto do presente estudo (relações de hospitalidade/acolhimento em filós domésticos, na forma como atualmente se realizam) e que se origina a questão de pesquisa, assumindo a seguinte configuração:

Considerando: (a) o filó como uma prática sociocultural específica de encontro no âmbito doméstico, ainda realizada por descendentes de imigrantes italianos no interior de suas residências; (b) hospitalidade/acolhimento na perspectiva sócio-humana; e (c) o município de Arvorezinha/RS como a comunidade-alvo de pesquisa, **pergunta-se:**

⁴ Neste trabalho, “Hospitalidade e acolhimento são termos que se permeiam e se referem, respectivamente, à forma e à dinâmica do fenômeno que se constitui no espaço ‘entre’ sujeitos em interação [...]” (PERAZZOLO; FERREIRA; SANTOS; ZERGER, 2016, p. 542). Segundo as autoras, como ambos são fenômenos relacionais, ou seja, possuem o mesmo sentido, ambos são tomados como equivalentes, não sendo feita distinção em seu uso. Essa equivalência será adotada neste trabalho.

Que elementos discursivos sinalizariam a atual prática sociocultural do filó como um evento de favorecimento à manutenção de relações de hospitalidade/acolhimento intracomunitárias, sob a ótica de moradores de Arvorezinha/RS que adotam e realizam atualmente essa prática?

Tem-se assim como objetivo geral analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento.

Especificamente, objetiva-se:

- caracterizar o filó doméstico, objeto da pesquisa, na concepção de sujeitos que dele participam;
- depreender e analisar discursivamente sinalizadores das relações de acolhimento entre sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos participantes do filó.

Na medida em que este estudo traz à reflexão a hospitalidade depreendida de interações entre aqueles que “fazem o filó” mantendo viva essa prática, ele possibilita pensar relações de acolhimento para além do espaço doméstico, uma vez que encerram marcas da dinâmica da cultura local e permitem, projetivamente, entrever traços sinalizadores de desenvolvimento da competência para o acolhimento da comunidade Arvorezinha/RS como um Corpo Coletivo que acolhe – o que confere, nesse sentido, relevância à pesquisa.

Objetivando conhecer os possíveis estudos já realizados relacionando filó e hospitalidade, realizamos uma pesquisa em artigos, dissertações, teses e anais de eventos, a qual pode ser visualizada no Apêndice 1. A partir dessa revisão teórica, verificamos que existem pesquisas que, de algum modo, abordam e/ou caracterizam interações efetivadas antes, durante e depois da realização do filó. Trata-se, contudo, de abordagens não específica e explicitamente pautadas por teorias de hospitalidade, ou nas quais o filó não se constitui em foco central dos estudos. Essa lacuna vem contribuir para justificar a proposição deste trabalho, já que o filó é uma prática de convívio social ainda existente e que faz parte da memória de comunidades de colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Metodologicamente, desenha-se uma investigação de natureza predominantemente qualitativa. Dentre possíveis abordagens analíticas, a hermenêutica se mostra adequada à questão formulada e aos objetivos propostos. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, e os sujeitos da pesquisa, moradores do município de Arvorezinha que realizam essa prática atualmente. O conjunto de procedimentos metodológicos será detalhado posteriormente em item específico.

Assim sendo, no delineamento deste trabalho, darão sequência a essas considerações introdutórias, que compõem o item 1, outros seis itens compreendendo: a apresentação e a contextualização do filó (Traçando um rumo: imigração italiana no Rio Grande do Sul e o filó – Item 2); o referencial teórico construído (Hospitalidade/Acolhimento no caminho – Inserções conceituais – Item 3); as definições relativas à metodologia (Trajeto metodológico – Item 4); a análise e categorização das entrevistas realizadas (Movimento rumo à análise e categorização das verbalizações – Item 5); a síntese interpretativa (Síntese interpretativa da jornada vivenciada – Item 6); e, por fim, as considerações finais (Considerações sobre o percurso – Item 7). Nos Apêndices, além da revisão de literatura, encontra-se o roteiro de entrevista para a coleta de dados e a proposição de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, observada exigência do Comitê de Ética da Instituição.

2 TRAÇANDO UM RUMO: IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL E O FILÓ

Com terras fracas e impróprias para plantio, a Itália da segunda metade do século XIX estava em situação de miséria. Além disso, como o país recém havia se unificado, cada região possuía língua e costumes específicos. Então, a solução encontrada pelo governo foi privilegiar o desenvolvimento do setor industrial em detrimento do agrário, o que fez com que grande parte da população ficasse sem trabalho e precisasse buscar alternativas para suprir a fome e o desespero que haviam se alastrado (MANFROI, 1975, DE BONI; COSTA, 1984).

O Brasil, nesse mesmo período, estava passando por mudanças econômicas advindas, por exemplo, da proibição do tráfico de escravos, que estava em vias de acontecer. Assim, o incentivo à imigração italiana surgia como uma possível solução para essa crescente necessidade de mão-de-obra. Além disso, contribuía para o povoamento do sul do país, tendo em conta que essa região continha terras devolutas e baixa densidade demográfica. A imigração “Também representava a possibilidade de formar um exército que pudesse defender as fronteiras de seu vasto território e branquear a raça.” (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 22).

Seyferth (2015, p. 40) cita três questões correlatas associadas à política imigratória iniciada na década de 1840:

[...] adentrar a modernidade, através da imigração europeia, compreendida como um processo civilizador; a aparente condenação do tráfico negreiro, considerado óbice ao aliciamento de europeus; e o duplo interesse em dois tipos de colonos – aqueles destinados à colonização, e os dirigidos, sob contrato, para os latifúndios cafeeiros, sem acesso à propriedade da terra.

Sobre o tipo “ideal” de imigrante, Colbari (1997) destaca que seria o branco, camponês e resignado. A autora afirma, ainda, que a abolição do trabalho escravo e a imigração da população europeia tinham a “[...] função *purificadora da nacionalidade*, pois contribuía para modificar a composição física e cultural do povo brasileiro, produzindo um tipo racial mais eugênico e mais *civilizado*.” (COLBARI, 1997, s/p, grifos da autora), o qual seria alguém com “bom sangue” e “portador” de valores como disciplina, respeito às leis, ética do trabalho, dentre outros.

Sobre a Itália, De Boni e Costa (1984, p. 54) afirmam que se pode falar em uma indústria da emigração, pois, em curto prazo, “[...] foi mesmo um alto negócio, pois carregou divisas, pelas mais diversas formas, e livrou o país de milhões de deserdados”. Esses emigrantes, “Vivendo em sua pátria, eram inúteis e perigosos, mas ao deixá-la não apenas a aliviavam de uma grave preocupação, como também, estranhamente, passavam a participar da sua vida econômica.” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 54).

A propaganda do Brasil como a terra dos sonhos, em que todos poderiam superar as dificuldades, enriquecer e se fartar foi intensa na Itália, segundo Favaro (2006, p. 314):

Impossível ignorar a intensa propaganda desenvolvida pelos governos interessados na imigração e, em vários momentos, pelo próprio governo italiano, propaganda que certamente alimentava o imaginário coletivo com visões fantásticas do país da fartura, onde, além de frutos, moedas de ouro brotavam das árvores.

O governo brasileiro subsidiava a viagem e prometia os instrumentos necessários para os primeiros anos de vida no campo. Sem muitas opções, numerosas famílias de italianos venderam o pouco que tinham, reuniram o que podiam transportar e partiram “[...] entregues a um destino que desconheciam.” (MANFROI, 1975, p. 100-101). A viagem para o Brasil durava cerca de 40 dias e acontecia em navios superlotados, sem alimentação disponível para todos, sem luminosidade e com péssimas condições de higiene, o que provocava doenças, sobretudo em crianças e idosos, e fazia aumentar os índices de mortalidade durante o percurso (MANFROI, 1975).

Ao abordar os dados da imigração italiana para o Brasil, Manfroi (1975) explica que, no período entre 1876 e 1900, mais de um milhão de italianos migraram para o Brasil, sendo que esses eram maioria em relação ao número total de imigrantes. Em 1900, a população do Brasil era de 17.438.434 habitantes, segundo dados do IBGE (2017a), o que permite considerar que a cada 17 pessoas que habitavam o país uma era imigrante italiano. Conforme Trento (1989, p. 18),

Entre 1880 e 1924, entraram no Brasil mais de 3.600.000 emigrantes, dos quais 38% eram constituídos por italianos, percentual que sobe para 57.4% se examinarmos apenas o período 1880-1904. [...] O Brasil coloca-se, assim, em 3º lugar no fluxo incessante da emigração italiana entre os anos

80 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos Estados Unidos (5 milhões entre 1875 e 1913) e a Argentina (2.400.000).

A maioria dos imigrantes veio do Vêneto, região localizada no nordeste da Itália, correspondendo, segundo Alvim (1986), a cerca de 30% dos imigrantes. Uma grande parcela foi para São Paulo trabalhar nas lavouras de café e a outra, menor, para o Rio Grande do Sul povoar os espaços até então desabitados (MANFROI, 1975). De Boni e Costa (1984) afirmam que entre 80 e 100 mil italianos instalaram-se no Rio Grande do Sul.

Do porto do Rio de Janeiro para Porto Alegre, a viagem durava entre dez e doze dias em vapores quase sempre com maior número de passageiros do que a capacidade permitia. De Porto Alegre, os italianos eram conduzidos para as colônias, sendo que o trajeto por água era feito em vapores de pequenas dimensões, e o terrestre a pé pela floresta virgem (MANFROI, 1975).

As primeiras famílias que chegaram ao Rio Grande do Sul encontraram os alemães (que começaram a imigrar para o Brasil a partir do ano de 1824) nas regiões planas. Assim, “[...] os italianos tiveram de se contentar com lotes localizados no planalto, numa região coberta de mata – a encosta da serra.” (TRENTO, 1989, p. 85).

As duas primeiras colônias de imigrantes foram Dona Isabel e Conde d’Eu (atuais municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi, respectivamente). Em 1875, foi fundada a colônia “Fundos de Nova Palmira”, posteriormente rebatizada como “Colônia Caxias” – hoje em dia, município de Caxias do Sul (MANFROI, 1975).

Conforme Manfroi (1975), o primeiro contingente de imigrantes italianos estabeleceu-se na primeira légua dos Fundos de Nova Palmira em 20 de maio de 1875. De Boni e Costa (1984) explicam que esses primeiros imigrantes eram provenientes da província de Milão e, por conta disso, o novo local para residência recebeu o nome de Nova Milano. Na sequência, os próximos imigrantes a chegarem instalaram-se em outras léguas dessa colônia e nas colônias de Dona Isabel e Conde d’Eu (MANFROI, 1975).

Em 1887, mais ao centro do estado, foi criada a colônia de Silveira Martins (atual município de Silveira Martins). Outras colônias criadas foram Antônio Prado, em 1889, e Guaporé, em 1892 (LOPES, 2012). O município de Encantado – do qual Arvorezinha fez parte até fevereiro de 1959 quando foi elevada à categoria de município – recebeu os primeiros imigrantes por volta do ano de 1882, sendo que

esses eram considerados como imigrantes internos, ou seja, eram famílias que já se encontravam no Rio Grande do Sul, mas que estavam à procura de locais mais favoráveis para construir sua casa e trabalhar com agricultura (LOPES, 2012).

Essas colônias que receberam os italianos eram divididas por uma linha, um caminho estreito por onde se separavam os lotes. Os lotes possuíam de 22 a 25 hectares em forma retangular e não eram doados, mas sim vendidos aos imigrantes que tinham um período de aproximadamente cinco anos para pagar. Inicialmente, todos os lotes deveriam conter um ponto de água. Quando não foi mais possível, os lotes secos, ou seja, sem água, eram vendidos mais baratos (MANFROI, 1975).

Para ficarem mais pertos uns dos outros, os imigrantes construíram suas casas próximas às linhas (caminhos). A distância entre as residências era de cerca de 300 metros (DE BONI; COSTA, 1984). Assim, “Ao longo da linha, as casas se sucediam, alinhadas paralelamente umas às outras, o que evitava o perigo do isolamento. Os fundos do lote de uma linha tinham como limites os fundos do lote da linha paralela, fazendo uma distância de dois quilômetros entre uma linha e outra.” (MANFROI, 1975, p. 115).

Com essa distância entre vizinhos, emergiu a necessidade de as pessoas se reunirem, conviverem, confraternizarem, “[...] saberem notícias da Itália, dos parentes e amigos que permaneceram por lá.” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 39). Então, a realização de encontros, denominados filós, foi vista como um momento em que os imigrantes se reuniam para “[...] amenizar o sofrimento causado pela imigração [...]” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 39). Esses encontros serviam para suportar a saudade da terra natal, dos parentes e amigos deixados na Itália, pois famílias inteiras foram divididas no processo imigratório: “Quando a saudade e o desconforto batessem à porta, o remédio era, quase sempre, um copo de vinho, uma cantoria ou um filó bem aproveitado.” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 39).

Costa (1998, p. 178) descreve que, na Itália, filó era “[...] o conjunto de trabalhos manuais que podiam ser executados em casa, no período de inverno”: preparo de refeições, costura, bordadura, fição, ensino do catecismo, ordenha de vacas, fabrico de queijo, manteiga e requeijão, mas, em grande parte do tempo, não havia o que fazer. Assim, uma das atividades durante essas tardes livres passou a ser o encontro entre vizinhos, inclusive com o objetivo de economia de lenha, escassa na época. O autor ressalta que “Uma família visitava a outra e vice-versa” (COSTA, 1998, p. 178).

Já quando no Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos não encontraram o frio na mesma intensidade que na Itália, mas mantiveram a prática do *filó* como atividade da noite ou do anoitecer, a qual, conforme Costa (1998), tornou-se uma tradição. Alguns autores criaram definições para o *filó*, as quais convergem, em geral, para o sentido de que era um encontro que congregava amigos, vizinhos e parentes:

O *filó*, propriamente dito, como institucionalização do lazer, congregava várias famílias para conviver, conversar, comer e cantar. Várias famílias combinavam de se encontrar, ao entardecer, para, juntas, fraternizarem as próprias experiências. Nesses encontros floresceu a música, a poesia e o humorismo, próprio dos imigrantes. (DE BONI; COSTA, 1984, p. 163).

O *filó* acontecia no período da noite e era mais frequente na zona rural. Ribeiro (2004, p. 340) define-o da seguinte maneira:

O *filó* pode ser definido como o costume de reuniões entre parentes ou vizinhos mais próximos. Eram encontros sociais nas cozinhas, ou nas cantinas domésticas, sobretudo na zona rural. Dele participavam homens, mulheres, jovens e crianças. De um modo geral, fazia-se o *filó* aos sábados à noite, porque, no dia seguinte (domingo), não havia necessidade de levantar cedo para trabalhar. (Grifos da autora).

De forma aproximada, apresentamos o que referem Gomes e Laroque (2010, p. 38-39):

Fazem parte da cultura italiana e foram os primeiros imigrantes que trouxeram esse costume para o Brasil a partir de 1875, e mais especificamente para o Rio Grande do Sul. A cultura de se fazer o *filó*, como se sabe, consistia num encontro social entre parentes, amigos e vizinhos realizado muitas vezes no paiol, na cozinha, no porão ou mesmo ao ar livre. Depois do jantar, homens, mulheres e crianças iam à casa do vizinho para conversar ou muitas vezes para debulhar milho.

Para “fazer *filó*”, as famílias vizinhas, que iam a pé, utilizavam o *feral*, uma espécie de lampião portátil feito em casa, semelhante a uma pequena caixa de madeira, com encaixes para ajustar o vidro (COSTA et al., 1974). Gomes e Laroque (2010) destacam que o *filó* acontecia principalmente nos meses mais frios, entre maio e setembro, em virtude do pouco trabalho na lavoura. Os visitantes eram recebidos “[...] na cozinha, devido ao fogão a lenha, para que pudessem se aquecer e também para esquentar o chimarrão e colocar os pinhões e amendoim na chapa do fogão.” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 39).

Um dos cuidados era em relação ao horário de chegada para o filó, sempre após a família anfitriã já ter jantado (COSTA, 1998). Mesmo que não houvesse uma refeição, havia a partilha de alimentos e bebidas, sem a constituição de uma ceia, sem a característica de sentar-se em volta de uma mesa. Gomes e Laroque (2010) relatam que quem oferecia as comidas e bebidas era a família anfitriã, os visitantes não levavam nada. Oferecia-se aquilo que era produzido através da agricultura e transformado em comida de acordo com os recursos da localidade: “[...] batata-doce cozida no forno, abóbora cozida, pinhões, pipoca, amendoim torrado, pão, salame, queijos, bolos e frutos da época.” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 40). Costa (1998, p. 180) aponta que “A sensibilidade sugeria que se convidassem os vizinhos que não haviam produzido tal e qual produto para compartilhar com eles.”. Em alguns filós mais organizados servia-se um caldo de galinha, denominado brodo (COSTA et al., 1974).

Dentre as bebidas, o vinho era predominante, sendo que a maneira de oferecê-lo dependia da intimidade entre os anfitriões e os visitantes: “[...] oferecia-se vinho às visitas amigas, sem perguntar se aceitariam; oferecia-se vinho às visitas estranhas, mas perguntando, antes, se aceitariam.” (COSTA et al., 1974, p. 78).

As conversas abordavam agricultura, preços, negócios, auxílio de mão-de-obra, trocas de sementes, enfim, temáticas que envolviam o cotidiano do trabalho na roça. Prudencio (2012) destaca que as mulheres não se envolviam nos assuntos dos homens e se reuniam em outro ambiente para dialogar acerca da família, da lida doméstica e da culinária. As crianças aproveitavam o momento para brincar juntas e os jovens podiam encontrar seu(sua) amado(a) e se instruir pela conversa dos adultos. Para Costa (1998, p. 179), “[...] o filó era, acima de tudo, uma grande escola de valores humanos e cristãos, de educação para a sociabilidade, solidariedade e cidadania” e, inclusive, “famílias que não se visitassem, eram famílias mal relacionadas”.

O filó também foi o “[...] espaço privilegiado para o canto associativo.” (RIBEIRO, 2004, p. 340). Gomes (2008, p. 39) afirma que a cantoria, para os imigrantes italianos, “[...] era uma maneira de esquecer as preocupações do dia-a-dia, uma verdadeira celebração de coragem diante das dificuldades.”. A autora ressalta, também, que o ato de cantar “[...] era um sedativo aos problemas do dia-a-dia.” (GOMES, 2008, p. 58). Ribeiro (2004, p. 341) estudando “O lugar do canto” entre os imigrantes italianos e seus descendentes destaca:

É durante o *filó* que, entre copos de vinho, emergem as canções que são executadas sem acompanhamento instrumental. Dessa forma, conserva-se o repertório do grupo nas suas variantes regionais, assim como se enriquece e se amplia (Grifo da autora).

Ademais, o canto, segundo Costa et al. (1974, p. 77), “[...] era importante na oração da noite. [...] Cantavam o rosário, em latim, e as ladainhas de Nossa Senhora. Circulava, entre os imigrantes, um livreto de canções sacras ‘Lodi Sacre’.”.

Além dos momentos para a entoação de canções, o *filó* também se mostrava como oportunidade para a construção de utensílios que seriam úteis no dia-a-dia dos colonos imigrantes, especialmente para o trabalho na roça. A costura de roupas e o artesanato também eram elaborados. Ribeiro (2004, p. 341) explica o que era confeccionado durante o *filó*:

Nessas ocasiões as mulheres faziam, principalmente, a *dressa* – trança de palha de trigo que daria origem aos chapéus e às *sporte*⁵. Remendar a roupa e fazer crochê eram outras atividades das mulheres no *filó*. Já os homens jogavam cartas e conversavam. Se o *filó* acontecia in *cantina* – no porão – desfolhava-se e debulhava-se o milho. Os homens podiam dedicar-se, também, a pequenas atividades artesanais como, por exemplo, fazer um cabo para a enxada ou tecer um cesto de vimes. As crianças brincavam com os sabugos de milho, ouviam histórias e, no verão, brincavam ao ar livre. (Grifos da autora).

Machado (1998) destaca que a vida da mulher no meio rural era de muito trabalho e sacrifício e um dos poucos momentos em que havia algum tipo de lazer era nos *filós*. Percebemos que, mesmo vinculados a uma prática de lazer, algumas das vivências oportunizadas por esses encontros remetiam-se às atividades na roça. Ademais, existia uma divisão de papéis, sendo que os homens eram responsáveis pela produção de determinadas ferramentas, e as mulheres, pela confecção de utensílios de vestuário e/ou de decoração para as casas.

O encerramento dos encontros dependia, conforme apontam Costa et al. (1974, p. 78, grifo dos autores), daquele que anunciava: “‘*Andiamo, que domani dobbiamo venir sú a buon ora*’, isto é, ‘vamos, que amanhã teremos que levantar cedo’.”.

Sobre a prática do *filó*, De Boni e Costa (1984, p. 164) ressaltam:

⁵ *Sporte*: bolsa.

O canto e as manifestações familiares: comida e bebida eram resposta ao profundo desejo de conviver. Amar e ser amado. O homem só se realiza ao nível da comunicação, não do egoísmo, da auto-suficiência, do egocentrismo. É no dar-se aos outros que ele se encontra e se realiza. É salvando os outros que salva a si mesmo. E os nossos antepassados bem compreendiam isso. Talvez, não soubessem dizê-lo. Não eram catedráticos. Mas, foram mestres em ensinar a bem viver.

Tem-se, então, a importância do filó como encontro sociocultural, sendo que, no domínio doméstico, muitas vezes, ele era a única forma de as famílias e vizinhos conviverem e se unirem.

Atualmente há uma expansão do sentido do filó, cuja prática passou a ser realizada, além do domínio doméstico, nos âmbitos comunitário e turístico.

Ao analisar a 11ª Semana Italiana⁶ de Arvorezinha/RS, realizada em 2015, Camilotto e Hallal (2016) destacam a realização de três filós em diferentes dias e em diferentes comunidades do interior do município. Percebem-se, na descrição das atividades pelas autoras, diferenças na realização da prática em contexto comunitário em relação à doméstica.

Gomes (2008) também analisou filós realizados no âmbito comunitário, agora nos municípios de Doutor Ricardo/RS e Encantado/RS. Para a autora, “No filó comunitário, como o próprio nome diz, cada família leva um prato de comida típica ou uma bebida e todos comem comunitariamente, relembrando histórias dos antepassados” (GOMES, 2008, s/p). Destaca, ainda, que em Encantado foi criada uma lei municipal instituindo a Noite do Filó (GOMES, 2008).

Já em Doutor Ricardo, outro município de análise de Gomes (2008), a criação de lei voltada à realização de filós é mais recente. Em notícia veiculada no site oficial da Prefeitura Municipal (DOUTOR RICARDO, 2014, s/p, grifo do site), em 16 de maio de 2014 foi sancionada a Lei nº 1.580/2014 instituindo “[...] ‘DOUTOR RICARDO – TERRA DO FILÓ’ como marca do município de Doutor Ricardo, que deverá ser usada em eventos comemorativos, documentos oficiais, bem como, na divulgação das ações públicas municipais”.

Em Vila Flores/RS, porém em âmbito turístico, existe a Casa do Filó a qual, sob agendamento, retrata o que considera como “Uma festa italiana de época, com momentos de alegria, diversão para todas as idades, jogos, cantorias e farta

⁶ A Semana Italiana foi instituída em Arvorezinha através da Lei nº 1.716, de 18 de abril de 2005 (CAMILOTTO; HALLAL, 2016).

gastronomia.” (SERRA GAÚCHA, 2017, s/p). O site Serra Gaúcha (2017, s/p) destaca a experiência que o visitante terá:

No Filó de Vila Flores os turistas são recebidos à luz dos lampiões e envolvidos pela magia do ambiente, num clima de passado. O visitante sente-se à vontade, interage e convive com o grupo de Filó, participando de todos os momentos. A duração é de 4 horas, sendo realizado sempre à noite.

Tal relevância da prática oportunizou que o município fosse declarado, através da Lei Estadual nº 14.949, de 10 de novembro de 2016, Capital Estadual do Filó (RIO GRANDE DO SUL, 2016).

Também na Serra, mas especificamente em Farroupilha, foi criado o grupo *Nei Tempi Del Filó*⁷, o qual faz demonstrações de filós em feiras, desfiles e festividades, entoando cantigas italianas, principalmente as de dialeto vênето, e servindo pratos de gastronomia considerada típica (BONETTI; ROLLA; HEES, 2007).

Prudencio (2012) investiga e contextualiza modos de vida e produção artesanal de três grupos que atuam na Serra, tendo em vista a compreensão de suas relações com o design para a sustentabilidade. Um desses grupos é composto por senhoras que participam do *Nei Tempi Del Filó*, produzindo artesanato a partir da *dressa*. A autora refere que a participação nesses grupos “[...] tem uma influência muito forte na produção das artesãs, pois, além de trabalhar a questão da manutenção das tradições italianas, atua como fomentador do capital social da vida delas.”. Assim, “As relações nesse cenário são permeadas pelas práticas artesanais que são muito importantes, principalmente porque fortalecem as relações de amizades, respeito, confiança e participação social.” (PRUDENCIO, 2012, p. 135).

Ainda do ponto de vista turístico, no estado de Santa Catarina, nas regiões de colonização italiana, o filó também é uma prática já institucionalizada. Zanella e Rossini (2017, grifo das autoras) explicam que no município de Caçador, em 20 de novembro de 2009, foi instituída a Lei nº 2.662, a qual estabelece o Dia do *Filò*, comemorado em 22 de julho. As autoras abordam que a Federação de Entidades Ítalo-Brasileiras e Mestres e Ofícios da Cultura Talian–FEIBEMO

⁷ Nei Tempi Del Filó: No tempo do filó (tradução literal).

[...] realiza a festa do *Filó* anualmente, na residência de um dos membros fundadores da Federação e atualmente vice-presidente da entidade, Aliduíno Zanella, reunindo aproximadamente 60 pessoas, as quais são incorporadas à cultura em um ambiente familiar, em área urbana da cidade. (ZANELLA, ROSSINI, 2017, p. 207, grifo das autoras).

Zanella (2017) expõe que essa festa é composta por alegria, música e culinária típica, e acontece em especial nas noites de inverno. Em Concórdia, outro município de Santa Catarina, especificamente na comunidade de Lageado dos Pintos, também são realizados filós, os quais têm duração de três horas e acontecem, sob agendamento, para grupos de até 60 pessoas.

O Filó de Concórdia/SC e o Filó de Vila Flores/RS foram analisados por Zanella (2017, p. 20), “[...] como Patrimônio Cultural Imaterial sob a perspectiva do Turismo de Experiência”. Os visitantes, isto é, o público participante das festas, ao serem questionados acerca do que aprenderam com a participação no Filó, destacaram cinco discursos:

“(A) Conhecer e valorizar a história e a cultura dos imigrantes; (B) Relacionamentos interpessoais e respeito ao ser humano; (C) Resgate dos valores e sentimentos; (D) Não sabe o que se aprende, mas considera lindo; e (E) Valorização e união das famílias e dos amigos” (ZANELLA, 2017, p. 91).

Seja em contexto doméstico, comunitário ou turístico, o filó ainda faz parte das vivências dos descendentes de imigrantes italianos e, nesse sentido, seu estudo adquire relevância. Vários autores utilizados para descrever a prática neste item destacam relações interpessoais, o que possibilita a sua análise no viés da hospitalidade/acolhimento.

3 HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO NO CAMINHO – INSERÇÕES CONCEITUAIS

São múltiplas as abordagens teóricas sobre hospitalidade/acolhimento, o que denota a importância crescente que vem sendo conferida à busca de compreensão desse fenômeno multidimensional e às práticas relacionais singulares e coletivas nas quais ele se institui. Dentre essas abordagens, estão aquelas decorrentes de leituras analíticas de base, entre outras, filosófica, antropológica, sociológica, psicológica, econômico-comercial, trazendo à reflexão aspectos específicos a cada uma delas ou possíveis inter-relações, quando essas leituras se permeiam acentuando interfaces.

Considerando a multiplicidade de abordagens, existem elementos particularmente de algumas dessas teorias que possibilitam fazer a leitura do objeto de estudo, o filó doméstico, tendo presentes problema e objetivos de pesquisa. Nesse sentido, realizam-se incursões no universo conceitual da hospitalidade, as quais permitem a construção de um quadro teórico que possa ser utilizado para as análises objetivadas, pondo em foco, de modo especial, a relação “eu-outro”.

Para Baptista (2002, p. 157-158), ao depararmos-nos com outra pessoa, encontramos um ser humano com “[...] outro mundo interior, povoado de segredos, de memórias, de temores e de sonhos.”. A autora destaca que, por sermos sempre um outro para o Outro, a experiência da alteridade por excelência é a relação entre os seres humanos (BAPTISTA, 2008). Nessa direção, mostra-se importante assinalar que Kristeva (1994, p. 9), ao refletir sobre o estrangeiro, o estranho, o Outro, expõe que “[...] o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade [e] começa quando surge a consciência de minha diferença [...]”. Assinala, por conseguinte, que o estranho está em mim e, assim, somos todos estrangeiros, inclusive para nós mesmos.

Em uma relação de hospitalidade, a condição de outro do Outro é respeitada e “[...] a consciência recebe o que vem de fora com a deferência e a cortesia que são devidas a um hóspede, oferecendo-lhe o seu melhor [...]” (BAPTISTA, 2002, p. 159). Baptista (2005) simboliza a hospitalidade como uma casa aberta, exposta a outrem. Essa exposição implica total abertura ao Outro, e, ao entrar-se na aventura da hospitalidade, de certa forma, desprotegido, o ser se transforma: “[...] quando outra pessoa entra no universo da nossa mesmidade, nada poderá voltar a ser como antes.” (BAPTISTA, 2005, p. 15-16). Ainda conforme a autora:

Quando somos receptivos e acolhedores, autorizando a entrada do outro, essa presença humana acaba por nos “tirar do nosso lugar”, chamando-nos para a aventura da solidariedade por força de um misterioso poder de interpelação e de apelação. Acolher alguém de forma hospitaleira significa abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças. Esta atitude receptiva e confiante corresponde a um passo decisivo na direcção (*sic*) de outrem, mas não define, ou esgota, o sentido da hospitalidade social. Ela corresponde, tanto e tão só, ao movimento que “dá lugar” à experiência de afecção (*sic*) mútua que conduz ao compromisso interpessoal. (BAPTISTA, 2008, p. 8, grifos da autora).

Nesse encontro interpessoal que é marcado pelo acolhimento em relação ao Outro, conforme Baptista (2005, p. 17), quem acolhe também é “[...] acolhido porque, na verdade, acaba por receber a hospitalidade que ele próprio oferece.”. Portanto, a hospitalidade justifica-se para a autora como sendo um dos traços fundamentais da subjetividade humana, pois ela representa a disponibilidade da consciência em acolher a realidade do fora de si (BAPTISTA, 2002).

Ao refletir sobre o vínculo “mesmo-outro”, Duque (2014) explica que não é possível definir o “mesmo” sem determinar sua diferença em relação ao “outro”. Dessa forma, a alteridade é sempre anterior à mesmidade. Tecendo ligações com a hospitalidade, o autor afirma que “Mesmidade é sempre exposição total à alteridade e a revelação máxima desse modo de ser dá-se na hospitalidade.” (DUQUE, 2014, p. 153).

Tendo presente a perspectiva de hospitalidade vinculada à relação entre sujeitos, para o processo de análise das repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento, as reflexões de Mauss no “Ensaio sobre a dádiva” também se apresentam como referencial teórico. Publicado originalmente em 1923, o ensaio descreve o que o autor denomina de *sistemas de prestações totais*, sistemas de trocas que precedem a instauração econômica de mercado e de moeda em sociedades consideradas, na época de seus estudos, como arcaicas na Melanésia, Polinésia e Noroeste americano (MAUSS, 2003).

Baseadas na tríade dar-receber-retribuir, as trocas não são exclusivamente de bens e riquezas, “[...] são antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos [...]” (MAUSS, 2003, p. 190-191). O valor maior, para essas sociedades, não incide no objeto trocado, mas na troca em si, nas relações que se estabelecem.

Essas trocas e contratos não são feitas por indivíduos, mas por coletividades, e “[...] não servem à mesma finalidade que o comércio e a troca nas sociedades mais desenvolvidas. A finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas [...]” (MAUSS, 2003, p. 211).

O caráter voluntário dessas prestações, aparentemente livre e gratuito, é, paradoxalmente, obrigatório e interessado. Na concepção do sociólogo e antropólogo, recusar dar, bem como recusar receber, é visto como recusa à aliança e à comunhão. Assim sendo, toda dádiva é, em princípio, sempre aceita e mesmo louvada. Porém, o aceite, mais que um benefício, gera um comprometimento, um desafio de retribuir, “[...] de provar que não se é desigual.” (MAUSS, 2003, p. 248). Para as tribos maori na Nova Zelândia, a troca de presentes carrega, segundo Mauss (2003, p. 198-199), um vínculo simbólico: “Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte. Mesmo abandonada pelo doador, ela ainda conserva algo dele.”.

Mesmo na análise das formas de troca e de transações econômicas naquelas sociedades na Melanésia, na Polinésia e no Noroeste americano, para Mauss, no fundo, essas prestações totais consistiam em misturas: “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.” (MAUSS, 2003, p. 212).

A tríade dar-receber-retribuir tem sido destacada por estudiosos em contextos diversos do analisado por Mauss. De acordo com Perrot (2011), a dádiva é o ato de dar ou aquilo que é dado. Receber, aceitar receber é aceitar algo da essência do doador. Quem dá, dá algo de si, oferece hospitalidade e quem recebe, acolhe algo do outro. Porém, conforme a autora, ao retribuir “[...] não se ‘quita’ uma ‘dívida’, reforça-se, ao contrário, um vínculo entre as pessoas.” (PERROT, 2011, p. 63, grifos da autora). Para Gotman (2011, p. 77-78), a hospitalidade não acontece como solidariedade para com inferiores, mas sim entre pares e participando “[...] plenamente da coesão social dessas sociedades [...]”. Santos, Perazzolo e Ferreira (2017, p. 90) abordam seu entendimento acerca do que existe na origem do dar:

[...] está uma disposição intrínseca para a relação, está um apelo para que o outro aceite quem doa e demonstre isso através da aceitação do objeto dado, da gratidão e do desencadeamento do compromisso de retribuir, em

algum momento de sua história, revitalizando o ciclo da dádiva. Há, portanto, um comunicado explícito da necessidade de ser acolhido, de ser hospedado na vida do outro.

Brusadin e Panosso Netto (2017, p. 24) fazem o exercício de exemplificar a teoria proposta por Mauss na práxis cotidiana da modernidade. Para os autores:

[...] se alguém nos faz um favor, por exemplo, uma relação é estabelecida, por meio da qual provavelmente sentiremos alguma obrigação em troca de fazer outro favor. [...] O senso de comunidade, inclusive em nossos dias, é fortalecido pela disposição de pessoas se ajudarem mutuamente.

Outra proposição a acrescentar na construção do quadro teórico que centraliza a hospitalidade na relação entre sujeitos é a de Santos, Perazzolo e Pereira (2014), as quais, com olhar de base psicossocioantropológica, concebem hospitalidade/acolhimento como um fenômeno que aflora em um espaço “entre”, no qual dois sujeitos, individual ou coletivo, desejam acolher e ser acolhidos.

Santos e Perazzolo (2012) propõem a ideia de sujeito primariamente acolhido e sujeito primariamente acolhedor, destacando que essas são posições iniciais no fenômeno relacional. Se ambos se alternam mutuamente, o acolhimento acontece. Nessa alternância, cada sujeito se distancia de demandas autocentradas e se volta para o outro buscando “[...] olhar com o olhar do outro [...]” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 146, tradução minha).

Nas reflexões das autoras, a hospitalidade transcende o ato de acolher, o qual supõe um único vértice no processo, o acolhedor. Da mesma forma, não é apenas a expressão do desejo de um ou de outro sujeito; “[...] a competência para o acolhimento pressupõe disposição para sair de si, criar e transitar por uma área que também é do outro, pressupõe acolher e ser acolhido [...]” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS; FERREIRA, 2014, p. 68). A disposição para acolher o outro institui uma transformação de si:

Ambos são protagonistas do acolhimento, na medida em que aprendem e se escutam de forma sensível [re]construindo a realidade e [re]construindo-se mutuamente. Ambos induzem a mudanças internas (sujeito epistêmico-psíquico) e externas (realidade/dinâmica turística). E ambos emergem enriquecidos e fortalecidos da incursão no mundo interior daquele que acolhe/é acolhido. (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 151, tradução minha).

Na busca por contribuir na ampliação do campo conceitual da hospitalidade, Perazzolo, Pereira e Santos (2014) propõem um modelo tipológico que abarca a natureza das demandas e as condições de tempo e espaço para o acolhimento. Esse modelo encerra níveis de sincronia e simetria relacionais: “A definição de simetria no fenômeno acolhimento leva em conta o nível de igualdade ou desigualdade relativo à necessidade de acolhimento, ao passo que a sincronia se refere às condições de tempo e espaço que cenarizam o fenômeno.” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 5).

Dessa forma, nos níveis de simetria, o acolhimento pode ser assimétrico, simétrico ou amétrico e, nos níveis de sincronia, se dá como pré-sincrônico, sincrônico ou pós-sincrônico (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014).

Na relação assimétrica, encontra-se, de um lado, aquele que se dispõe a acolher e de outro, aquele que, por alguma circunstância específica, necessita ser acolhido. De acordo com as autoras, “A condição desigual é marcada, efetivamente, pelo binômio ‘disposição – necessidade’.” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 6). No acolhimento simétrico pressupõe-se que haja um padrão de igualdade nos sujeitos em relação às demandas e às condições de trocas que geram saberes. Nas situações de ametria, não há acolhimento, o que ocorre é uma pseudorelação em que os sujeitos estão marcados por demandas autocentradas e ensurdecem-se um para o outro (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014).

Na dimensão da sincronia, o nível pré-sincrônico é marcado pela expectativa do acolhedor para que o acolhido corresponda à ideia previamente elaborada, ou seja, “[...] o sujeito a ser acolhido é pressuposto antes de sua chegada [...]” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 7). Diferentemente, o nível pós-sincrônico concretiza-se a partir de experiências passadas, em que o outro sujeito da relação foi ouvido, conhecido e tem-se um aperfeiçoamento dos medidores relacionais. Já o acolhimento sincrônico desenvolve-se no mesmo tempo e espaço experiencial, o qual, nas palavras das autoras:

Trata-se da forma mais elementar e básica do encontro, em que as dimensões sensoriais, que incluem o olhar, a expressão corporal, a escuta direta do desejo e de saberes, se destacam na trama dinâmica do movimento que constitui o fenômeno do acolher. (PERAZZOLO, PEREIRA, SANTOS, 2014, p. 8).

Nesse contexto de relações de acolhimento entre sujeitos, o espaço doméstico, no qual o filó objeto de estudo deste trabalho é realizado, tem sido destacado por diferentes estudiosos, inclusive metaforizado na forma de mitos. Boff (2005a), ao relembrar a história de Báucis e Filêmon, assinala que um mito auxilia no entendimento de dimensões profundas da existência humana pessoal e coletiva e que, por ser atemporal, em suas releituras, são descobertas novas facetas e significados, os quais permitem permanentes atualizações. O mito conta, explica e revela. No mito contado pelo autor, Júpiter, pai-criador do céu e da terra, e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação, resolveram disfarçar-se de pobres e “[...] vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que haviam posto em marcha.” (BOFF, 2005a, p. 78). Após muita andança e recebimento de maus-tratos, os dois foram recebidos por Báucis e Filêmon em sua casa com uma acolhida e hospitalidade que irradiava. Destaca Boff (2005a, p. 84), que o mito até hoje é contado pelos mais velhos que “[...] repetem a lição até os dias atuais: quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre hospeda a Deus. Quem hospeda a Deus se faz templo de Deus. Quem faz dos estranhos seus comensais herda a imortalidade feliz.”.

Reflexões abarcando hospitalidade em âmbito doméstico, em geral, focalizam a casa, os rituais que ali acontecem, as relações entre anfitrião e hóspede e a entrada em um território que é do outro.

Sem preterir a perspectiva da gestão, ou da hospitalidade que se vem denominando de comercial, o livro de Lashley e Morrison (2004) destaca a necessidade de definição ampla de hospitalidade. Assim, os autores reúnem estudiosos que abordam o tema em seus mais diferentes aspectos e âmbitos. Selwyn (2004, p. 26), por exemplo, apresenta material histórico e etnográfico aportando uma visão socioantropológica em que “A função de hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido.” Para isso, o autor analisa virtudes, rituais e espaços em que a hospitalidade ocorre, como festas e banquetes⁸.

Considerando cenários em que a hospitalidade ocorre, Lashley (2004) ressalta três domínios da hospitalidade que podem ser analisados de forma

⁸ Na referida obra, Brotherton e Wood (2004), remetendo a uma concepção econômico-comercial, apresentam a concepção de indústria da hospitalidade que focaliza organizações comerciais especializadas na provisão de acomodação e/ou alimentos e/ou bebidas.

individual ou integrada. Esses domínios seriam, conforme o autor denomina, o *social*, o *privado* e o *comercial*:

O *domínio social* da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. **O domínio privado considera o âmbito das questões associadas à oferta da “trindade” no lar, assim como leva em consideração o impacto do relacionamento entre anfitrião e hóspede.** O *domínio comercial* diz respeito à oferta de hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público. (LASHLEY, 2004, p. 5, grifos em itálico do autor, grifo em negrito nosso).

O pesquisador considera que o cenário doméstico conjuga os domínios privado e social. O ambiente doméstico é revelador, pois os sujeitos desempenham papéis que vão além dos estreitos relacionamentos mercadológicos. Receber hóspedes “[...] proporciona a oportunidade de situar o indivíduo e a família no contexto da ‘civildade’. Em certa medida, os hóspedes desempenham um papel na avaliação da interação social dos indivíduos e das famílias.” (LASHLEY, 2004, p. 14, grifo do autor).

Igualmente com referência aos contextos em que hospitalidade é exercida, Camargo, em 2003, criou e categorizou eixos culturais e sociais que corresponderiam a tempos e espaços da dinâmica da hospitalidade. No eixo cultural têm-se o receber, o hospedar, o alimentar e o entreter e, no eixo social, as categorias doméstica, pública, comercial e virtual. Com a intersecção dos eixos e a concepção de dezesseis campos teóricos, o autor arriscou uma definição que poderia ser considerada, à época, como mais ampla que as existentes nos manuais de turismo e hotelaria: “Hospitalidade, do ponto de vista analítico-operacional, pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat.” (CAMARGO, 2003, p. 19). Na perspectiva de valor e sentido, Camargo (2003, p. 16) considera que “[...] o ato de receber em casa é o mais típico da hospitalidade e o que envolve maior complexidade do ponto de vista de ritos e significados.”.

Mais tarde, Camargo (2015, p. 43) observou as limitações provocadas por essa categorização, que resultariam da ilusão de totalidade e da sensação de saciedade. Nesse novo momento, observa o autor, “[...] o mais importante é

trabalhar sob o espaço, no nível das relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto os fenômenos.”.

A hospitalidade, em uma perspectiva elaborada pelo autor recentemente, consiste em uma lei não escrita (CAMARGO, 2011), a qual teria alguns componentes essenciais, dentre eles o ritual, a virtude, a troca e a relação humana (CAMARGO, 2015).

Assim sendo, a hospitalidade é concebida como uma cena com dois atores, individuais ou coletivos, sendo um o anfitrião e o outro o hóspede. Esses atores possuem marcações precisas de espaço e tempo e têm suas falas mais ou menos estudadas, dependendo da intimidade que desfrutam. Ambos devem honrar um o outro, sendo que o anfitrião organiza o espaço destinado ao encontro, atende as necessidades do hóspede e vigia-o. Este último honra o anfitrião através de palavras e presentes, aceita todas as gentilezas que receber e utiliza apenas o espaço que lhe é destinado (CAMARGO, 2011). Esses espaços, como a sala de visitas e o quarto de hóspedes, têm um duplo e ambíguo significado:

[...] como dádiva ao hóspede amigo para uma descontração relativa e total (ainda que continue parte da casa, sujeita, portanto, ao controle por parte do anfitrião), e, simultaneamente, como forma de evitar que este contamine os demais espaços de intimidade da casa. (CAMARGO, 2011, p. 25).

Instaura-se, nas percepções de Camargo (2011, p. 17-18), uma relação assimétrica de poder, pois, “Como doador, o anfitrião domina a cena, e o hóspede deve a ele se submeter.”. Contudo, na sucessão de dádivas e contradádivas, os papéis se invertem, o anfitrião torna-se hóspede e deve submeter-se ao novo anfitrião, que antes era o hóspede. Assim, a posição dos atores intercala-se sucessivamente, movimento que pode ser traduzido como uma gangorra (CAMARGO, 2015).

Também trazendo relevância aos rituais nas relações interpessoais, Montandon (2003, p. 132) concebe hospitalidade como “[...] uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis.”, a qual é, “[...] no mínimo, uma das formas mais essenciais da socialização.”. Além da sociabilidade, a relação interpessoal entre anfitrião e convidado instaura um vínculo social e um valor de solidariedade para com ambos (MONTANDON, 2011a).

Um modo de interação social que, para o autor, está quase desaparecido em nossos dias é a visita. Conforme Montandon (2011b, p. 1303), “Visitar pressupõe um deslocamento para encontrar uma pessoa que acolhe o visitante durante um período limitado.”.

A relação interpessoal começa na soleira, na porta que, ao se abrir, revela um rosto desconhecido, um estranho. Montandon (2011a) considera que a soleira, como sendo o limite entre o mundo exterior e o mundo interior, é etapa decisiva comparável a uma iniciação. A soleira delimita uma fronteira que, ao ser transposta, demanda que o convidado aceite as regras do anfitrião.

Para Montandon (2003), a primeira ameaça na chegada de um convidado é a intrusão. Existem regras da conduta social que foram instituídas para amenizar, da melhor forma possível, o caráter hostil dessa intrusão. Parece, nesse sentido, relevante assinalar que Baptista (2005, p. 16) aborda que “[...] mesmo quando desejada, em certo sentido, a entrada de outrem representa sempre a invasão de um espaço e a interrupção de uma rotina.”.

Mas a hospitalidade, de acordo com Montandon (2011a), desapropria os limites da propriedade, pois o anfitrião, que só pode oferecer aquilo que lhe pertence, sacrifica seu bem para que o convidado se torne o proprietário. Oferecer alguma coisa é como uma forma de delegação de si, pois presentear alguém é dar algo de si. Dessa maneira, o presente além de ser da pessoa que oferece, revela o caráter desse doador (MONTANDON, 2011c).

Assim, com a dádiva da hospitalidade, têm-se o “[...] reconhecimento e ênfase de uma original comunidade dos bens, de que aquilo que pertence a um pertence ao outro, que entre o teu e o meu, entre ti e mim, um comum pertencimento, um vínculo secreto vibra e canta.” (MONTANDON, 2011a, p. 32).

Na concepção de Grassi (2011), mesmo com a oferta de presente, o hóspede possui somente o direito de residência temporária, ou seja, ele não deve demorar-se no local em que é acolhido, na casa do anfitrião. Se ele se instala, torna-se membro, perde o *status* de hóspede.

Além desse direito de residência temporária, o hóspede “[...] não pode entrar diretamente no interior da intimidade de um lar, aguarda no umbral da porta que o convidem, pela palavra, pelo gesto a entrar. A hospitalidade é gesto de autorização.” (GRASSI, 2011, p. 48). Sendo assim, a autora percebe que o rito da ultrapassagem, da porta para o lar, pressupõe que haja o reconhecimento da disparidade do *status*

de cada sujeito, mas que, em seguida, acontece uma tentativa de igualização (GRASSI, 2011).

Esse espaço a ser penetrado pode ser, segundo Grassi (2011), geográfico – urbano e doméstico –, mas também psíquico, ou seja, a entrada em um território que é o território do outro. Ambos, geográfico e psíquico, “[...] são ligados, pois, no mais das vezes, todo território geográfico implica um território da alteridade.” (GRASSI, 2011, p. 45).

Derrida (2003, p. 55), ao refletir sobre a interioridade-exterioridade dos sujeitos em relação, aborda que “[...] para constituir o espaço de uma casa habitável e um lar é preciso também uma abertura, uma porta e janelas, é preciso dar passagem ao estrangeiro. Não existe casa ou interioridade sem porta e sem janelas.”.

No livro “Adeus a Emmanuel Lévinas”, Derrida (2008) retoma algumas das principais reflexões do filósofo Lévinas. Em uma das passagens do texto, o autor relembra observações acerca da *porta*:

Se a figura da porta, no limiar que abre o em-si, fosse uma “maneira de falar”, ela diria também a palavra como *maneira* de dizer, maneira de *fazer* com a mão estendida dirigindo-se ao outro para dar-lhe primeiramente de comer, beber e respirar, como Lévinas lembra tão frequentemente em outro texto. (DERRIDA, 2008, p. 44, grifos do autor).

Smoliarova (2011, p. 444, grifo da autora) afirma que em grande parte das línguas, “[...] a palavra *entrada* significa ao mesmo tempo ação e o lugar onde esta ação se realiza. O valor simbólico das duas coisas está abundantemente representado em usos rituais de todos os tempos e de todos os países.”. Dessa maneira, é particular a importância dada à porta de entrada, pois, para a autora, sua forma emoldura, capta, acentua o momento da entrada.

Uma vez transposta a soleira, o gesto de oferecer comida e bebida é percebido por Montandon (2011a) como uma das primeiras coisas que marcam a atitude do hospedeiro. Segundo Camargo (2015), deve-se oferecer o que tem de melhor e, ao proporcionar essa experiência, o anfitrião tem aí sua maior dívida.

O convidado, como deve, *a priori*, aceitar tudo o que lhe ofertam, não pode recusar o alimento e a bebida oferecida. Ao aceitar, é importante que os aprecie e os deguste, pois assim valoriza o dono da casa (MONTANDON, 2011a). De acordo com Boff (2005b, p. 10), “A maior alegria da mãe ou da cozinheira é perceber a

alegria dos comensais.”. Eis onde a comensalidade associa-se de forma inerente à hospitalidade, aqui, particularmente, à hospitalidade doméstica.

O alimento e a bebida quando consumidos em comum marcam o nascimento de uma comunidade (MONTANDON, 2011a). Além de um ato de amizade, a oferta de alimentos e bebidas cria e fortalece laços simbólicos e vínculos de confiança entre as pessoas envolvidas na partilha. “[...] basicamente, o ato de contribuir com o abastecimento do alimento coletivo e partilhá-lo é a base de obrigações e direitos que sustentam a hospitalidade.” (LAHSLEY, 2004, p. 10-11).

Também Boutaud (2011, p. 1213) chama de comensalidade “[...] essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento [...]”. O anfitrião e o convidado tornam-se convivas, comensais, pois partilham uma refeição composta por diversos significados simbólicos. Franco (2010, p. 24) considera que “Os seres humanos atribuem grande função social à refeição e à comensalidade.”, o que vem ao encontro do entendimento de Camargo (2015), para quem a comensalidade é o ponto alto da cena hospitaleira. Nesse mesmo horizonte, segundo Boff (2005a, p. 101-102),

[...] quando estranhos são convidados a compartilhar da mesma mesa, surge a comensalidade. É a expressão mais alta da convivência. Ela representa a superação de toda distância, suspeita e inimizade. Só os que são ou se fizeram amigos podem ser realmente comensais. É expressão de comunhão, de convivência, de partilha, não apenas das comidas, mas também dos ânimos e dos corações.

Montandon (2011a) explica que, nos países mediterrâneos, o copo de água ou a xícara de café oferecida é o gesto de hospitalidade mais espontâneo e imediato; já a mesa e o banquete são o foco central em torno do qual se organiza a hospitalidade. A mesa é percebida por Boutaud (2011, p. 1218) como o lugar de partilha e ainda “[...] o lugar de festa e de celebração, do vínculo social e de convivência, mas também dos grandes momentos da vida”. Dá-se assim “[...] à mesa seu brilho, e aos participantes, toda a possibilidade de viver uma experiência única e inesquecível.”. O autor ressalta que, na mesa, sempre encontramos histórias e relatos sobre o prazer de beber e de comer em sociedade. Na concepção de Boff (2005b, p. 9-10):

A mesa, antes que um móvel, remete a uma experiência existencial e a um rito. Ela representa lugar privilegiado da família, da comunhão e da

irmandade. Partilha-se o alimento e junto com ele comunica-se a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, a comunhão direta que se traduz pela não-cerimônia dos comentários dos fatos cotidianos, das opiniões sem censura sobre os acontecimentos da história local, nacional e internacional. À mesa, além dos familiares, podem estar os amigos e os hóspedes. É à mesa que todos nos sentimos, de certa forma, membros da família humana.

Essa breve incursão conceitual aqui realizada sobre hospitalidade/acolhimento constitui o referencial teórico construído para analisar e sintetizar interpretativamente repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento – objetivo deste trabalho. Cabe, neste momento, descrever os encaminhamentos metodológicos propostos nessa direção, o que será objeto do próximo item.

4 TRAJETO METODOLÓGICO

No âmbito temático deste trabalho, quando se busca caracterizar o filó doméstico na concepção de sujeitos que dele participam e, ainda, depreender e analisar discursivamente sinalizadores das relações de acolhimento entre sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos participantes do filó, a presente pesquisa remete a uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa, o que vem ao encontro das considerações de Flick (2009a). Segundo o autor, a pesquisa qualitativa visa

[...] entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras diferentes, [dentre as quais a análise de] experiências de grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia. (FLICK, 2009a, p. 8, grifo do autor).

Na pesquisa qualitativa, busca-se representar e compreender o objeto em sua totalidade dentro de seus contextos cotidianos (FLICK, 2009b). Sendo o município de Arvorezinha a comunidade-alvo, este trabalho apresenta-se como um estudo de caso, haja vista que essa modalidade de pesquisa “[...] considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.” (GOLDENBERG, 2004, p. 33, grifo da autora).

Tendo em conta as diferentes abordagens analíticas vinculadas à pesquisa qualitativa, a abordagem hermenêutica (adjetivo, nesta pesquisa, tomado em seu sentido amplo, ou seja, a de uma abordagem de cunho analítico-interpretativo) mostra-se condizente com os objetivos deste projeto. Conforme refere Franco (1995, p. 52), a “[...] hermenêutica é exatamente a busca do sentido pela via da interpretação.”. Para Ricoeur (1978, p. 15), a interpretação “[...] é o *trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal.*” (grifo do autor).

A linguagem, como sendo o objeto da hermenêutica, não se reduz ao texto escrito, mas inclui “[...] tudo que pode vir a se tornar palavra em suas mais diversas formas e modos de vida.” (ROHDEN, 2002, p. 232). Citando Gadamer (1992, p. 369-

370), Rohden (2002, p. 234) explica que “[...] uma palavra que não chega ao outro está morta. Pois o diálogo é com o outro, e cada palavra necessita no momento concreto do tom concreto e irrepitível, para que supere [...] a grade do ser diferente e que chegue ao outro.”. O autor ainda destaca que “[...] a hermenêutica considera a linguagem como um princípio que ‘aponta sempre mais além de si mesma e do que diz explicitamente’, isto é, não se esgota nem se conserva no que expressa, no que verbaliza.” (ROHDEN, 2002, p. 238). Sob esse mesmo prisma, apresentamos a seguinte colocação de Ricoeur (1978, p. 8):

Enfim, o próprio trabalho da interpretação revela um desígnio profundo: o de superar uma distância, um afastamento cultural, o de equiparar o leitor a um texto que se tornou um estranho e, assim, incorporar seu sentido à compreensão presente que um homem pode obter dele mesmo.

Metodologicamente, no processo de interpretar, é necessária a composição de uma estrutura que funcionará como uma lente pela qual o texto será interpretado:

[...] a interpretação parte da determinação múltipla dos símbolos [...]. Mas cada interpretação, por definição, reduz essa riqueza, esta multivocidade, e “traduz” o símbolo segundo uma grelha de leitura que lhe é própria. A tarefa dessa criteriologia é a de mostrar que a forma da interpretação é relativa à estrutura teórica do sistema hermenêutico considerado. (RICOEUR, 1978, p. 16, grifo do autor).

O processo analítico-interpretativo dos dados coletados se estruturou em duas vertentes: na análise enunciativa pautada nas reflexões de Bakhtin acerca de enunciação/enunciado, e na análise de conteúdo concebida por Bardin.

Na análise enunciativa proposta por Bakhtin, a linguagem configura-se de forma histórica, cultural e social e engloba a interação entre os sujeitos e os discursos envolvidos na comunicação entre ambos (BRAIT; MELO, 2005). Assim, a utilização da língua acontece em forma de enunciados que refletem as condições de esferas da atividade humana através de seu conteúdo, seu estilo verbal e sua construção composicional (BAKHTIN, 1997). O enunciado/enunciação pode ser definido da seguinte maneira: “[...] emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade.” (BRANDÃO, 2004, p. 106).

A singularidade da utilização de uma palavra na comunicação verbal estabelece-se pela individualidade e pelo contexto. A palavra é *minha*, pois sempre que a escolho utilizar em uma situação e com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de *minha* expressividade. Bakhtin (1997, p. 313) destaca, sobretudo, que essa expressividade “[...] não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual.” Isto é, os enunciados estão sempre passíveis de se alterar, pois dependem do contexto em que foram produzidos, dos sujeitos que o produzem e de qual sentido os interlocutores atribuem ao discurso.

Utilizando um dos exemplos apresentados por Bakhtin – a utilização, por um locutor, da palavra “bem” em um determinado contexto –, Brait e Melo (2005, p. 66) explicam:

[...] o sentido de “bem” só pode acontecer, só pode ser compreendido e consequentemente analisado porque existe uma situação extraverbal implicada no verbal, incluindo aí interlocutores que se conhecem, compartilham universos, conhecimentos, pressupostos, sentimentos. (Grifo dos autores).

Assim, a entonação não pertence à palavra, mas ao enunciado, “Se uma palavra isolada é proferida com uma entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado completo, realizado por uma única palavra [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 309-310).

Para Bakhtin (1997, p. 279), “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]”, os quais o autor denomina de gêneros do discurso. Ao falar, o locutor, sem renunciar à sua individualidade, escolhe, adapta e utiliza um gênero de discurso que foi apreendido no passar o tempo através da comunicação verbal efetuada com os indivíduos que o rodeia:

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1997, p. 301-302).

Nesse sentido, analisamos as marcas linguísticas presentes nas manifestações verbais dos entrevistados, considerando, além da individualidade desses sujeitos, o contexto, o gênero discursivo e a expressividade nos/dos relatos.

A análise de conteúdo, outra ferramenta analítico-interpretativa utilizada neste trabalho, considerando a abordagem hermenêutica, é, para Bardin (1977, p. 42),

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos (sic) de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Grifo da autora).

Como forma de interpretação, a análise de conteúdo organiza-se em três polos cronológicos: (1) pré-análise, (2) exploração, e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase da organização em que as ideias iniciais são sistematizadas. Inicia com o que Bardin (1977, p. 96) denomina por “leitura flutuante”, o primeiro contato com o texto a ser analisado, no qual o analista vai “[...] deixando-se invadir por impressões e orientações”. Para a autora, “Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projecção (sic) de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos.”.

Para a análise, as unidades de significação que visam à categorização podem ser:

- a palavra: todas as palavras do texto – como portadoras de sentido – ou apenas as palavras-chave ou as palavras-tema; e
- o tema: recorte de enunciados que portem significados para o objetivo da análise.

Na sequência, na organização das ocorrências das unidades de significação e na criação de categorias, são levados em conta os seguintes aspectos: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade (BARDIN, 1977). Destacamos que não utilizamos categorias prévias, na medida em que essas emergiram no percurso analítico-interpretativo.

4.1 COLETANDO OS DADOS

Neste subitem apresentamos brevemente o histórico da comunidade-alvo, o município Arvorezinha/RS. Na sequência, explicitamos os sujeitos da pesquisa; técnica e instrumento selecionado para a coleta de dados e para a observância de quesitos de ordem ética.

4.1.1 Comunidade-alvo

O município de Arvorezinha se localiza na encosta inferior do nordeste do estado do Rio Grande do Sul, na região Vale do Taquari. Sua altitude, em relação ao nível do mar, é de 720 metros, possui área de 271 km², população de 10.225 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,694 – médio desenvolvimento humano (IBGE, 2017b). A distância da capital do estado, Porto Alegre, via rodovias BR-386 e ERS-332 é de 213 km. A Figura 1 apresenta, em destaque, a localização do município no Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Localização de Arvorezinha



Fonte: BLOG VIAJANDO DE CARRO, 2017.

O local foi habitado inicialmente por índios caingangues (*Kaa + Ingang = Habitante do Mato*). Contudo, há cerca de quatro mil anos, os guaranis chegaram ao território e, com melhor organização social e tecnologia superior, expulsaram os caingangues do local (ANDRADE; ANDRADE, 2006).

Fazendo parte do grupo de luso-brasileiros que percorria o estado em busca de campos habitáveis, em 1883 Francisco Floriano e João Luís Ferreira encontraram na localidade campos propícios para o desenvolvimento da pecuária e grande mata de araucárias e erva-mate e, por isso, resolveram ali se instalar e construir residência (FERRI; FERRI, 2000).

Posteriormente, João Ferri e família, estes vindos de Bento Gonçalves e descendentes de italianos, se fixaram próximos aos primeiros colonizadores (ANDRADE; ANDRADE, 2006) e passaram a incentivar a ida de outros imigrantes e seus descendentes. Dessa forma, o movimento migratório para a região onde hoje é Arvorezinha iniciou de fato, intensificando-se de 1900 a 1910 (FERRI; FERRI, 2000).

Nesse período não se encontravam mais índios na região. Andrade e Andrade (2006, p. 30-31) acreditam que “[...] eles foram fugindo com a chegada dos colonizadores ou haviam deixado a região já fazia algum tempo.”

O nome Arvorezinha foi constituído em 1938 quando a localidade já era um distrito do município de Encantado. Por conta de uma medida do governo estadual, que extinguiu as repetições nos nomes de localidades – as quais geravam certas confusões –, a área até então denominada Alto Figueira passou a chamar-se Figueira e, em novembro daquele ano, Arvorezinha:

Para decidir qual seria a nova denominação, uma comissão da prefeitura de Encantado teria chegado, no final da tarde, à sede distrital de Figueira. Por algum motivo, não encontraram as lideranças locais [...] Essa comissão teria esperado pela autoridade até certa hora da noite. Então, em frente a um hotel do povoado teria sido convocada a população figueirense. Alguns poucos abnegados compareceram ao local e tomaram conhecimento de que todos estavam ali para a definição de um novo nome para a localidade. O padre Pedro Faustino Piccoli, que estava coordenando a construção da igreja, havia plantado uma árvore no topo do morro. Quando um membro da comissão quis saber dos presentes de onde teria vindo o nome Figueira, um morador teria falado que isso se devia à arvorezinha plantada pelo religioso no alto do morro. De maneira espirituosa, o interlocutor, membro da comissão, não se sabendo se de forma singela ou por deboche, sugeriria Arvorezinha como novo nome. Nenhum dos presentes contestou e a comissão retornou a Encantado, sede do município, com a decisão tomada. (ANDRADE; ANDRADE, 2006, p. 78-79).

No dia 29 de novembro de 1938, foi assinado o Decreto Estadual nº 7.589 em que o Distrito de Figueira passou a se chamar Distrito de Arvorezinha (SCHNEIDER, 2010). O plebiscito para emancipação aconteceu em 30 de novembro de 1958 e o Decreto Lei nº 3.717/59 foi assinado em 16 de fevereiro de 1959 pelo Governador

Leonel de Moura Brizola, “[...] dando autonomia municipal a Arvorezinha e desmembrando-a de Encantado e Soledade.” (FERRI; FERRI, 2000, p. 23).

Na economia do município, atualmente, destaca-se a agricultura de pequenas propriedades, ou seja, é predominantemente familiar (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARVOREZINHA, 2017). As principais plantações são de erva-mate, milho, soja, feijão e fumo (FERRI, 2014). Ferri (2014, p. 12) ressalta que “Arvorezinha é um dos maiores produtores de erva-mate do Brasil, com distribuição em todo o Rio Grande do Sul e exportação para outros estados do país.”.

Os principais atrativos turísticos do município relacionam-se à natureza – Parque das Araucárias, Caminho das Bromélias, Perau de Janeiro e Perau do Facão – e às edificações históricas – Moinho Castaman, Moinho Fachinetto e Igreja São João Batista. Dois eventos que se destacam no site da Prefeitura Municipal são: Natal no Morro, que acontece anualmente e tem como principal atração o Auto de Natal, espetáculo teatral com encenação do nascimento de Jesus; e Femate, Festa Nacional do Mate, a qual é realizada bianualmente e busca destacar as potencialidades da erva-mate na economia local e estadual (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARVOREZINHA, 2017).

4.1.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos entrevistados são moradores de Arvorezinha que, nos últimos cinco anos, incluindo 2017 (recorte temporal), participaram de filós como acolhedores ou acolhidos.

A identificação desses sujeitos se sucedeu com auxílio de indicações desencadeadas conforme o andamento das entrevistas. Esse tipo de amostragem é denominado como *snowball sampling*, ou, em português, amostragem de bola de neve⁹, a qual, conforme Vinuto (2014, p. 203, grifo da autora) se constrói da seguinte forma:

[...] para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus

⁹ Ressaltamos que, pelo processo analítico-interpretativo selecionado, não trabalhamos com ponto de saturação, já que a repetição de uma informação mostra-se como relevante para o grupo estudado.

contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador.

Partindo desse contexto, o primeiro sujeito entrevistado (semente) foi escolhido por ter amplo trânsito nos âmbitos rural e urbano, já que exerce a função de representante de diretoria de capela. A partir dele, as indicações referiram-se a pessoas que já participaram de filós no período de tempo do recorte temporal. Num processo randômico, indicados transformaram-se em indicadores.

Em relação ao número de participantes da pesquisa, foram entrevistadas 25 pessoas de diferentes gêneros, idades e locais de residência, tendo em conta as indicações e o tempo disponível para as entrevistas, que foi entre julho e outubro de 2017. Esses sujeitos serão identificados na pesquisa através de um código que inclui: S (sujeito) + gênero (f: feminino / m: masculino) + local de residência (r: rural / u: urbano) + idade (Quadro 2). Não conseguimos contato com três indicados, os quais, por isso, não foram entrevistados. Outras cinco pessoas que foram indicadas acabaram por não colaborar com a pesquisa, sendo que duas informaram motivos pessoais e as outras três afirmaram que não participaram de filós nos últimos cinco anos.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados.

Nº	Identificação	Gênero	Local de residência	Idade	Indicado por:
1	S _{fu51}	Feminino	Zona urbana	51	Semente
2	S _{fu25}	Feminino	Zona urbana	25	S _{fu51}
3	S _{fr24}	Feminino	Zona rural	24	S _{fu25}
4	S _{mu47}	Masculino	Zona urbana	47	S _{fu51}
5	S _{fu49}	Feminino	Zona urbana	49	S _{fu51}
6	S _{fr69}	Feminino	Zona rural	69	S _{fu51}
7	S _{fu66}	Feminino	Zona urbana	66	S _{fu25}
8	S _{fu70}	Feminino	Zona urbana	70	S _{fu66}
9	S _{fu71}	Feminino	Zona urbana	71	S _{fr69}
10	S _{mu77}	Masculino	Zona urbana	77	S _{fu71}
11	S _{mu67}	Masculino	Zona urbana	67	S _{mu47}
12	S _{fu23}	Feminino	Zona urbana	23	S _{fr24}
13	S _{fu80}	Feminino	Zona urbana	80	S _{fu70}
14	S _{fr56}	Feminino	Zona rural	56	S _{mu67}
15	S _{mr50}	Masculino	Zona rural	50	S _{fu51}
16	S _{fu66a}	Feminino	Zona urbana	66	S _{mu77}
17	S _{fu75}	Feminino	Zona urbana	75	S _{mu47}

18	S _{mr60}	Masculino	Zona rural	60	S _{fu51}
19	S _{mu76}	Masculino	Zona urbana	76	S _{fu66}
20	S _{fu84}	Feminino	Zona urbana	84	S _{fu66a}
21	S _{fu64}	Feminino	Zona urbana	64	S _{fu66}
22	S _{fu88}	Feminino	Zona urbana	88	S _{mu76}
23	S _{fu73}	Feminino	Zona urbana	73	S _{fr56}
24	S _{fu37}	Feminino	Zona urbana	37	S _{fu25}
25	S _{mr42}	Masculino	Zona rural	42	S _{fu23}

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A partir do perfil dos entrevistados, apresentado no Quadro 2, percebemos a predominância de sujeitos do gênero feminino, 18 (72%), sendo apenas 7 (28%) do masculino. Sobre a localidade de residência, 6 pessoas residem atualmente na zona rural (24%) e 19 na zona urbana (76%). Em relação à idade dos participantes, 16% estão nas faixas de 20 e 30 anos; 24%, nas faixas de 40 e 50 anos; 24% na faixa dos 60 anos; 24% na faixa dos 70 anos e 12% na faixa dos 80 anos.

4.1.3 Roteiro de entrevista

As entrevistas semiestruturadas seguiram um roteiro previamente produzido. Esse tipo de entrevista, segundo Triviños (1987, p. 146), “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.”.

No Apêndice 2, apresentamos o roteiro que foi elaborado conforme os objetivos da pesquisa e que, por conta disso, possui dois eixos: o primeiro, voltado para identificar os sujeitos respondentes, cuja intenção era a de tecer eventuais associações entre o discurso e o contexto sócio-histórico do entrevistado; e o segundo eixo, específico sobre o filó, com questões gerais acerca dessa prática (definição, motivação, frequência, local de realização, descrição processual, participantes) e questionamentos que a relacionassem às lentes da hospitalidade¹⁰. Esse último eixo partiu de questionamentos básicos que foram aprofundados conforme o andamento do diálogo. Por conseguinte, “o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco

¹⁰ Nossa principal precaução com relação às perguntas do roteiro foi proporcionar a livre expressão dos entrevistados e não induzir suas respostas. Dessa forma, não utilizamos os termos hospitalidade e acolhimento.

principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e pré-analisadas. Posteriormente, foram examinadas de forma aprofundada, ou seja, em um segundo momento foi feita a síntese interpretativa.

4.1.4 Observância de quesitos de ordem ética

Intentando cumprir exigências legais e institucionais, momentos antes de as entrevistas ocorrerem, os sujeitos entrevistados leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e assinalaram sua concordância em relação ao objetivo, à gravação, ao sigilo sobre seus nomes e ao uso essencialmente acadêmico dos resultados alcançados. O termo pode ser visualizado no Apêndice 3 deste trabalho.

5 MOVIMENTO RUMO À ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DAS VERBALIZAÇÕES

De acordo com o objetivo de analisar repercussões da atual prática social do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento, incluiu-se no trajeto metodológico, já exposto anteriormente, a realização de entrevistas semiestruturadas pautadas por dois núcleos: aspectos gerais, para caracterizar o filó doméstico na concepção de sujeitos que dele participam, e; hospitalidade/acolhimento, para depreender e analisar discursivamente sinalizadores das relações de acolhimento entre sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos participantes do filó. Com o concurso da análise enunciativa, conforme Bakhtin (1997), e da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), efetua-se a análise dos dados coletados nas 25 entrevistas. As verbalizações serão detalhadas na sequência considerando tópicos acerca das perguntas realizadas. Destacamos que os termos “pessoa”, “indivíduo”, “sujeito”, “anfitrião”, “convidado”, “hóspede”, “visitado” e “visitante”, os quais serão frequentemente utilizados na análise, podem referir-se a uma pessoa (individual) ou a um grupo de pessoas (coletivo), a depender do contexto em que estão inseridos.

5.1 DEFINIÇÃO

O primeiro questionamento realizado aos entrevistados foi: “Se eu lhe pedisse para dizer o que é filó, de uma maneira resumida, o que você diria?”. Ao perguntarmos “o que é” estamos, por decorrência, questionando acerca da definição de algo, nesse caso, do filó. Para Garcia (2010, p. 332), a definição “[...] é um recurso de expressão de que nos servimos para dizer o que é que queremos dar a entender quando empregamos uma palavra ou nos referimos a um objeto ou ser.”, a qual é constituída por quatro elementos:

- Termo: a coisa a ser definida;
- Cópula: verbo ser (ou seu equivalente em estruturas menos rígidas, como, por exemplo, “consistir em”, “significar”);
- Gênero: a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo;
- Diferenças: tudo aquilo que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe.

O autor, de forma sintética, apresenta a seguinte fórmula para a sua proposta de definição: $T = G + d_1 + d_2 + \dots + d_n$, em que T = sujeito (termo), G = predicativo (gênero), e d = adjunto(s) do núcleo do predicativo (diferenças) (GARCIA, 2010, p. 334).

Um ponto a ser destacado é que Garcia (2010, p. 335, grifos do autor) considera que uma definição deve ser breve. Se for longa ou composta por uma série de períodos “[...] passa a ser uma *descrição* do objeto, uma *explicação*, a que, então, se costuma dar o nome de ‘definição expandida’ ou ‘alongada’.”, fato acontecido em algumas das verbalizações dos sujeitos entrevistados. Há, em alguns casos, extensa explicação ou repetição de falas e, dessa forma, durante a análise, utilizamos os elementos centrais e caracterizadores das respostas.

Outro ponto a ser levantado é que, apesar de a questão abordar o que é filó, portanto no presente, alguns entrevistados respondem com menções ao passado – “o filó era”. Esses respondentes têm idade superior a 60 anos e os que atualmente residem na zona urbana fazem alusões a vivências sobre quando residiam na zona rural. Em contraste com as verbalizações de outros sujeitos e que estão no presente – **o filó é** – verificamos que, em alguns aspectos, há perpetuação do que se considera a prática. Assim, o que será destacado e contraposto serão as diferenças que emergirão das falas – **o filó era x, hoje é y**.

Além disso, observamos a utilização do presente para indicar um fato do tempo pretérito. Isto é, o entrevistado inicia a sua resposta com **o filó é**, mas, no decorrer da fala, percebemos que ele se refere a um fato de seu passado. Garcia (2010, p. 92, grifo do autor) explica o que o presente do indicativo pode indicar e, em uma das possíveis indicações, está o maior realce para fatos passados: “É o chamado *presente histórico*, em que um fato passado é descrito ou narrado como se estivesse ocorrendo no momento em que se fala.”. Dessa forma, durante a análise dos dados iremos apontar os casos de presente histórico. Como exemplo para ilustrar, tem-se a seguinte verbalização: “[...] que a gente se **conta** uns causo. Se contava causo e não tinha folia de dizer que saiu uma fofoca.” (S_{fu80}).

Nos fragmentos, o filó revela-se como uma forma de convivência entre pessoas (encontro) (Gênero) – como nas falas “[...] uma integração social e uma convivência entre as pessoas.” (S_{fu25}); “[...] um encontro, né, entre amigos, vizinhos [...]” (S_{fu23}) –, cuja síntese encontra-se representada na Figura 2 com características

que desdobram essa prática, considerando a incidência: quanto maior o tamanho da fonte, maior a incidência da respectiva característica.

Figura 2 – Referências a elementos caracterizadores do filó doméstico atual



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A Figura 2 nos permite, assim, dar visão panorâmica do Gênero e dos adjuntos do núcleo do predicativo (GARCIA, 2010). Maior detalhamento será dado na sequência.

Famílias/amigos/vizinhos

Dentre as características que abrangem a “forma de convivência entre pessoas”, ou seja, o Gênero em que os entrevistados inserem o filó (GARCIA, 2010), está o fato de congregar vizinhos, amigos e/ou familiares. Assim, em filós, tem-se a manutenção de relações entre conhecidos. Tal acepção é abordada na grande maioria das verbalizações e, de modo mais evidente, nas falas apresentadas a seguir: [...] encontro de famílias, vai visitar o vizinho, o parente, se encontrar [...] (S_{mr42}); “[...] aqui na cidade tem muita gente de lá, do interior. Até os meus vizinhos de frente, aqui, são os dois vizinhos de perto que eu tinha lá, onde morava. [...] E daí eles convidam: ‘venham fazer um filó’. Nós vamos!” (S_{fu71}); “Porque não precisaria

ser filó entre vizinho, tu pode ir um pouco mais longe, né... Entre conhecidos ou parentes [...]” (S_{mu67}).

Oferta de alimentos e bebidas

A oferta de alimentos e bebidas é outra característica levantada com bastante ocorrência nas verbalizações. O chimarrão desponta como bebida de única referência nessa pergunta e sinaliza processos de hibridação¹¹ dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e, posteriormente, de seus descendentes. Convém destacar que Arvorezinha é um dos municípios do estado com maior produção de erva-mate (CORREIO DO POVO, 2016) e realiza bienalmente a Femate – Festa Nacional da Erva-Mate. Enquanto conversam, os participantes do filó tomam chimarrão. Essa bebida, apesar de quente, não tem seu consumo atrelado ao inverno, assim, supõe-se que seja sempre consumida, independente da estação do ano em que o encontro é realizado.

Acompanhando o chimarrão, tem-se o alimento oferecido, o qual é chamado pelo S_{fr24} de “agrado”, termo que, para o entrevistado, se relaciona à ascendência étnica da comunidade: “[...] pra tomar um chimarrão. Aí também é oferecido algum agrado, como dizem os italianos.”. Dentre as acepções da palavra, chama-nos a atenção “manifestação de carinho” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2018, s/p). Porventura, o alimento seria, então, uma manifestação de carinho do anfitrião para com o seu convidado. Como exemplos de agrados, o respondente cita a pipoca e a bolacha, aquela referida por vários entrevistados. Já a bolacha é percebida pelo S_{fu37} como algo feito na casa – “[...] as pessoas **vão oferecer... o que tem feito na casa**, né... bolacha [...]” –, informação da qual depreendemos que a produção caseira está sendo compartilhada com o que vem de fora, o estrangeiro. Vinculada a um território, o S_{fr69}, morador da zona rural, aborda que, nesses encontros, se comem “[...] coisas da roça [...]”, ou seja, alimentos plantados em propriedades rurais, como amendoim e pinhão. Este último também é apontado por outros moradores, dentre eles o S_{fu73}, o qual ressalta que o consumo da semente acontece na época de sua produção.

¹¹ Hibridação corresponde, conforme Canclini (2003, p. XIX), a processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

Também relacionada à alimentação, faz-se interessante observar a verbalização do S_{mu76}, “[...] é, nós **demos de tudo** ainda.”, após exemplificar os alimentos oferecidos. Apesar da utilização do termo “ainda” para demarcar que tal fato acontece até o presente momento – e por isso pode passar a não acontecer mais –, essa fala exprime uma abertura dos anfitriões para a convivência, afinal, eles oferecem tudo o que é possível oferecer de alimentos para agradar aos convidados. Reforçando essa percepção, podemos visualizar a fala do S_{fu37}: “Pra comer as pessoas vão oferecer... o que tem feito na casa [...] **o que eles têm**”.

Visita/Reunião

De relevante incidência de referências em relação à definição, encontra-se a visita: “[...] visita que a gente faz no vizinho, num parente, num amigo [...]” (S_{mr50}). O Dicionário Michaelis (2018, s/p) aponta que visitar significa “Ir a algum lugar para estar com alguém, com determinado objetivo, como cortesia, sentimento de afeto, obrigação etc.”, o que, em primeiro momento, vai ao encontro das respostas dos entrevistados. Porém, mais que a questão envolvendo a definição de acordo com o dicionário, a repetição e a força conferida à palavra sinalizam que a visita é algo que está na base do filó, sendo-lhe conferido o sentido de uma oportunidade de encontro. O S_{mr42} aponta um possível objetivo para a realização de filós, que seria a visita para pessoas enfermas.

Essas visitas acontecem à noite: “[...] porque o filó tem que ser à noite [...]” (S_{fr24}); “[...] geralmente após a janta, de noite [...]” (S_{mr50}); “[...] era a hora que a gente podia, porque de dia trabalhava, né. E de noite a gente ia fazer um filó [...]” (S_{fu88}). Como o S_{mr50} aborda que se vai fazer a visita de noite após a janta, então, no filó, essa refeição não acontece. Já o S_{fu88}, para explicar o dado, aponta ser uma prática noturna por ser essa a parte do dia em que, no tempo passado, não se estava trabalhando. Em termos de discurso, o S_{fu88}, o S_{fu70} – que também trouxe a verbalização no passado – e o S_{mr50} marcam o fato na perspectiva coletiva, com o emprego do termo “a gente”, ou seja, estendendo-o a outros sujeitos mencionados como participantes do filó: familiares, vizinhos ou amigos. Marca-se a fala do S_{fr24}, o qual impõe o período do dia para a realização dos encontros: o filó **tem** que ser à noite, assim, se não for à noite, não é filó. Outro tópico a ser levantado é o da posição dos entrevistados. Ao utilizarem “é visitar o vizinho”, “ir visitar”, “é nós sair”,

“a gente ia” e “a gente vai”, eles se apresentam como sujeitos visitantes e, assim, como primariamente acolhidos.

Sobre essas visitas, em que ocorre o encontro de pessoas, chama-nos atenção a fala do S_{mu47} – “[...] a gente tem um filó curto. É um encontro, curto.” –, pois sinaliza uma oposição entre o que seria o filó em épocas passadas, um encontro longo, e o tempo de duração no presente, curto, o qual precisa, na sequência, de resposta: “A gente sai às sete e meia, não muito cedo [...] fica lá uma hora no máximo [...]” (S_{mu47}).

Outra alusão à duração da prática é feita: “Das vez se ficava até altas hora da noite fazendo filó, né. [...] Hoje, se não tem ninguém, eu vou dormir cedo, mas, se tem gente, eu não me importo.” (S_{fu84}). Na primeira parte da fala, identificamos que há concordância com o suposto da fala do S_{mu47}, isto é, os filós eram visitas que se prolongavam durante a noite.

Além de possível diminuição na extensão do encontro, é exposto que, na atualidade, há menor frequência de realização: “Hoje em dia vão às vezes [...] Antigamente, não, toda a semana, às vezes todas as noites [...]” (S_{fu51}). Outro indivíduo também ressalta que outrora o filó era corriqueiro: “Antigamente [...] uma vez por semana era certo [...]” (S_{mu67}).

Na mesma direção referida pela visita, nas verbalizações, esses encontros envolvem reunião de pessoas como forma de convivência entre elas. Uma das definições de reunião, de acordo com o Dicionário Michaelis (2018, s/p) é “Evento em que ocorre o encontro de várias pessoas, em determinado local, geralmente para recreação ou convívio social.”, a qual se aproxima das falas de alguns dos entrevistados: “[...] uma união de famílias, onde as famílias se unem pra... pra fazer um filó.” (S_{fu51}); “[...] uma reunião entre pessoas pra favorecer a união, o entendimento [...]” (S_{fu49}). Deduzimos, pelo contexto, que, apesar de o S_{fu51} utilizar o termo “união”, ele se refere à “reunião”. Observa-se menção ao filó como um fato natural, algo que é próprio e que tem fim em si mesmo, isto é, o entrevistado apresenta uma definição tautológica: nos filós, as famílias “se reúnem para fazer filós”. O S_{fu49} apresenta outra finalidade para a realização da prática, a qual seria o favorecimento da união entre pessoas.

Conversa

Os momentos de conversa oportunizados pelos filós também se destacam nas respostas. Vejamos verbalizações como: “[...] pra conversar, assim mesmo, uma conversa do seu dia a dia, dos acontecimentos, da comunidade [...]” (S_{fr24}); “[...] pode ser tido como uma parte humorística, porque nos filó as pessoas riem, contam causos e vão relatando coisas da sua vida antiga, da sua vida atual.” (S_{fu49}); “[...] conta causo de antigamente, e vai indo. Cada um conta uma história, conta um causo, né, e, depois, às vezes a gente acha graça.” (S_{fu73}); “O filó é uma coisa que tu faz filó, fala das coisa que a gente consegue de dia a dia, como é que a gente faz, como é que faz pelo futuro, pela frente [...]” (S_{fu64}).

Compreendemos que a conversa é composta por distintos elementos. O “assim mesmo” dito pelo S_{fr24} permite depreender um tom de alívio ocasionado pelo desabafo, já que, no filó, se comenta sobre o cotidiano e os acontecimentos do dia. O S_{fu49} e o S_{fu64} também apontam o relato sobre fatos da rotina. O S_{fu49}, assim como outros entrevistados, destaca as narrativas sobre o passado, sendo que algumas adquirem tons cômicos (parte humorística, dar risada). Logo, nos filós, a troca de ideias e de experiências traz o tom de compartilhamento. As pessoas compartilham suas histórias e suas vidas. Como se fosse uma descarga no final do dia, ali elas desabafam, relaxam e riem. Observa-se, na verbalização do S_{fu64}, que, como está introduzido em suas vivências de forma natural, o filó novamente é exposto como o “momento (coisa) em que se faz filó”, tendo esse um fim em si mesmo: **“O filó é uma coisa que tu faz filó”**.

Em diferentes falas emergem, em menor incidência, inquietações acerca de modificações na forma em que essas conversas foram adotando: “[...] conversava sobre a vida, que não tinha televisão, não tinha nada, né, de... da gente passar o tempo. [...] Mas ainda a gente vai, alguma vez, nos vizinhos e conversa, só que não tem mais aquela, sabe... que nem antigamente que a gente ficava conversando. Hoje a televisão e o celular já tiram muito a parte da conversa entre as pessoas.” (S_{fu70}). O S_{fu70} apresenta a sua experiência de vida e a influência que as tecnologias tiveram sobre os instantes de conversa e, por associação, sobre a convivência entre pessoas. Além disso, ao referir que **“ainda a gente vai, alguma vez”**, denota que a frequência de realização diminuiu.

Jogos de cartas

Outro adjunto do núcleo do predicativo (diferença) utilizado para definir o filó é o costume de jogar cartas. Vemos que sujeitos de idades semelhantes (mais de 60 anos), mesmo gênero (feminino), mas locais de residência diferentes (zona urbana e rural) associam a prática às partidas. O S_{fu71} aponta haver uma distinção de gênero conforme o tipo de jogo: “E continuamos aquele filó bonito com jogo de quatrilha¹² de novo, jogo de quatrilha mais, e agora eu jogo também bastante jogo de canastra, ma daí é com mulheres.”.

Diferentemente da tônica e em oposição a esses entrevistados, observemos a seguinte verbalização: “[...] sem carta, sem jogo de cartas [...] Hoje, pra ti jogar baralho, o pessoal tem que marcar mesmo pra jogar baralho.” (S_{mu47}). Ao demarcar período temporal – **hoje** – e utilizar o advérbio de realce “mesmo”, o sujeito informa, de forma pressuposta, que, em outros tempos, o pessoal não precisava marcar para jogar baralho. Isto é, não havia necessidade de estipular quando os jogos de cartas iriam acontecer, eles ocorriam quando as pessoas se encontravam nos filós, o que, na visão desse indivíduo, não acontece mais.

Retribuição

Outro conjunto de informações refere que a retribuição de visitas se torna uma alternância de residências para a realização da prática: “Hoje a minha família vai fazer filó na casa de um vizinho. Quando é, que nem, de repente a semana que vem, aquele onde eu fui venham na minha. **É assim que forma os filó.**” (S_{fu51}); “[...] uma noite numa casa de um vizinho, na outra noite o vizinho vinha na tua casa [...]” (S_{fu70}); O S_{fu51} ao expressar que dessa forma é que acontecem os filós condiciona a realização dos encontros a trocas: se a prática acontece é porque as pessoas – os vizinhos – retribuem as visitas, o que, pressupõe-se, acaba por gerar um ciclo infinito, pois sempre alguém terá que retribuir.

Impressões sociocognitivas

Trazendo valência positiva ao sentido do filó, tonalizada por emoções advindas de experiências, dois sujeitos expressam por primeiro em suas respostas

¹² Quatrilha: “[...] tipo de jogo de cartas que se caracteriza pela troca de parceiros durante a partida. Isso porque passam a ser parceiros aqueles que tiverem o mesmo naipe de cartas naquela rodada.” (CORREIO DO POVO, 2012, s/p).

impressões sociocognitivas: “Ah, o filó é uma coisa boa!” (S_{fu66a}); “O filó, antigamente, era muito bom [...]” (S_{fu84}). Outros entrevistados, no decorrer das verbalizações, exteriorizam sentimentos atrelados à nostalgia em relação ao formato em que o filó era realizado em momentos do passado ou sentimentos vinculados ao desenvolvimento da prática: “Mas era muito bom! Muito divertido! Muito, muita risada. Muito bom o tal de filó.” (S_{fu71}); “Mas é bem interessante, a gente gosta bastante disso.” (S_{fu23}); “E era tão bom fazer filó!” (S_{fu64}). Eventualmente, a diferença entre idades pode vir a ter induzido as respostas, já que os sujeitos que se referem ao passado têm 64 e 71 anos e o que aborda a prática na atualidade tem 23 anos. Como já dito anteriormente, há mais menções a vivências anteriores por sujeitos com mais de 60 anos e que residiram, por determinado período de suas vidas, na zona rural. De toda forma, a utilização de expressões como “muito”, “bem”, “bastante” e “tão”, que visam dar ênfase à valência, vem a sinalizar o prazer físico/psíquico proporcionado pela realização dos encontros.

Síntese analítica

Na busca por sintetizar as respostas, e retomando Garcia (2010) a respeito do que abrange uma definição $T = G + d_1 + d_2 + \dots + d_n$, tem-se que Filó (T) é uma forma de convivência entre pessoas (encontro) (G) constituída através de visita/reunião (d₁), que acontece à noite (d₂), congregando amigos, vizinhos e/ou familiares (d₃), com a finalidade de união (d₄), em que ocorre conversa com trocas de ideias e relatos de histórias (d₅), jogos de cartas (d₆) e oferta de alimentos e bebidas (d₇), sendo que os convidados são recebidos pelos anfitriões (d₈) e, posteriormente, estes retribuem a prática (d₉).

O que percebemos é que, ao abrangerem a finalidade para a qual participam dos encontros, os sujeitos demonstram que os filós, além de ter valência positiva em suas vidas, revelam-se como uma forma de convivência relevante em suas vivências intracomunitárias. Nessas visitas, há o compartilhamento de ideias, de recordações sobre o passado, de perspectivas sobre o futuro, de comidas e bebidas, de momentos de entretenimento e, sobretudo, de vidas. Parece-nos que ambos os sujeitos, visitantes e visitados, entram nessa relação com demandas e com disposições de se ajudarem e de se transformarem.

5.2 MOTIVAÇÃO

Em relação à motivação, questionamos sobre como surge a ideia de fazer filós. Os entrevistados mencionam novamente informações relativas a relações interpessoais, à forma de convivência entre pessoas como finalidade (para quê) e não como motivação (porque). Essa questão veio a ratificar o que consta nos elementos caracterizadores dos filós. Assim, referem-se que participam de filós para visitar, reunir, encontrar, conversar e retribuir encontros já realizados.

Ao analisarmos a verbalização do S_{fu64}, “[...] parece que a tua cabeça abriu, né, contam uns caso do que acontece, onde tu foi, o que vai acontecer domingo, como é que tá as coisa.”, inferimos que o filó é oportunidade de aprendizado, afinal as conversas, ideias e experiências compartilhadas permitem que os sujeitos participantes aprendam, ensinem e se modifiquem.

Ressaltamos também a fala do S_{fu49}, pois aponta que os participantes (anfitrião e convidado) são pessoas que **se gostam** e que têm/terão um **bom relacionamento**. Na sequência, o entrevistado verbaliza que, nesses momentos, ocorre acolhimento dos indivíduos, ambos, anfitrião e convidado, acolhendo e sendo acolhidos: “tipo um acolhimento [...] quando você... você é bem tratado, você gosta de acolher bem a pessoa que te visita em sua casa. Então se a pessoa, ela vem te visitar é **porque ela gosta de você**. Então o filó é uma maneira, é um relacionamento mútuo entre pessoas, comunidades, [...]” (S_{fu49}).

Percebemos manifestações de impressões sociocognitivas advindas de experiências positivas: é **divertido**, é aquela **festa** – aquela no sentido de muita. A utilização do termo “difícil” indica que, atualmente, de um lado a frequência de realização de filós diminuiu (“É muito mais **difícil agora** [...] **Mas ainda** surge a ideia de dizer: ‘bom, hoje vamo deixar tudo de lado e vamo fazer um filó lá no fulano’.” (S_{fu71}), ou seja, apesar de menos frequente, até este momento a reunião é realizada), de outro, que, conforme o tempo passa, as pessoas não se encontram mais com tanta periodicidade (“**cada vez tá mais difícil** se encontrar com as pessoas, então eu acho que é uma maneira de encontrar [...]” (S_{mr42})).

Esse possível distanciamento provocaria o intento em realizar filós, nesse sentido como motivação para a realização da prática: “[...] as vez dá saudade da pessoa: ‘ah, faz tempo que a gente não vai em tal lugar’.” (S_{fr56}); “[...] temo saudade dos vizinho também [...]” (S_{mu77}).

Relacionadas à tradição¹³, ascendência étnica e transmissão da prática entre gerações foram algumas das respostas ao questionamento: “[...] pra não deixar morer isso, né. [...] É, é assim, uma tradição e que a gente não deixa morer, porque se a gente não se motivar, assim, de manter viva essa tradição, daqui a pouco as futuras gerações não vão mais ter esse hábito.” (S_{fr24}); “[...] mais talvez pra manter a tradição, né. (S_{mu67}); “Isso vem dos antigo, dos avô, dos bisavô.” (S_{mu76}); “Eu acho que era o costume dos italiano, que costumava fazer o filó, assim.” (S_{fu84}). Observamos que, entre os sujeitos que se referiram aos elementos citados, há diferentes gêneros, moradores da zona urbana e rural, mas, sobretudo, existem polos de idade, sendo, de um lado um dos entrevistados mais novos (S_{fr24}) e de outro um dos com mais anos de idade (S_{fu84}). Assim, identificamos que os participantes da pesquisa percebem o filó como uma prática sociocultural histórica e que deve ser periodicamente realizada para sua preservação.

Destacamos que a motivação para a prática apareceu com mais evidência quando questionamos os respondentes sobre como é a experiência de receber pessoas em sua casa e de ser recebido na casa de outras pessoas para participar de filós. Contudo, iremos analisar essas falas em tópico específico sobre quando os sujeitos abordam a interação.

Sobre este tópico, as respostas sinalizam que as pessoas se encontram em filós porque têm necessidade de se encontrar, de conviver, de conversar e, quando não se encontram, sentem saudades umas das outras. Essa prática também acontece porque a cultura étnica tem destaque nas vivências da comunidade e, à medida que consideram o filó como legado cultural, procuram manter a realização dos encontros.

5.3 LOCAL/AMBIENTE

Todos os entrevistados destacaram que o filó acontece em casas. Três sujeitos abordaram, adicionalmente, a ocorrência de filós em salões de comunidades da zona rural (S_{fu49}, S_{fu75}, S_{fu73}), mas com outros objetivos e rituais. Assim, em

¹³ Apesar de menções ao filó como uma prática que é “tradição” em Arvorezinha, percebemos que ele se refere a um “costume” dessa comunidade, tomando por base a distinção feita por Hobsbawm (1997, p. 10): “O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas) tais como a repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante [e] não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim [...]”.

pergunta específica, questionamos em que lugar/espço da casa o filó é realizado (Quadro 3) e o porquê de ocorrer ali.

Quadro 3 – Total geral de ocorrências de cada uma das unidades de significação presentes nas verbalizações dos sujeitos.

Unidades de significação	Verão	Inverno	Independente	Total de verbalizações
Cozinha		S _{fu49} , S _{fr69} , S _{fu75}	S _{fu51} , S _{fr24} , S _{mu47} , S _{fu25} , S _{fu66} , S _{fu70} , S _{fu71} , S _{mu67} , S _{fu23} , S _{fu80} , S _{fr56} , S _{mr50} , S _{fu66a} , S _{mr60} , S _{mu76} , S _{fu84} , S _{fu64} , S _{fu88} , S _{fu73} , S _{fu37} , S _{mr42}	24
Sala			S _{fu25} , S _{fu49} , S _{fu71} , S _{fu23} , S _{fu75} , S _{fu88}	6
Lugar separado / Quiosque			S _{fu49} , S _{mu77}	2
Porão			S _{fu25}	1
Pátio	S _{fr69}			1

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Conforme se pode observar no Quadro 3, a maior incidência de alusão dos comentários (96%) é a respeito da cozinha – apenas um sujeito não faz menção a este lugar. Quando questionados sobre o porquê de esse ser o espaço escolhido, a maioria dos entrevistados cita fogo/fogão a lenha: “As pessoas chegam, sentam na cozinha, tem o fogão... se é meio frio, já sentam ao redor do fogão. **O lugar dos filó é na cozinha.** O dono da casa quando chega o visitante já convida pra entrar e ficam na cozinha.” (S_{fu51}); “Oitenta por cento é na cozinha onde tem o fogão a lenha. [...] é o próprio calor, sabe? Se tu não tá ao redor do fogão... ali rola tudo, tem o chimarão, tem o amendoim, tem o pinhão. E é como que diz a mãe: ‘**O fogo é mais um, é uma companhia**’, né? Eu não sei se é descendência da pré-história ou o quê, mas as pessoas na nossa cultura, elas sentem como... sentem companhia do fogo. [...] Então ele tem que tá presente e ele gera calor, né. No verão, ele não tá aceso, mas ele tá presente. [...] É aquele ambiente... se torna meio que... um culto. [...] tem que ter um fogão, é um cenário montado pra ter aquele espírito. É algo que vem mais da origem mesmo, os italianos da nossa região.” (S_{mu47}); “Principalmente na cozinha, por causa do fogão, da água, do chimarão. **Em redor do fogão a gente faz**

o filó.” (S_{fu66}); **“Tudo é feito na cozinha,** né. Então a gente costuma aqui, até principalmente no inverno, então já tem o fogão que segura o ambiente meio aquecido.” (S_{mu67}); “[...] ao redor do fogão, tomando chimarrão, comendo umas pipocas, pinhão, amendoim, enfim... cada um faz o agrado do jeito que quer. (S_{mr50}). A cozinha então é o espaço da casa mais utilizado para a realização da prática, a tal ponto que o S_{fu51} marca ser este o lugar do filó e o S_{mu47} explica que este ambiente, juntamente com o fogão a lenha, transforma-se em cenário para que o encontro e todos os rituais – **um culto** nas palavras do sujeito – a ele pertencente aconteçam. Alguns entrevistados utilizam termos como “geralmente” ou “a maioria”, mas também sinalizam a cozinha. Percebemos que o fogão a lenha tem uma função utilitária, que é aquecer a água pro chimarrão e as pessoas e o ambiente no inverno, e também simbólica, já que o S_{mu47} aponta que o fogo gerado é como uma companhia, associando-o a períodos históricos e à etnia italiana. Na cozinha, para o S_{mr50}, também se preparam os agrados, isto é, os alimentos a serem ofertados aos convidados: pipoca, amendoim, pinhão. Tal local pode ser considerado um elemento caracterizador do filó da atualidade e, com isso, ser incorporado à definição anteriormente elaborada.

O S_{fr24} explica que na zona rural não existem salas destinadas a recepcionar os convidados, assim, a cozinha é utilizada nesses casos: “Nas casas de interior não existe a sala de recepção, [...] É na cozinha mesmo [...]”. Já para o S_{fu73}, esse é o maior repartimento da casa, podendo, dessa maneira, confortar todos os participantes: “[...] é **onde tem mais espaço**.”. Outro sujeito também faz referência ao tamanho dos cômodos, mas trazendo a sala como possível local a ser utilizado: “[...] na cozinha ou sala. Onde que tem lugar, se tem bastante pessoa precisa de um lugar um pouco maior.” (S_{fu88}).

Há entrevistados que apontam a utilização da cozinha apenas em períodos de inverno: “Na sala... ou se é frio e a cozinha é um pouco grande, fica na cozinha. Aqui é bastante frio, então tem que se proteger do frio também, com o fogão a lenha.” (S_{fu75}); “Tem pessoas que usam a sala como parte principal. Outros, por exemplo, na parte do inverno usam a cozinha, [...] tem outras pessoas que têm... que daí eles têm uma casinha separada, tipo uma casinha de festa.” (S_{fu49}); “[...] se é calor a gente fica fora, no pátio. Se é frio atrás do fogão a lenha se esquentando.” (S_{fr69}). Nas falas, há dois outros possíveis locais citados, pátio e espaço para festas. O S_{mu77} cita quiosque como ambiente para realização das visitas.

Evidenciamos a verbalização do S_{fu25}, o qual apresenta, além da cozinha e da sala, o porão como repartimento em que acontecem filós, mas destaca que, acontecendo no interior da residência, há maior proximidade entre as pessoas e, dessa maneira, maior convívio: “[...] por ser lugares que as pessoas vão estar mais próximas. Porque se fazem, tipo, em áreas mais livres, vai ter pessoas que vão tá num lugar, vão ter pessoas que vão tá no outro, então dentro de casa é uma forma de reunir mais a família, de reunir mais as pessoas.”.

Depreendemos dos enunciados que receber os convidados dentro de casa, sinaliza a disposição em abrir o lar e a intimidade. A cozinha, lugar onde os filós mais acontecem, e o fogão a lenha estão relacionados ao preparo de alimentos e bebidas a serem servidos e ao calor que emana do fogo e aquece os participantes, mas também à aproximação das pessoas. É como se o fogão a lenha fosse a mesa de jantar e, ao seu redor, as pessoas sentam e vivem em conjunto.

5.4 PARTICIPANTES

Quando questionados acerca de quem participa ou pode participar de filós os sujeitos enunciam, primeiramente, qualquer/todas as pessoas, todos os indivíduos de uma família, amigos, idosos ou então fazem referência às pessoas com quem residem junto. Dessa forma, verificamos a ambiguidade acarretada pela questão, já que há manifestações em relação ao visitante como aquele que vai realizar a prática e também como aquele que vem para visitar. Vejamos os fragmentos no Quadro 4.

Quadro 4 – Unidades de significação enunciadas pelos sujeitos em relação a quem participa ou pode participar de filós.

Unidades de significação	Sujeitos	Verbalizações
Qualquer/todas as pessoas	S _{fu51}	“Mas, qualquer pessoa [...].”
	S _{fu25}	“Ah, na minha opinião, todas as pessoas podem participar.”
	S _{fr24}	“Todo mundo, né.”
	S _{mu47}	“Olha, todos deveriam participar [...].”
	S _{fu49}	“Qualquer pessoa [...].”
	S _{fu66}	“Qualquer idade.”
	S _{mu67}	“Todos. Todas as pessoas, né, porque não... o filó não é uma coisa, assim, restrita pra... só pra pessoas adultas ou só pra jovens. Pode participar todo mundo, porque não temo nada contra, né.”

	S _{fu23}	“Ai, acredito que todo mundo.”
	S _{fr56}	“Ah, eu acho que todo mundo, né.”
	S _{fu66a}	“Ah, acho que tanto faz... jovem, velho, qualquer um.”
	S _{fu75}	“Olha, pra poder participar, desde o bebê até o vovô.”
	S _{mu76}	“Ah, todo mundo pode participar.”
	S _{fu64}	“Qualquer pes...qualquer criança.”
	S _{fu88}	“Ma, eu acho que qualquer pessoa.”
Famílias	S _{fr69}	“Ah, a família... as família.”
	S _{mr50}	“O filó é pra família inteira.”
	S _{mr60}	“Ah, toda a família.”
	S _{fu37}	“Eu acho que toda a família, né.”
	S _{mr42}	“Todos da família... em geral.”
Idosos	S _{fu71}	“Ah, a maioria é gente de mais, mais idade.”
Referência às pessoas que residem junto ao entrevistado	S _{mu77}	“Aqui de casa é eu e ela, só, nós dois.”
Amigos	S _{fu84}	“Ah, as pessoas mais amigas, né.”

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O que verificamos nesses trechos é que, em uma análise unicamente a respeito dessa questão, todas as pessoas podem participar dos encontros. Ademais, identificamos que há sujeitos que fazem referência à idade dos participantes. Bebês, crianças, jovens, vovôs, qualquer idade pode ter o partícipe, não sendo o filó uma prática restrita à determinada faixa etária. Inferimos que os respondentes citam as pessoas que participam ou podem participar de filós de forma geral. Em tese, todos podem participar, mas, conforme manifestado em outros questionamentos, no acontecimento em si reúnem-se amigos, vizinhos e/ou familiares.

Chama a atenção, mesmo que as verbalizações digam respeito a somente dois entrevistados, a referência específica ao fato de que hoje em dia apenas participam pessoas com mais idade, já que, para eles, há desinteresse de jovens em integrar-se, sendo motivos apresentados a influência tecnológica dos meios de comunicação e a possível participação de crianças por obrigação: “[...] olha, é dos quarenta pra cima, dos quarenta anos pra cima. Os jovens, eles, pelo amor de Deus, se fala em ir no filó do vizinho, eles vão no filó do outro vizinho porque lá tem mais adolescentes, mais jovens e o assunto é outro. [...] Só se muito criança... daí vamo dizer assim, até os dez anos ainda dá pra ter crianças nesse ambiente do encontro, do filó acontecendo nos dias de hoje. [...] eles ainda são meio que forçados a ficar juntos ali com os adultos. Mas acima de dez até os trinta, ali, eles dão um jeito de dar o fora. [...] eles vão pra outro compartimento da casa, naquela garagem do

fundo, lá, naquele salão de festas e lá daí, navegam na internet, hoje, hoje. Assistem um futebol, se isolam, tomam... assistem programas de auditório, mas não é um filó no mesmo ambiente, na mesma cozinha ali, perto do fogão, não, não. (S_{mu47}); “As criança também seria bom que viesse fazer filó, não só os adulto. [...] Só os adulto, porque tu faz o quê?! Ele diz: ‘ah, vai atrás dessas coisa pra fazer o quê?’” (S_{fu64}). Na adolescência, destaca Blos (1996), ocorre um desligamento emocional da família, impactado pela vida de grupo do adolescente, a qual tem natureza exclusiva, sendo restrita aos colegas ou àqueles que possuem a mesma idade. Assim, o sujeito adolescente deixa de integrar-se com seus pais e volta-se para o amigo, o que se aproxima do exposto pelos respondentes.

Além da pergunta específica sobre quem participa ou pode participar de filós, questionamos os entrevistados sobre o convite de um encontro para alguém que ainda não tivesse conhecimento da prática. Dessa forma, acabam por apresentar a própria concepção que têm sobre o significado do termo, pois convidariam essa pessoa para: conversar (18 verbalizações), consumir alimentos e bebidas (10 verbalizações), visitar no período da noite (6 verbalizações).

Interessante é observar que, como nesse caso hipotético a pessoa a ser convidada não é um familiar, um amigo ou um vizinho, mas sim alguém que chega de fora, um estrangeiro, os respondentes destacam que o encontro serviria para que se conhecessem e, conforme um dos entrevistados, ao estender para a coletividade, para que o visitante conhecesse o município. Vejamos alguns fragmentos: “[...] convida pra daí até **pra tu fazer amizade, pra conviver com essas pessoas** [...]” (S_{fu51}); “[...] E **gostaríamos que ele também se entrosasse** na nossa... na nossa comunidade, nas nossas famílias [...]” (S_{fu49}); “[...] **conhecer mais sobre Arvorezinha.**” (S_{fu37}). Nessa disponibilidade para acolher o desconhecido, percebemos que há a perspectiva de torná-lo conhecido, de se fazer conhecer por ele e, mais ainda, de torná-lo amigo.

Um destaque especial merece receber o fragmento “[...] venham fazer um serão, filó, que daí a gente se conhece mais, fala mais de você, fala mais da gente, daí **pra gente se conhecer melhor**” (S_{fu71}) e, nele, a configuração de um discurso indireto livre, que funde a narrativa com a citação direta, ou seja, a busca pelo conhecer o outro (“fala mais de você”), o outro, nos conhecer (“fala mais da gente”), havendo assim, pela relação de escuta mútua (“pra gente se conhecer melhor”), a construção almejada de acolhimento recíproco.

De forma condicionada, uma das falas abrange o possível sujeito visitante como alguém que deve portar determinada característica: “[ficaria feliz em receber] desde que seja boa pessoa (risos).” (S_{fu88}). Contudo, essa verbalização representa uma pequena parcela das entrevistas, já que outros entrevistados não referem a necessidade de tomar conhecimento prévio acerca das qualidades/defeitos da pessoa a ser convidada. Outra fala que se sobressai é a seguinte: “pra ver [...] como que a gente age aqui com os nossos vizinhos, com os nossos amigos [...] automaticamente ele também vai ter que aprender a dançar conforme a música.” (S_{fu49}). Embora, neste caso, se possa inferir um não “tentar olhar com o olhar do outro”, o outro como um diferente de mim, o que estaria configurando uma certa surdez relacional, também é possível aí entrever a expressão da importância de que, independentemente da presença de novos/outros participantes, o filó não pode perder as características que, segundo o sujeito, o definem.

Em filós tem-se o encontro de membros de famílias vizinhas, amigas ou então de membros que pertencem a uma mesma família, em sentido amplo, englobando também aqueles que não residem juntos. Quando os sujeitos abordam que todas as pessoas podem participar da prática, depreendemos que se trata de uma afirmação *in generis*, referindo o fato de que toda e qualquer pessoa pode visitar ou ser visitada, mas, uma vez no filó, a interação/relação se dará entre pares e parceiros.

5.5 FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO

Sobre a frequência de realização de filós, ou melhor, a cada quanto tempo participam de encontros, as respostas dos entrevistados abrangem de períodos menores de uma semana até intervalos superiores a um ano. Já que para a realização da entrevista havia um pré-requisito, todos os entrevistados participaram de filós nos últimos cinco anos. O Quadro 5 apresenta a incidência da frequência de participação nesses encontros.

Quadro 5 – Total de incidência das unidades de significação presentes nas verbalizações dos respectivos sujeitos.

Unidades de significação	Sujeitos	Incidência
Mais de uma vez por semana	S _{fr24} , S _{fr69} , S _{mu76}	3
Uma vez por	S _{fu25} , S _{fu66} , S _{mr50}	3

semana		
Mais de duas vezes por mês	S _{fu23} , S _{fu49} , S _{mr42}	3
Mais de uma vez por mês	S _{fu73} , S _{fu75} , S _{fu84}	3
Uma vez por mês	S _{fu37} , S _{fu51} , S _{fu66a} , S _{fu71} , S _{mr60} , S _{mu47}	6
Intervalos superiores há um mês	S _{fr56} , S _{fu64} , S _{fu70} , S _{fu88} , S _{mu77}	5
Intervalo igual ou superior a um ano	S _{fu80} , S _{mu67}	2

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Um filó por mês é a frequência com maior ocorrência dentre os entrevistados, representando 24% do total de verbalizações. Dos sujeitos que se referem a esse dado, destacamos o S_{fu37}, o qual aborda que a periodicidade diminuiu em função de ter filhos, já que há preocupação com as atitudes deles na residência do anfitrião: “Antes de nós ter as crianças nós ia mais. Ia toda a semana... Agora é difícil a coisa com as crianças nas casas, aprontam bastante (risos). Mas eu acho que uma vez por mês.”

Em relação aos que citam participar dos encontros uma vez por ano, ou até menos, apresentamos o exposto pelo S_{mu67}, já que o entrevistado salienta que, por conversar com os vizinhos durante o dia, acaba não os visitando ou sendo visitado no período da noite: “Ih, não é nem uma vez por ano. Eu acho que... porque tem aqui os nossos vizinhos, mesmo, não sei se é porque a gente é vizinho mesmo, então a gente conversa todos os dias, né... de dia, então de noite a gente nem vai se visitar.”.

Outras explicações dizem respeito a dois entrevistados que participam de mais de um filó por semana: “(risos) Ah, assim, lá em casa, assim, a gente costuma ir, assim, nesse meu tio, assim, quase todas as noites. Não digo todas as noites, mas duas ou três vezes por semana a gente tem o costume de ir. E quando a gente não vai, eles vêm.” (S_{fr24}); “É uma vez por semana... duas! Uma vez vamo e uma vem. [...] Tem os vizinho, aí uma noite vamo lá e uma noite eles vem aqui por semana. Na quarta nós imo lá e no sábado eles vêm aqui.” (S_{mu76}). Sobre o primeiro, evidenciamos o riso em relação à pergunta, já que, para o sujeito, a frequência é bastante habitual. Esse sujeito, bem como o S_{mu76}, marcam o que poderíamos denominar de espécie de “contrato” entre os indivíduos com quem participam das

reuniões: em um caso (S_{fr24}) quando não é visitado, visita; e no outro (S_{mu76}) há o dia da semana específico para visitar e para ser visitado.

Relativamente a desde quando os entrevistados participam de filós, todos responderam que desde a infância. Expressões como “**desde sempre**”, “**desde criança**”, “**desde que nasci**”, “**desde pequeno**”, “**desde piaçada**” e “**desde novinho**” vêm a enfatizar que esses encontros estão marcados nas histórias e memórias desses sujeitos.

Verificamos, nas respostas, que os filós são encontros que não regularmente acontecem para todos. A grande variabilidade – de visitas quase diárias àquelas realizadas anualmente – tem a ver com as idiossincrasias dos participantes. Mas mesmo que haja essa oscilação de frequência na atualidade, o filó faz parte dos costumes construídos pelas cores locais, já que os sujeitos sempre realizaram a prática e continuam realizando-a. Ocorre, também, espécie de lei não escrita para alguns dos integrantes das reuniões, já que convencionaram os dias e/ou a periodicidade dos encontros. De toda forma, o filó mostra-se presente nas vivências intracomunitárias de Arvorezinha.

5.6 DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

Antes

Como a prática acontece no período da noite, antes de sua realização, tanto anfitriões quanto convidados jantam em sua própria residência. Analisemos o enunciado do S_{fu51}: “[...] fazem logo a janta, jantam e daí se chega alguém fazer filó, daí já tá pronto, daí é só ficar lá, né, conversando com as pessoas.”. O entrevistado expõe que o sujeito faz o jantar logo, isto é, sem demora, tendo em vista que se chegarem pessoas para visitá-lo não terá mais afazeres e poderá destinar atenção ao visitante. Percebemos, sobre o apresentado, que há uma constante inquietação dos indivíduos acerca da realização dos encontros (pode ou não chegar alguém para fazer filó).

O S_{fu49} faz uma distinção sobre as pessoas que residem na zona urbana das que residem na zona rural quando se organizam para participar de filós, já que o primeiro caso é visto como mais “lightzinho”, ou seja, não há preocupação com as obrigações relacionadas ao trabalho, pois ele é delimitado, a jornada tem início e fim. Assim, o entrevistado expõe que as pessoas chegam do trabalho, jantam e

podem sair para visitar outras pessoas. Já no segundo caso, como são tarefas, possivelmente relacionadas à agricultura ou à pecuária, o respondente destaca que é necessário maior planejamento em relação ao exercício da prática do filó.

Mesmo que não tenha a oferta de jantar, são oferecidos alimentos durante os momentos de conversa. Quando o anfitrião já tem conhecimento prévio da visita, ele prepara o que será consumido durante o encontro: “[...] se a gente sabe que vai vim alguém pra fazer filó, tu já arruma... geralmente, sempre alguma coisa pra comer, né, as vezes tu tora um amendoim, já deixa alguma coisa pronta, o chimarrão, tudo.” (S_{fu51}). Pelo exposto, poderíamos considerar que se o anfitrião não tivesse conhecimento prévio da visita, não iria organizar nenhum alimento e bebida. Contudo, como mencionado pelos entrevistados em outros tópicos, chimarrão e pipoca podem ser preparados durante o acontecimento.

Conforme observamos nas verbalizações, pode-se ou não existir um chamado para que o filó aconteça: a gente janta e depois decide, se sou convidado/convido me organizo anteriormente. Não há concordância em relação à necessidade de convite. Outras falas também evidenciam esse desacordo: “[...] tu tá se preparando, assim, se tu tá em casa, tu tá pensando: ‘**hoje** vamo fazer um filó em tal casa’, né.” (S_{fu71}); “A gente se programa né, ‘**hoje** vou em tal lugar’.” (S_{mr50}); “[...] às vezes a gente avisa a pessoa: ‘olha, eu vou lá na tua casa **hoje** à noite, fazer um filó’.” (S_{fu75}). Percebemos que os sujeitos utilizam o termo “hoje”, o que permite inferir que é uma prática espontânea, sem muito planejamento e que nasce de uma disposição repentina. O S_{fu75} aponta que **às vezes** há o aviso prévio para o anfitrião.

Desse contexto, podemos inferir que um sujeito pode convidar alguém para que um filó aconteça em sua residência, pode ser convidado para ir até a casa do outro visitá-lo ou também pode se autoconvidar para participar dos encontros – através de disposição subitânea ou de aviso prévio. Na grande maioria dos casos, existe a coexistência de não planejamento, o visitante chegando inesperadamente à casa do anfitrião. Apesar de não referida quando os respondentes abordam o que consideram ser a prática, a ocorrência ou não de convite vem a somar na definição sobre os filós, a qual se transforma em mais um adjunto do núcleo do predicativo (diferença).

Durante

A chegada do visitante na residência do visitado envolve o cumprimento entre os sujeitos, o que, para alguns entrevistados, é o momento em que acontece o acolhimento: “[...] o antes é o acolhimento né, tu saudar a pessoa e tal.” (S_{fu25}); “[...] a chegada é o momento mais importante, que a pessoa vem, te recebe, a gente fica feliz. Até a felicidade é bem maior do que era antigamente, né, porque as pessoas tão sozinhas e quando você chega naquela casa ou as pessoas chegam a sua casa, a alegria de receber ou de ser recebido é absurda de... muito forte, muito forte. A recepção é bem calorosa.” (S_{mu47}); “[...] a chegada, a recepção, todo mundo se... nós temos o costume de se dar um abraço, pedir como é que tá, aí entra.” (S_{fu23}); “[...] quando a gente chega, assim, é a acolhida das pessoas. [...] Quando a gente sai pra ir visitar alguém com essa ideia de fazer filó, aí ser bem recebido, né. As pessoas vêm receber, cumprimentam, perguntam: ‘tudo bem?’. Assim, tu já se sente bem, chegando, né, nas famílias.” (S_{mr42}).

Dessa forma, identificamos que a recepção carrega tonalidades positivas para os entrevistados. Na saudação ocorre a primeira troca de informações sobre a situação do outro, pois se pergunta **como o outro está**, se **está tudo bem**, além de haver o toque entre os sujeitos, através do abraço, o qual pode vir a salientar toda a empatia entre os partícipes e um primeiro sinal da disposição para o acolhimento. O S_{mr42} também corrobora com o exposto ao afirmar que, mesmo nos instantes iniciais da visita, quando convidado, já se sente bem ao perceber a atenção que lhe é destinada. Inferimos que esse primeiro encontro acontece na soleira da porta, tendo em conta que o S_{fu23} explica que é depois do cumprimento que as pessoas entram na residência. O S_{mu47} utiliza o adjetivo “muito”, inclusive em duplicidade, e o advérbio “bem” para dar ênfase ao fato de que a alegria proporcionada pelo momento de receber/ser recebido é intensa, já que o que acontece normalmente é o distanciamento das pessoas, a solidão. O entrevistado também cita esse como o instante de maior relevância nos rituais do filó.

No decorrer da prática, destacam-se em incidência de verbalizações os momentos de conversa e a oferta de alimentos e bebidas. Sobre o primeiro ponto, vejamos enunciados: “[...] muitos contam o que fizeram durante o dia, falam da... se são da roça assim, falam dos trabalhos da roça, tudo assuntos relacionados com o que vive, né, no meio em que vive. É, e... às vezes contam, as vezes contam piadas, fazem algum... alguém que sabe alguma brincadeira, assim, tipo, alguma piada, pra

conversar, pra dar risada.” (S_{fu51}); “[...] conversando e relembando certas coisas do passado, da família, ou contar uns causos que aconteceram [...]” (S_{fu71}); “[...] conversa diversos assuntos do dia, da época, da semana. Tanto de trabalho, de política, a gente fofoca, de tudo, sabe.” (S_{mr60}). O diálogo entre os sujeitos que ali estão envolve diferentes temáticas: cotidiano/trabalho, interesses a serem resolvidos (herança, venda de rifa, liturgia, catequese), saúde, vivências relacionadas a tempos passados, brincadeiras, piadas, política e fofocas. Talvez o mais relevante, e já destacamos isso anteriormente, é que no filó há uma espécie de desabafo, já que as pessoas falam de suas vidas, compartilham-nas com os outros e relaxam. Expressões como “pra **passar o tempo**” (S_{fu51}) e “é uma **coisa muito boa**” (S_{fu71}) exemplificam que, apesar da dureza trazida por alguns assuntos comentados, esse encontro desperta nos participantes uma leveza, já que saem de lá de alguma forma realizados/modificados. Apesar de algumas ressalvas feitas em relação às influências tecnológicas e às mudanças nas motivações para que a prática aconteça, o filó é uma forma de convivência entre pessoas.

A maioria dos sujeitos também aborda a oferta de alimentos e bebidas ao descreverem como acontece o filó, durante a prática. Apenas neste tópico, os alimentos citados, em ordem de ocorrência de referências, foram: pipoca (8), amendoim (6), rapadura (4), bolacha/biscoito (3), batata-doce (3), bolo (3), fruta (2), doces – sem especificar – (2), polenta (1), queijo (1), salame (1), cuca (1), pinhão (1), salgado – sem especificar – (1) e gostoli (1). Já as menções a bebidas foram: chimarrão/mate doce (10), vinho (3), quentão (3), refrigerante (1) e suco gelado (1). Assim como em tópicos anteriores, a pipoca e o chimarrão são elementos que mais se apresentam nas verbalizações a respeito do assunto.

Sobre a pipoca, o S_{fu49} associa-o ao período do inverno. Já o S_{fr56} e o S_{mr42} ressaltam que depende da época/temporada, relacionada à produção agrícola: o primeiro sujeito quando não consome frutas, come pipoca; e o segundo consome batata-doce, amendoim ou pipoca. Inferimos que, possivelmente, esse alimento aparece com maior ocorrência pela facilidade em ser preparado, inclusive durante a realização dos encontros. Outros alimentos ou bebidas são associados a estações do ano: no inverno há ingestão de amendoim (S_{fu49}), pinhão (S_{fu49}), quentão (S_{fu49}, S_{fu75}, S_{fu73}) e refrigerante (S_{fu75}); já no verão consome-se suco gelado (S_{fu75}).

Relativamente ao chimarrão, também são feitas referências ao mate doce, em que se adiciona açúcar ou mel à água, sendo que o S_{fu49} relaciona-o à estação do

inverno. Destacam-se trechos das falas de alguns sujeitos quando afirmam que o chimarrão é a **primeira coisa** a ser ofertada (S_{fu25}, S_{fu88}), **não falta** nos filós (S_{mu67}) e é **tradição** em Arvorezinha (S_{mu67}). Mesmo que na questão específica sobre a descrição da prática, a incidência de entrevistados que fazem alusão tenha sido 10, em outros questionamentos a bebida é amplamente citada, inclusive como ação do anfitrião com vistas a acolher o convidado: “**uma visita tu agrada fazendo um chimarrão**” (S_{fu51}). Em todas as entrevistas (25 respondentes), os termos “chimarrão” ou “mate” são mencionados 74 vezes.

Mostra-se relevante evidenciar a necessidade de **sempre** – invariavelmente – haver a presença da alimentação, ou do agrado, como alguns respondentes abordam, feita pelo visitado para configurar o encontro como filó. Os entrevistados, ao responder diversas questões, evidenciam tal afirmação. Algumas das verbalizações são: “**não tem como falhar [...] Se não tem**, não é encontro, **não é filó**, caracterizado filó. E não é filó nem de quem vai fazer filó, se isso não tem, e nem de quem presta o filó, né, de quem recebe” (S_{mu47}); “[...] o vizinho que lhe convidou para ir a sua casa, ele **sempre tem algum preparativo [...]**” (S_{fu49}); “[...] a gente **sempre faz algo ou o que tem.**” (S_{mr60}); “**Aí a pessoa oferece o que ela tem [...]**” (S_{fu70}). Percebe-se, ademais, que pode ser algo preparado de modo específico para o encontro, seja antes ou durante a prática; ou então o que é ofertado já está pronto, mas não produzido exclusivamente para a ocasião.

Nesse questionamento, os jogos de carta são referidos por alguns entrevistados de forma rápida, sem detalhamento, apenas a que tipo de jogo é realizado: “[...] joga baralho, joga bisca, joga canastra [...]

” (S_{fu73}).

A religiosidade presente nas visitas é descrita por três sujeitos, sendo que para um ela está presente em todas as reuniões, enquanto os outros dois mencionam a existência de encontros periódicos com motivação religiosa, os quais também podem ser denominados de filós: “[...] muita gente costuma puxar a oração primeiro, né, principalmente rezar o rosário.” (S_{fu88}); “[...] a gente participa do grupo de Cursilho. Então uma vez por mês, nós somos em oito famílias que faz parte do nosso grupo. Então uma vez por mês a gente se reúne na casa de uma família. [...] Um filó de várias famílias numa casa só, né. Um filó mais reforçado, mais encorpado, né (risos). [...] No começo, então, a família recebe as pessoas, dá as boas vindas e tudo, então tu começa a rezar, faz as orações e dentro das orações tu lê um trecho da Bíblia e então tu comenta.” (S_{mu67}); “[...] nós tinha todas quinta-feira,

nós se reunia as família, né. [...] Nós fazia uma novena, fora de época, assim, sabe. [...] E daí, depois, terminava de rezar e tal, aí a gente começava a contar causo, contava os causo da gente.” (S_{fu73}). Conforme o explicitado pelo S_{mu67} a respeito da reunião de pessoas para fazer orações e ler trechos da Bíblia, evidencia-se a concepção de grupo – aqui como grupo de Cursilho –, o qual é concebido por Osório (2003, p. 57) como o “[...] conjunto de pessoas capazes de se reconhecerem em sua singularidade e que estão exercendo uma ação interativa com objetivos compartilhados.”. Logo, nesses filós, os sujeitos não perdem sua individualidade, mas coparticipam de um encontro com fim comum voltado à sua espiritualidade.

Para finalizar o encontro, os participantes se despedem. Seja pelo término dos assuntos discutidos ou pelo horário, para os sujeitos na despedida há agradecimentos e convites para retorno ou retribuição da visita. Depreendemos que, ao término do encontro, as falas são praticamente ensaiadas, pois existem os sujeitos que abordam o assunto – “**vamos embora?**” – e, na saída são ditas frases-padrão, ou chavões, como denomina o S_{mu47} – **convite para retornar, convite para retribuir**. É como se os agora visitantes dissessem “*vocês nos receberam, agora é a nossa vez de receber vocês e, com isso, efetivaremos a perpetuação dos filós*”.

Sobre o tempo de duração dos encontros, é citado entre uma e quatro horas. Contudo, os entrevistados ressaltam que não é especificado, pois depende dos temas debatidos e do entrosamento entre os participantes. Mas o trabalho no dia seguinte é percebido como um imperativo que delimita o período em que a prática acontece.

Acerca dos fatos que acontecem durante o exercício da prática, verificamos que eles compõem a própria definição que os respondentes criaram sobre este tipo de encontro, sobretudo trazendo destaque aos momentos de conversa e à oferta de alimentos e bebidas e, com menor relevância, aos jogos de cartas. Alguns entrevistados abordam instantes voltados à religiosidade, os quais podem ser adicionados à definição anteriormente elaborada. Há referências, também, à chegada (saudação) e à saída (despedida) do visitante. O primeiro caso é visto como o período em que se toma conhecimento a respeito da situação do outro, e no segundo, tem-se o agradecimento pelos momentos vividos no encontro e o convite para que o convidado retorne e para que o anfitrião retribua.

Depois

A respeito do período posterior à prática, apenas um entrevistado faz referência – “E o depois, daí é umas lembranças boas: ‘que bom que nós fomos lá, conversamos com o fulano, o ciclano, recordamos certas coisas do passado’. É muito... tudo é muito bom.” (S_{fu71}) – e destaca que os encontros marcam sua memória positivamente.

5.7 SUJEITOS EM INTERAÇÃO

Dando continuidade à pesquisa, após os questionamentos voltados ao núcleo de aspectos gerais, em que buscamos caracterizar o filó na concepção de indivíduos que dele participam, voltamos o foco para a pessoa em interação. Assim, foram elaborados questionamentos abordando o entrevistado como sujeito primariamente acolhedor (experiência em receber pessoas) e como primariamente acolhido (experiência quando vai (foi) participar de um filó), cujas respostas podem ser visualizadas no Quadro 6.

Quadro 6 – Verbalizações dos entrevistados, como sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos.

Sujeitos	Primariamente acolhedor	Primariamente acolhido
S _{fr} 24	“[...] às vezes é uma coisa assim, da gente tá desabafando alguma coisa do dia que foi tão carregado e ali pra gente tá se distraindo também [...] a gente sabe que as pessoas lembram da gente, ainda não se esqueceram [...]”	“[...] bem recebido também, bem recepcionado. [...] o afeto né, o carinho das pessoas, a amizade.”
S _{fr} 56	“[...] eu me sinto feliz, porque foi sinal que lembrou da minha família, lembrou de vim na minha casa, sinal que gosta, né.”	“[...] se tu lembrou de ir na casa é porque tu tem saudades, que nem de ir lá, de conversar, de ver as pessoas. [...] Daí parece que eu venho pra casa, assim, tranquila, venho bem porque eu fui fazer aquela visita praquela pessoa que eu tinha vontade de ver.”
S _{fr} 69	“[...] passa umas horas diferente, né, se não a gente sempre meio sozinho. Se vem um casal fazer filó muda, muda tudo , e passa o tempo rápido.”	“[...] eles recebem bem. [...] acolher bem as pessoas que chegam e agradecer quando saem.”
S _{fr} 23	“Eu me sinto muito bem, porque eu acho, assim, que as pessoas gostam da gente. Por isso que vêm.”	“Se a gente vai na casa de alguém, é porque a gente gosta daquele alguém.”
S _{fr} 25	“A gente sai menos de casa, então a gente fica muito acomodado. [...] Então quando vem alguma pessoa na tua casa é bom, porque daí te distrai, tu conversa, passa o tempo.”	“[...] eu gosto do acolhimento [...] mesmo se fosse na casa de desconhecido, elas vão te tratar como se [...] fosse pessoa da mesma família delas. Elas querem te agradar, elas querem, assim, que tu se sinta valorizado.”
S _{fr} 37	“[...] é sinal que lembra de ti, né, que querem vir na tua casa.”	“Quando tu é bem recebido, meu Deus! Tu se sente bem. [...] Se tu é bem recebido, tem aquela troca de experiências, de convívio a pessoa sai já alegre: ‘Bah, que bom vim aqui, né, vou voltar de novo!’”
S _{fr} 49	“[...] se a pessoa me visita é porque ela gosta de mim. E quando a pessoa não te visita é porque a pessoa não te dá muita importância, né. [...] eu vou fazer o possível pra recebê-los bem. Com... assim, com coisas boas também, assuntos bons e que eles sejam bem acolhidos.”	“[...] me sinto bem, porque eu vejo que a pessoa fica feliz em me receber. Então com aquela felicidade que ela tem em me receber bem, em me tratar bem, eu também fico feliz, porque além dela estar me proporcionando alegria pra mim, ela também... eu vejo que ela está feliz. ”
S _{fr} 51	“[...] uma forma de amizade [...]. Se tu vai visitar, tu vai	“[...] se eu vou num lugar que sou bem recebida, a

	fazer um filó em outra casa, é porque tu sabe que onde tu vai, tu vai ser bem recebido, né.”	<p>peessoa me dá valor, conversa contigo, tem assuntos pra conversar, aí é que se torna um filó. Daí que é bom, né.”</p> <p>“[...] uma alegria também, porque eles te dão valor, né, quando eles te encovida fazer filó.”</p> <p>“[...] sou bem recebida [...] Tu vê o jeito da pessoa, que te recebe bem, tu fica... animada, tranquila, né. Porque tu vê o jeito da pessoa, se tu chega gosta ou não gosta que tu chega.</p> <p>“[...] já dou uma visita, a gente... se come alguma coisa, se não come tá bom igual (risos).”</p> <p>“[...] as pessoas me recebem com muito carinho. [...] ‘Entra, fica a vontade’, ‘que bom que tu veio na minha casa’, né.”</p> <p>“É uma maravilha hoje em dia onde a gente consegue ainda ir, porque, tu vê, a gente vai pouco.”</p> <p>“[...] com alegria, é um prazer, eu vou na casa e a pessoa me recebe.”</p> <p>“[...] como a gente recebe as pessoas com carinho, a gente também é recebido com carinho, amizade, alegria.”</p> <p>“[...] gostava de ir. Se ia lá de noite, visitar os doente também a gente ia. E depois a gente sempre devolvia a visita, porque dizia: ‘como eles vieram, nós também vamo.’”</p> <p>“Significa uma alegria. Que aí a gente chega, fica faceiro, contente.”</p>
S _{flu64}	“Ah, me sinto feliz, porque pelo menos tu conta umas coisa, troca de ideias, né. E daí tu fala uma coisa, ele fala outra e daí a gente vê que a gente tem alguma coisa na vida também. É bom conversar, fazer um filó.”	
S _{flu66}	“[se] a pessoa vem [é] porque a pessoa gosta de vim fazer o filó. Com muita alegria recebo as pessoas, com muito prazer.”	
S _{flu66a}	“Adoro! Pra se unir, pras pessoas se unir.”	
S _{flu70}	“A gente recebe com muito carinho [...] eu fico feliz que eles vêm, sinal que eles gostam de mim, né, e da minha família.”	
S _{flu71}	“[...] a gente já faz uma festa, assim, fiquemo feliz.”	
S _{flu73}	“Eu adoro quando eles vêm. Eu acho coisa mais linda do mundo. Sinal que eles te consideram e te querem bem. A pessoa que não recebe visita parece que é uma pessoa sem, assim... como é que vou te dizer... tem uma expressão diferente... é uma pessoa triste. A gente recebe visita, parece que eles traz alegria em casa. ”	
S _{flu75}	“[...] eu me sinto feliz, porque eu acho que eu fui escolhida pra ser visitada, pra vim fazer um filó.”	
S _{flu80}	“[...] a gente se sente mais feliz, mais contente. Daí a gente sabe alguma coisa, porque se não tu não sabe nada.”	
S _{flu84}	“[...] fica faceiro, porque daí já tem outras visita de conversar.”	

S _{fu} 88	“Ah, eu pra mim é uma grande coisa, né, porque eu tenho uma família maravilhosa.”	“[...] é uma grande coisa, viu, ser bem recebido [...] A gente se acha mais honrado também, né.”
S _{mr} 42	“[...] é bom, a gente fica alegre, feliz, né, por vim.”	“[...] a gente também gosta de ir nos outros lugar, pra gente é muito gratificante.”
S _{mr} 50	“[...] principalmente amizade. O querer conviver com outras pessoas, né, se encontrar.”	“‘Ô, que bom que tu veio’. Eu acho que a gente se sente valorizado porque tá indo visitar o amigo e no outro dia ele vem retribuir a visita, então a gente faz uma troca, digamos assim, na verdade.”
S _{mr} 60	“[...] a gente se sente até valorizado, porque as pessoas visitam a gente.”	“Como a gente sente quando vai na casa de um, a pessoa fica contente também de ser lembrada.”
S _{mu} 47	“Eu gosto de receber as pessoas, aqui em casa, que falem a mesma língua que eu. (risos) Se vier aqui e começar a falar de futebol, esquece! Pra mim, vai me começar a dar sono, eu não vou ter assunto.”	“[...] eu tento buscar, nos filós que eu faço, essa afetividade.”
S _{mu} 67	“[...] se sente valorizado, né, porque se alguém vem na tua casa é porque essas pessoas gostam de ti, primeiramente. [...] Então a gente procura agradar ao máximo essas pessoas.”	“[...] quando vamo na casa de alguém, nós vamo lá porque nós gostamo dessa pessoa, né, tu se sente bem ir lá.”
S _{mu} 76	“[...] se sente bem, porque passa umas hora mais tranquilo e falando.”	“[...] a mesma coisa, a gente se sente bem.”
S _{mu} 77	“[...] o mais importante é que a gente vê como as pessoa tão.”	“[...] as vez a gente é encovidado, a gente tem saudade do vizinho, uma coisa ou outra.”

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Sobre receber pessoas em suas casas para fazer filós, para os entrevistados significa, essencialmente, que existem vínculos de amizade entre os participantes e que esse relacionamento é valorizado pelos convidados. Alguns destacam sentimentos positivos, pois se sentem felizes, alegres com os momentos oportunizados pelos encontros. Os sujeitos também abordam oportunidade para conversa/desabafo, boa recepção, atividade diferente das cotidianas e necessidade de assuntos em comum.

Nesse sentido, percebemos que há disposição dos entrevistados para receber pessoas em sua casa para fazer filó. Contudo, observamos que, na maioria dos casos (92%), não há distinção entre convidados, pois se referem a sujeitos indefinidos – ela [a pessoa], pessoa, casal [de pessoas], eles [as pessoas]. Recordemos, porém, que, no decorrer das entrevistas, os respondentes assinalam que o filó congrega amigos, vizinhos e/ou familiares. Outros sujeitos (8%), quando analisados como primariamente acolhedores, marcam explicitamente o discernimento, isto é, abordam a existência de um perfil apropriado de visitante, pois recebem “minha família” (S_{fu88}) ou pessoas “que falem a mesma língua [mesmos assuntos] que eu” (S_{mu47}).

Apesar de um dos questionamentos pôr em foco o sujeito primariamente acolhedor, em vários momentos, as falas sinalizam que o que se sucede, na verdade, é que esse sujeito se coloca na perspectiva de acolhido pelo visitante, mesmo em sua própria casa, afinal, se sente **feliz, alegre, valorizado**, tem a **oportunidade de vivenciar momentos diferentes** do cotidiano e que desfazem a solidão, e percebe o **afeto** que é dispensado por aquele que o visita.

Destacam-se percepções de que receber pessoas em sua casa indica **amizade** entre os indivíduos que compartilham o momento. Logo, parece-nos oportuno aqui apresentar um trecho do poema escandinavo *Havamál*, o qual é comentado por Mauss (2003, p. 186, grifos do autor) no “Ensaio sobre a Dádiva” e que, de certa forma, se aproxima das percepções dos entrevistados sobre a amizade expressa em filós:

*Sabes isto, se tens um amigo
em quem confias
e se queres obter um bom resultado,
convém misturar tua alma à dele
e trocar presentes
e visitá-lo com freqüência.*

Depreendemos, das respostas, que os presentes trocados nos encontros não são levados embora pelo visitante quando ele se despede. São desfrutados no momento em que a visita acontece: é o carinho, o afeto, a conversa e a oferta de alimentos e bebidas.

Realçamos que, dos enunciados, emergem traços de afetividade na significação da experiência de relação sócio-humana vivida pelos sujeitos primariamente acolhedores e acolhidos (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA; FERREIRA, 2013): **adoram**, faz-se uma **festa**, fica-se **mais feliz, alegre**, e é uma **grande coisa**. O que percebemos é que as emoções, as quais são assinaladas por uma valência positiva, ainda que em diferentes graus (mais, grande), impactam a percepção construída acerca das experiências advindas das vivências em filós e na reconstrução mnemônica.

Para alguns entrevistados, ao receberem pessoas em suas casas, eles têm a oportunidade de aprendizagem relacional, afetiva e cognitiva. Receber é, de certa forma, aprender com o Outro – **ao recebê-lo em minha casa aprendo com ele**. São nesses momentos que a troca de experiência transforma os sujeitos e evidencia a disposição para o acolhimento.

Quando a questão se voltava para o sujeito em interação como primariamente acolhido, a maior parcela dos respondentes refere-se à boa recepção, isto é, informou que é “bem recebido nas casas onde vai fazer filó”, o que já denota que ele não é apenas recebido, mas o uso do advérbio indica ser em alto grau. Assim, quando os entrevistados expõem somente isso, é solicitado que expliquem o que significa ser “bem recebido”. Nesse sentido, destacam, nas ações do anfitrião, a atenção que lhes é destinada, demonstrações de carinho, afeto, manifestações de felicidade e de valorização da visita e o agradecimento pelo convívio oportunizado no momento do encontro. Identificamos que, nesta resposta, todas as referências são sobre a relação interpessoal estabelecida no contato entre os sujeitos, pois em nenhum momento foi citada, por exemplo, a infraestrutura do local, o que sinaliza a relevância do filó como uma forma de convivência entre pessoas. Inclusive, são essas as ações que caracterizam os encontros, pois, conforme o S_{fu51} , além de ter valência positiva – **daí que é bom** – são elas que tornam o encontro um filó – **aí é que se torna um filó**.

As respostas também assinalam marcas de possível existência de preocupação em receber o sujeito na sua singularidade e fazê-lo se sentir pertencente àquele ambiente. Dessa forma, destacamos a fala do S_{fu25}, sobretudo ao abordar que o mais importante ao ser recebido é o acolhimento, o qual se configura, para o sujeito, como ser tratado e considerado como se fosse um membro da família, alguém que, mesmo se distante, é visto como íntimo do anfitrião.

Os sujeitos S_{fr69} e S_{fu49} também apresentam o termo “acolhimento” em suas respostas, sendo que, para o primeiro, se configura como acolher bem o visitante na chegada. Já o segundo não explica qual o sentido da palavra nesta questão, mas, quando fala sobre o que motiva a pessoa a fazer filó, aborda: “[...] acho que quando você... você é bem tratado, você gosta de acolher bem a pessoa que te visita em sua casa. Então se a pessoa, ela vem te visitar é porque ela gosta de você. Então o filó é uma maneira, é um relacionamento mútuo entre pessoas, comunidades, famílias e que geram um bom relacionamento.”. Dessa forma, percebemos que ambos associam acolhimento com boa recepção, saudação e dedicar-se ao convidado de forma adequada (tratá-lo bem).

Chama atenção, ademais, o exposto pelo S_{fu49} acerca da circularidade da relação entre os participantes: o anfitrião fica feliz em receber o convidado, o convidado fica feliz com a felicidade do/proporcionada pelo anfitrião. Em algumas falas se apresenta a utilização do advérbio “também” e, com evidência, quando o entrevistado S_{fu75} aborda que, da mesma forma que têm determinadas ações como anfitrião, percebe que essas lhe são dispensadas quando está na condição de convidado – receber/ser recebido com carinho, amizade e alegria. Esses enunciados vêm a sinalizar a presença de demandas e disposições mútuas entre os sujeitos participantes dos encontros.

Em relação à retribuição da visita, para o S_{mr50}, há uma percepção de valorização do convívio. Conforme podemos deduzir de sua verbalização, quando ocorre a alternância de casas para a realização da prática, em que anfitrião e convidado invertem seus papéis, sucede-se uma recompensa, pois o sujeito antes visitante, agora visitado, sente-se valorizado.

Também nesses questionamentos, em que se dá visibilidade ao sujeito em interação, percebemos que, comumente, os entrevistados utilizam termos em 1ª pessoa – eu, me, mim, minha. Mesmo o emprego da expressão “a gente”, que, via

de regra, remete a uma ideia de coletivo, poderia estar indicando um deslizamento para o singular, quando se a associa às demais expressões em 1ª pessoa.

Em suma, quando questionados em relação às experiências como sujeito primariamente acolhedor e primariamente acolhido, os respondentes falam desde a perspectiva de acolhido: o sujeito primariamente acolhido tende a ver-se como objeto de acolhimento pelo acolhedor; o sujeito primariamente acolhedor projeta na caracterização do acolher traços do que esperaria como sujeito primariamente acolhido. Como o que seria uma decorrência, em ambas as situações, os entrevistados apontam o que essa relação soma/somaria em suas vidas, isto é, os resultados colhidos dos encontros, os quais, em todas as conjunturas, têm valência positiva. Eles sinalizam as ações tomadas pelo anfitrião com vistas a acolher o visitante, isto é, fazer com que suas demandas sejam acolhidas: receber bem, tratar bem, dar valor, procurar agradar, abordar assuntos de interesse. Dessa maneira, há uma percepção de valorização por se sentir digno de receber a atenção e o carinho do outro. Identificamos que há sujeitos que entram na relação com demandas, mas, independente de primariamente acolhedor ou acolhido, também têm disposição para acolher a demanda do outro. Essa disposição não é obrigatória, imposta previamente, ela simplesmente existe, já que procuram olhar com o olhar do outro. Esses indivíduos saem da relação transformados pelas aprendizagens oportunizadas. De forma geral, a retribuição de visitas realizadas é a busca de que esses laços afetivos e a convivência em comunidade se mantenham.

5.8 SÚMULA DA VIAGEM ANALÍTICA

Buscando finalizar a análise das verbalizações, estas foram sintetizadas mediante processo de categorização, conforme indicado no Quadro 7. Como eixo categorial, estabelecemos “Casa”, ou o espaço de convivência no filó, representado, sobretudo, pela “cozinha”, local em que, particularmente, o filó e todos os seus desdobramentos se efetivam. No conjunto das categorias e subcategorias, o termo “Sentido” aglutina as subcategorias Encontro, Visita e Reunião, as quais, por sua vez, compreendem manifestações dos respondentes que se inserem no âmbito das significações atribuídas ao filó. Já a categoria Relações interpessoais e sociais desdobra-se nas subcategorias Diálogo e Troca, que remetem a processos de “inter”ação ocorridos nessa prática sociocultural. De outra parte, as subcategorias

Convite, Preparo, Chegada, Desenrolar e Despedida abrangem as narrativas que reportam à categoria Rituais.

Quadro 7 – Eixo categorial, Categorias e Subcategorias do processo analítico-interpretativo.

EIXO CATEGORIAL	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
Casa (cozinha)/Espaço de convivência no filó	Sentidos	Encontro (Visita; Reunião).
	Relações interpessoais e sociais	Diálogo; Troca.
	Rituais ¹⁴	Convite; Preparo; Chegada; Desenrolar; Despedida.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ademais, retomamos a definição de filó, construída a partir de incidências de verbalizações dos entrevistados quando questionados sobre o que consideram ser essa prática, na qual adicionamos adjuntos do núcleo do predicativo (diferenças) por conta de elementos referidos em respostas a outras questões: *Filó (T) é uma forma de convivência entre pessoas (encontro) (G) constituída através de visita/reunião (d₁), que acontece à noite (d₂), no interior das residências, sobretudo nas cozinhas (d₃), congregando amigos, vizinhos e/ou familiares (d₄), com a finalidade de união (d₅), em que ocorre conversa com trocas de ideias e relatos de histórias (d₆), jogos de cartas (d₇), momentos de expressão de religiosidade (d₈) e oferta de alimentos e bebidas (d₉), sendo que os convidados são recebidos pelos anfitriões (d₁₀) e, posteriormente, estes retribuem a prática (d₁₁), dependendo ou não de convite prévio (d₁₂).*

¹⁴ Radcliffe-Brown (1978) salienta que toda expressão coletiva [prática ritual] de qualquer sentimento serve tanto para mantê-lo na mente do indivíduo, como para transmiti-lo de geração para geração. O autor diz ainda que “quando diferentes costumes são justamente praticados numa mesma ocasião, há um elemento comum a todos eles” (RADCLIFFE-BROWN, 1978, p. 13). Ou seja, quando formas culturais são praticadas por grupos sociais, de forma repetitiva e possuem elementos de manutenção da cultura, tem-se uma prática ritualística. Camargo (2015, p. 56) destaca que o ritual da hospitalidade “É uma cena, no sentido teatral da palavra, com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. [...] a cena hospitaleira é sempre um microrritual de passagem, nas três fases definidas por Van Gennep (1978): separação, passagem e integração.”

6 SÍNTESE INTERPRETATIVA DA JORNADA VIVENCIADA

Após a análise enunciativa das respostas dos entrevistados, compete-nos o processo de elaboração de síntese interpretativa à luz dos referenciais teóricos selecionados. Para isso, requer-se que relembremos a questão norteadora, bem como os objetivos propostos para a elaboração da pesquisa.

Considerando: (a) o filó como uma prática sociocultural específica de encontro no âmbito doméstico, ainda realizada por descendentes de imigrantes italianos no interior de suas residências; (b) hospitalidade/acolhimento na perspectiva sócio-humana; e (c) o município de Arvorezinha/RS como a comunidade-alvo de pesquisa, **pergunta-se:**

Que elementos discursivos sinalizariam a atual prática sociocultural do filó como um evento de favorecimento à manutenção de relações de hospitalidade/acolhimento intracomunitárias, sob a ótica de moradores de Arvorezinha/RS que adotam e realizam atualmente essa prática?

Tem-se assim como objetivo geral analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento.

Especificamente, objetiva-se:

- caracterizar o filó doméstico, objeto da pesquisa, na concepção de sujeitos que dele participam;
- depreender e analisar discursivamente sinalizadores das relações de acolhimento entre sujeitos primariamente acolhedores e primariamente acolhidos participantes do filó.

Tomando o objeto de estudo, relações de hospitalidade/acolhimento em filós domésticos, na forma como atualmente se realizam, e a análise dos enunciados, tem-se, conforme Quadro 7, o eixo categorial “Casa”, esta, centrada particularmente na cozinha, ou como nos fala Lashley (2004), no domínio privado, ambiente em que são atribuídos sentidos à prática e se efetivam relações interpessoais e sociais, bem

como os rituais atinentes ao filó, sobretudo o desenrolar, o qual poderia se aproximar à cena hospitaleira como refere Camargo (2011). Mas diferentemente do que o autor expõe acerca dos cômodos em que se recebe o visitante, a sala de visitas, no filó, não se configura de forma predominante como espaço em que se evita o contato do visitante com o restante da casa. A cozinha é principalmente onde o filó acontece, sendo também o local onde os moradores mais vivem e convivem. Inclusive, no interior, não há sala de recepção, o que não significa ausência de disposição para receber, mas o compartilhamento de vida daquele que é visitado com o visitante. Aproximamo-nos, assim, ao que nos diz Smoliarova (2011, p. 451) sobre hospitalidade: a “[...] mais apreciada ultrapassa as fronteiras geralmente estabelecidas entre o espaço público e o espaço privado de uma moradia.”

Poderíamos, então, pensar a casa (cozinha) como um lugar de hospitalidade, numa referência a Baptista (2008), a qual, para além de suas potencialidades materiais, expõe sua verdadeira riqueza, principalmente na forma como é partilhada. Ao perceber a casa para além do seu valor utilitário, cria-se a possibilidade de, talvez, até mesmo atribuir-lhe o sentido de *morada*, o qual é referido por Noguero (2013, p. 171, grifo do autor, tradução nossa): “A casa deixa de ser instrumento quando permite o recolhimento, a intimidade; toda intimidade necessita e requer um acolhimento. Quando a casa é acolhedora, adquire o significado de *morada*.”

Como já mencionado, o filó, na voz dos entrevistados, é uma forma de convivência entre pessoas, assumindo o sentido de encontro. Isto é, essa forma de convivência acontece pelo simples prazer em estar junto, tanto em termos de finalidade, quanto de motivação, independentemente da regularidade com que ocorre. Seria possível afirmar, então, que uma interação social, que parte do deslocamento do convidado até a casa do anfitrião para encontrar-se por determinado tempo – o que para Montandon (2011b) corresponde a uma visita –, tende a reforçar o vínculo social entre os participantes que, nessa relação interpessoal e social, são conhecidos.

E nesse espaço de familiaridade, reconhecemos uma experiência de alteridade, numa alusão a Duque (2014). Fazendo parte dos rituais do encontro, a passagem do hóspede (participantes do filó) pela porta, a qual emoldura a entrada na casa do anfitrião, mais uma vez reportando a Smoliarova (2011), faz-se abertura de um sujeito ao Outro, pois aquele que autoriza a entrada permite que outrem

adentre sua casa (território geográfico) e sua vida (território psíquico), como nos é observado por Grassi (2011).

Não poderíamos aqui deixar de recordar Baptista (2005, p. 15-16), ao dizer que, “[...] quando outra pessoa entra no universo da nossa mesmidade, nada poderá voltar a ser como antes.”, e, no filó, o “diá”logo é a forma como um indivíduo se expõe ao outro, abre sua casa, sua interioridade, seu universo de memórias, de emoções e de pensamentos próprios (BAPTISTA, 2005). Nesse encontro, o desejo pela conversa advém da abertura dos dois sujeitos em interação – cada um conta de/sobre si/sobre algo/pergunta sobre o outro. Tais afirmações são ratificadas na relevância dada pelos entrevistados ao diálogo, durante as enunciações. A busca por tomar conhecimento sobre a situação do Outro, ouvi-lo (mesmo em um desabafo) e/ou ajudá-lo pode vir a denotar quão relevante é essa relação para os sujeitos, e a disposição para ajuda mútua, conforme assinalam Brusadin e Panosso Netto (2017), vem a fortalecer o senso de comunidade.

Essa importância também Bessone (2011, p. 1275) destaca ao sublinhar que o diálogo é condição essencial da hospitalidade, sendo reconhecido o Outro como um ser radicalmente diferente de mim [o estrangeiro], mas, ao mesmo tempo, meu igual [eu, estrangeiro com relação a ele] fazendo nascer um nós que partilha um modo de pensar [a estrangeiridade que habita em nós, em mim e no Outro]. Assim como denotam diferentes verbalizações, do próprio diálogo emerge o sentimento de amizade e de “comum”-unidade: *eu sei que somos diferentes, mas, como amigos, em nossas diferenças, somos iguais.*

A produção de sentimento de amizade, de que também nos fala Mauss (2003), como finalidade de trocas e contratos feitos por coletividades, se mostra presente nos filós quando os respondentes destacam as trocas de experiências, as conversas sobre suas vidas e sobre seu passado e em momentos de descontração. Um dos entrevistados apontou que o mais importante ao ser recebido na casa de outras pessoas para fazer filó é a valorização percebida e a construção da sensação de fazer parte da mesma família que o seu anfitrião. Já outro apontou que fica feliz ao ver que seu anfitrião, além de lhe proporcionar alegria, tem felicidade em recebê-lo. Nesses momentos de troca, conforme sinalizamos na categoria Relações interpessoais e sociais, os participantes celebram a alegria em viver em conjunto, e, inclusive, em alusão à Mauss (2003), misturam suas vidas, as almas nas coisas, as coisas nas almas.

E se as vidas se misturam, as pessoas, ao darem um presente, seja a abertura de suas casas, uma manifestação de atenção ou de afeto, uma palavra de motivação ou carinho, ou então um alimento ou bebida produzido com suas próprias mãos, estão dando algo de si, ou, até mesmo como refere Montandon (2011c), revelando seu caráter. Segundo Mauss (2003, p. 263, grifos do autor), “se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ [...] ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ – elas e seus bens – aos outros.”.

A alternância de residência, ou melhor, a visita, que cria até mesmo um comprometimento de retribuição, se dá como uma lei não escrita, trazida à reflexão por Camargo (2011), subjacente aos rituais da despedida do filó (*eu digo que visitei você, agradeço por ter me recebido, e digo que agora você tem de me visitar*), e, por extensão, do convite e do preparo. Nesse ciclo estaria uma inversão de papéis entre anfitrião e hóspede, ciclo esse que leva a uma aproximação à tríade maussiana “dar-receber-retribuir”. A retribuição de filós não teria o objetivo de quitação de dívida. Tomando emprestado os termos de Perrot (2011), dali se depreende o reforço do vínculo afetivo entre a comunidade. Essa retribuição, que acontece entre pares, de acordo com Gotman (2011), participa da coesão social da sociedade em questão, no nosso caso, a comunidade de Arvorezinha. Sem trocas monetárias, esse vai e vem está na base da própria concepção de filó como forma de convivência entre pessoas.

Como procuramos expressar na categoria Rituais e respectivas subcategorias, a alimentação, durante o encontro, representada pela oferta de alimentos e bebidas pelo anfitrião ao convidado, tem grande destaque no filó e marca a atitude do anfitrião antes mesmo do encontro propriamente dito acontecer. Por conta da espontaneidade que caracteriza essa forma de convivência, a qual pode depender ou não de convite, as pessoas, antes da visita, organizam suas refeições e preparam comidas que podem vir a ser objeto de dádiva. Poderíamos aqui voltar ao que assinala Camargo (2015), quando afirma que, ao oferecer o que tem de melhor e proporcionar esse tipo de experiência, o anfitrião tem a sua maior dádiva, o que percebemos suceder-se nos encontros, já que há entrevistados que destacam ofertar tudo aquilo que têm para ser ofertado – o que falas dos entrevistados traduzem nas referências, por exemplo, à pipoca, ao amendoim, à rapadura, ao chimarrão.

Mas falar em compartilhamento de alimentos e bebidas aos convivas, nos remete, de imediato, à ideia de comensalidade. Assim como o diálogo, a alimentação, além de indicar ato de amizade, nos termos de Lashley (2004), fortalece os vínculos de confiança entre os participantes, isto é, auxilia no fortalecimento de laços. A comensalidade, essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento, conforme nos diz Boutaud (2011), e que está tão presente no filó, é, para Camargo (2015), o ponto alto da cena hospitaleira, do ritual; para Boff (2005a), a expressão mais alta da convivência. Nos filós, a partilha de alimentos e bebidas integra a ambientação – convivas sentados ao redor do fogão a lenha (que auxilia no preparo do que é ofertado) – e é nodal na concepção e vivência do encontro – “comum”união, “com”vivência. Parece-nos que, da mesma forma que destaca Franco (2010), os entrevistados atribuem grande função social à comensalidade. Além disso, o fogão a lenha, além da função utilitária, pode ser comparado à mesa a que se refere Boff (2005b), pois remete a um rito, representa lugar de partilha, em que a alegria do encontro é comunicada e não há cerimônia nas observações acerca do cotidiano. Emergem opiniões sem censura sobre os assuntos abordados. Metaforicamente fundem-se o calor do fogão e da hospitalidade.

Ainda sobre a oferta de alimentos e bebidas e o ato dos participantes de se posicionarem ao redor do fogão a lenha, também estariam revelando a ênfase dos traços culturais na comunidade arvorezinhense, o que torna o filó uma prática sociocultural. O chimarrão, elemento de processos de hibridação, é assinalado na voz de entrevistados com menções em relação à obrigação de ser ofertado e como marca dos costumes locais. Mas, para além disso, essa bebida, ao mesmo tempo que expressa um agrado ao convidado, reitera uma relação entre iguais, ou uma simetria relacional (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014) – também destacada sob outra perspectiva, a poética, como o fazem Kleiton e Kledir em sua canção “Roda de Chimarrão”: “[...] *De boca em boca, de mão em mão; Puxa um banco e senta; Vem cá pra Roda de Chimarrão; Vem aquece a goela; E de inhapa a alma e o coração [...]*”.

Se as aproximações teóricas já realizadas se mostraram relevantes na direção de construir uma síntese interpretativa da jornada investigativa vivenciada, outras ainda nos parecem obrigatórias, uma vez que, no cerne da questão de pesquisa, está a perspectiva do filó como um evento de favorecimento à

manutenção de relações de hospitalidade/acolhimento intracomunitárias. Eis onde remetemos novamente a Perazzolo, Pereira e Santos (2014), quando nos falamos de sincronia e simetria relacionais, proposição tipológica que leva em conta a natureza das demandas e as características de tempo e espaço nas relações de acolhimento, em suas dimensões pragmáticas, permitindo assim dispor de ferramentas de leitura e compreensão de suas manifestações tópicas.

Lembremos que, na base dessa proposição, está o entendimento do acolhimento como fenômeno relacional “[...] que se dá a todo tempo, de diferentes formas, independente do processo potencialmente desencadeador de organização ou desorganização de sistemas sociais [...]” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 4). Nessa concepção, pelo fato de o acolhimento corresponder a um fenômeno que se instala **entre** os sujeitos em relação, há que se produzir uma interlocução ou algum processo de troca que transforma em acolhidos em acolhedores de forma alternada.

No contexto da simetria relacional, há um pressuposto da prevalência de um padrão de igualdade em ambos os polos da relação, no que diz respeito às necessidades de acolhimento. Quando nos reportamos a diferentes verbalizações dos sujeitos entrevistados, elas apontam para a concomitância de um **eu** e do **diferente de mim**, ambos com igual natureza e nível de demandas de acolhimento e de disposições para acolher. “As relações de amizade, aquelas que se dão entre pares, irmãos, caracterizam bem as trocas em nível de equivalência, gerando novos patamares de conhecimento, pensamentos, mudanças.” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 6).

É nesse sentido que os entrevistados referem o ajuste mútuo perante as necessidades do outro – “[...] principalmente amizade. O querer conviver com outras pessoas, né, se encontrar.”, “da mesma forma que recebemos com carinho, somos recebidos com carinho”.

Mesmo que, se em tese, se pudesse falar de uma relação assimétrica entre anfitrião e hóspede, as respostas apontam para um encaminhamento na direção de uma simetria relacional. Das verbalizações, se depreende a experimentação do prazer e da afetividade, ou seja, do acolhimento simétrico, num desejo bilateral de acolher e ser acolhido (“o filó é muito bom”, “é muito divertido”, “é aquela festa”, “a alegria é muito forte”, “me sinto muito bem”, “é muito gratificante”, “te querem bem”).

Assinalam, também, que ocorre transformação mútua nos sujeitos participantes: “quem me recebe fica feliz por me receber e eu fico feliz por ver que ele está feliz”, “as pessoas trocam ideias, conversas, experiências”, “os participantes conversam sobre o cotidiano e sobre o futuro”, então “a reunião favorece o entendimento entre pessoas”. Podemos dizer, portanto, que os sujeitos se veem como acolhedor desde o lugar de acolhido e, como acolhido, desde o lugar de acolhedor. São um exemplo ilustrativo disso as manifestações de um dos entrevistados, primeiramente quando fala de sua experiência como acolhedor e depois como acolhido: “Eu gosto de receber as pessoas, aqui em casa, que falem a mesma língua que eu.”/“[...] eu tento buscar, nos filós que eu faço, essa afetividade.”.

Nessa alternância de polos relacionais há o (re)conhecer o outro e um (re)conhecimento de si simultaneamente, o que repercute no fortalecimento das próprias relações de acolhimento em suas dimensões afetiva, cognitiva e relacional e, por conseguinte, de laços sociais: “no filó, a gente sabe de alguma coisa”, “eles trazem alegria”, “a gente vê que tem alguma coisa na vida”, “quando vem alguém, muda tudo”. Com isso, se irriga um terreno fértil para alimentar o fortalecimento e a própria manutenção do filó.

Considerando esse ciclo iterativo, entendemos que a proposição de cada novo encontro, precedida ou não por convite, assume a configuração pós-sincrônica. Independentemente da regularidade, todos os entrevistados já participam de filós. O acolhimento sincrônico, marcado pelo mesmo tempo e espaço experiencial, se efetiva no filó como encontro propriamente dito, a que se refere a categoria Sentidos; encontro-ritual que se dá pelos ritos Chegada, Desenrolar e Despedida; e de Relações Interpessoais e Sociais, concretizadas, como vimos, pelo diálogo e pela troca.

Nessa conjuntura, compreendemos, que, em filós, no relacionamento entre conhecidos e nas vivências sociais oportunizadas pelo encontro, o Eu e o Tu transitam para o Nós e se “celebra”, então, um vínculo comum.

Em filós, tem-se oportunidade de tornar o (sujeito) conhecido cada vez mais conhecido e mais conviva. Também, tem-se ocasião para (re)conhecer a si e se (re)conhecer como membro integrante de uma comunidade. Reunimos, nesse sentido, indícios de que esse encontro, pelo seu ciclo iterativo, fortalece os laços

sociais intracomunitários e a manutenção da prática, cujo alicerce está no acolher e ser acolhido.

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO

Tecer algumas dessas considerações nos leva a um exercício de lembrar e repensar escolhas, traçados, escutas, reflexões, achados. É também momento de nos questionarmos voltando-nos a um “pretérito imperfeito” (o que poderia ter sido feito na pesquisa, e que não foi – suas limitações), mas também a um “futuro do presente”, divisando novos horizontes para encontrar outros caminhos e recomeçar percursos.

A escolha da temática

A opção pelo tema “hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual”, tendo por cenário o município de Arvorezinha, no Rio Grande do Sul/BR, trouxe com ela uma ligação afetiva e, ao mesmo tempo, o desafio de olhar essa prática com a racionalidade que a pesquisa científica exige. E o percurso se fez assim: da participação em filós desde a infância, das experiências prazerosas ali vividas, na cozinha, junto ao fogão a lenha, das concepções e certezas construídas, à experiência da busca de descentração, do distanciamento analítico através de lentes conceituais, teóricas. Mas não menos prazerosas foram as descobertas. São de outra ordem, porém revestiram de outros significados as próprias lembranças, redimensionaram a maior importância dos filós como hoje ainda acontecem, ultrapassando o âmbito da esfera pessoal, inserindo-os nas relações de hospitalidade/acolhimento e na tessitura de laços sociais.

Os traçados

Também implicando escolhas, definir os caminhos a serem percorridos requer vislumbrar objetivos e metas. E foi no sentido de caracterizar o filó doméstico como acontece nos dias de hoje em Arvorezinha, sua repercussão no fortalecimento das relações de hospitalidade/acolhimento que aí se efetivam e na constituição de laços sociais intracomunitários, que o trajeto tomou o rumo na direção de visitar os filós em suas origens, de percorrer a história e a geografia do município, de conhecê-lo melhor nas suas dimensões econômica, social, cultural. Era preciso (re)contextualizar essa prática. E nesse traçado, a pesquisa se tornou ainda mais relevante, quando não se encontraram estudos que abordassem o filó sob a perspectiva analítica pretendida pautada pelo mapeamento teórico construído.

As escutas

A consulta de fontes bibliográficas e documentais era indispensável para buscar respostas à questão de pesquisa e para a consecução dos objetivos. Mas, se os filós acontecem, é porque habitantes de Arvorezinha o preservam. Logo, somente as vozes daqueles que participam dessa prática poderiam retratá-la melhor e nos permitir depreender sinalizadores de como aí se dão relações de hospitalidade/acolhimento. Tratados como sujeitos da pesquisa, foram selecionados por indicação sucessivas que eles mesmos fizeram.

As reflexões

Diferentes incursões conceituais no âmbito da hospitalidade/do acolhimento foram necessárias de modo a desenhar marcos teóricos e, a partir deles, dirigir o foco para o filó doméstico atual em Arvorezinha. Por isso, elaboramos, inicialmente, um item específico, Hospitalidade/Acolhimento no Caminho, no qual fizemos paradas diante de reconhecidos pensadores na área, e, mais adiante, quando nos cruzamos com outros deles mediante o intento de realizar a Síntese Interpretativa da Jornada Vivenciada – síntese que, como é próprio a um exercício de cunho hermenêutico, permitiu inferências de “dizeres no dito”, abrindo espaço a uma “re”criação do objeto investigado.

Os achados

Enfim, o que foi possível responder à pergunta sobre favorecimento à manutenção de relações de hospitalidade/acolhimento intracomunitárias, via a prática atual de filós no município de Arvorezinha? Não caberia aqui retomar toda a análise desenvolvida, entretanto entendemos que ela nos conduz a afirmar que as verbalizações dos entrevistados trazem sinalizadores que apontam para uma resposta positiva a esse respeito. De igual forma, no que tange a repercussões positivas dessa prática na tessitura de laços sociais intracomunitários.

A comunidade se apropria do filó como uma forma de convivência em que o ciclo dos encontros não é fechado, sem permeabilidade. Ele é aberto a diferentes grupos de amigos, vizinhos e/ou familiares interagindo entre si e uns com outros, numa espécie de rede que se conecta em diversos pontos (Hoje, como anfitrião,

convido um vizinho, do qual serei posteriormente convidado, juntamente com seus amigos, familiares.). O próprio processo de indicação de entrevistados reflete isso.

Entretanto, o momento é muito diverso daquele em que ocorriam os filós tal como os estudos histórico-culturais nos retratam e como antes abordamos. Falamos aqui não mais do ambiente prioritariamente rural, onde parentes, amigos, vizinhos, separados por distâncias consideráveis, muitas vezes de difícil acesso, a serem percorridas a pé, encontravam no filó uma resposta a um arraigado e intenso desejo de conviver, ou uma forma de suportar a saudade da terra natal, dos parentes e amigos deixados na Itália. Eles encontravam na conversa, no canto, na feitura de trabalhos artesanais, num copo de vinho, num jogo de cartas, como acontecia em cada filó, um alento de que careciam.

Nossos entrevistados nos falam de um outro cenário, o urbano, e de um rural que daquele se aproximou, com o acesso aos transportes que encurtaram distâncias, aos meios de comunicação e a múltiplos recursos tecnológicos que nos permitiram, sem deslocamento físico e sincronicamente estarmos em todo o planeta. O convite para o filó ou o comunicado da visita parte de um telefonema, de um e-mail, das redes sociais; alimentos e bebidas a serem oferecidos podem ser encontrados nas prateleiras de um supermercado. Outros elementos poderiam ser aqui mencionados, evidenciando que, sob esse prisma, o filó não seria impermeável a mudanças contextuais. De um encontro que acontecia, de certo modo, como uma imposição, hoje ele se configura como uma alternativa dentre tantas outras, mas que vem se sustentando. Nesse sentido, tendo presente o processo de definição dos sujeitos, torna-se representativa a composição do perfil dos entrevistados que dele participam: 16% nas faixas de 20 e 30 anos; 24%, nas faixas de 40 e 50 anos; 24% na faixa dos 60 anos; 24% na faixa dos 70 anos e 12% na faixa dos 80 anos, com forte predominância do gênero feminino e da zona urbana em todas as faixas etárias, observando ainda que nenhuma delas apresenta um percentual superior a 24%.

Nesse outro contexto socioeconômico e cultural, dentre outros, os assuntos debatidos, como nos relatam entrevistados, vão do âmbito familiar ao profissional, aos negócios, às viagens ou, até mesmo, às próprias redes sociais. Contudo, conforme se constatou nas análises, o destaque eminentemente maior é aquele dado à oportunidade de trocas de ideias, de informações, de experiências, de estar

junto. Em outras palavras, a importância conferida às relações interpessoais, ao encontro – uma dádiva mútua, mutuamente retribuída.

Alimentos e bebidas podem ser outros, mas o valor simbólico da comensalidade se mantém, assim como a abertura da cozinha para receber o convidado, junto ao fogão a lenha, o qual, simultaneamente, assume a função da mesa em que se compartilham os alimentos. No verão, mesmo apagado, preserva essa função simbólica. Também a regularidade com que acontecem, o número de participantes podem diferir, mas os ritos, ainda que com outras características, estão ali presentes.

Pelo que sinalizam as respostas, os domínios do encontro no filó parecem resistir à liquidez dos tempos modernos que fragilizam os laços humanos, de que nos fala Bauman (2004). Rituais, valor simbólico, demandas comuns, trocas afetivas e diálogo parecem carregar a essencialidade do “com”partilhar de casas e de vidas que marcam esse encontro. Em um trânsito cíclico e contínuo de “re”conhecimento, de acolhedores que se veem como acolhidos e de acolhidos que se veem como acolhedores, mostra-se iterativamente brotar a seiva que nutre o cultivo do filó, com suas características essenciais, como um traço identitário de Arvorezinha, e, por sua vez, nutrindo o sentimento de pertença àquela comunidade – aquela que precede o sujeito, em que as relações se constroem face a face, novamente nos reportando ao sociólogo. A própria definição tautológica antes citada parece reiterar o significado de que, para isso, o filó se reveste: “O filó é uma coisa que tu faz filó”.

Neste momento, não poderíamos deixar de tecer uma observação acerca da leitura interpretativa aqui realizada, quando nos reportamos, no Trajeto metodológico, à opção pela abordagem hermenêutica. Como ali foi mencionado, recorrendo a Ricoeur (1978, p. 15), a interpretação “[...] é o *trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal.*” (grifo do autor). Mas isso é feito pela escolha de um crivo analítico que orienta o olhar interpretativo. Nesse sentido, entendemos que o filó que emerge neste trabalho configura-se assim **através de lentes teóricas**. O “real” do filó se instaura na relação de um olhar “embebido de teoria”, como ressalta Köche (1997, p.120), referindo-se a dizeres de Popper (1978). “Não só nossas observações: toda nossa ação está impregnada de fundo teórico, proveniente de nossas crenças, quer sejam elas científicas, teológicas, empíricas ou metafísicas. Com elas formamos redes para apreender o

mundo.” São com essas redes que se faz uma aproximação do acesso à realidade. “*As teorias, como modelos explicativos e descritivos, são instrumentos que nos colocam em contato com o real, nos estritos limites da própria teoria*” (Grifo do autor). O emprego reiterado do termo “parece”, vincula-se, pois, a uma posição epistemológica.

De outra parte, numa extensão interpretativa, mostra-se possível o entendimento de que a característica de valorização do encontro, da sociabilidade dispõe de espaços/momentos outros de concretização, os quais, posto que não tenham a mesma denominação, reproduzem relações de acolhimento tão caras aos que cultivam o filó, adensando assim esse traço cultural da comunidade. Referimo-nos ao Terno de Reis, grupo de cantores que visita durante a noite – e muitas vezes de surpresa – famílias em Arvorezinha para comemorar o nascimento de Jesus. Nessa ocasião especial, marcada pela religiosidade, na maioria das vezes são preparadas comidas e bebidas a serem consumidas durante a realização do encontro.

Também queremos novamente fazer alusão aos “Filós comunitários” que ocorrem todos os anos, durante a Semana Italiana do município, promovida pela *Associazione Italiani di Cuore*, pela Prefeitura Municipal e Câmara Municipal de Vereadores. Em 2018, de 14 a 20 de maio, a 14ª edição do evento organizou dois filós: um, na Ervateira Sanson e outro, na Comunidade de Linha Segredo.

Aberto a todos interessados em participar, incluindo pessoas de municípios vizinhos, o filó inicia com o pronunciamento de autoridades locais e dos organizadores. Na sequência, representantes da comunidade entram no salão carregando a capelinha, o terço e objetos religiosos. Entram cantando alguma música também religiosa ou fazendo alguma reza. Vão até a frente ou o centro do local do evento e organizam uma oração em conjunto, com todos os participantes. Finda essa atividade, iniciam-se apresentações de grupos de dança e de corais compostos, na sua maioria, por moradores de Arvorezinha. Um momento especial de ampliação de diálogo é o da refeição coletiva em torno de uma grande mesa na qual os participantes colocam as comidas que serão compartilhadas entre todos.

Caberia aqui ainda uma observação. Numa breve menção feita no item Apresentação da Viajante, relatamos que a formulação inicial deste trabalho decorreu de monografia realizada no curso de graduação em Turismo, a qual teve como objetivo identificar a presença, em Arvorezinha, de uma “cultura brasileira”

diferente, de raízes italianas, germinada pela presença dos imigrantes italianos no Brasil, e analisá-la como recurso turístico, na percepção de moradores do município. Na pesquisa, as entrevistas semiestruturadas não tinham, em seu roteiro, questões que abrangiam o filó, mas a prática foi citada por diversos entrevistados, o que propiciou que fossem feitas perguntas para melhor compreensão da temática. Assim, com referências nostálgicas em relação à realização desses encontros em tempos pregressos e apontamentos relativos à sua manutenção, desde ali se pôde perceber o valor simbólico a ele conferido e sua importante participação na apropriação e manutenção da cultura local.

Limitações e horizontes

Integra o procedimento científico manter, ao longo de todo o processo investigativo e, inclusive, quando nele se coloca um ponto final, uma atitude crítica no sentido de identificar eventuais equívocos teóricos ou metodológicos, lacunas percebidas ou não preenchidas, variáveis que possam ter interferido favorável ou desfavoravelmente ao desenvolvimento das análises e à consecução dos objetivos traçados. Realizar uma pesquisa implica sempre compreendê-la como um projeto de estudo em andamento e, como tal, necessitando, como já dissemos, rever escolhas, caminhos, percursos e chegadas e pensar recomeços. É, pois, nessa direção que, de imediato, passamos a uma ressalva que se faz necessária.

Claro está, como evidenciou a análise anterior, que aqui foi destacado o que se apresentou como prevalente nas verbalizações dos entrevistados, ou, dito de outro modo, elementos sobre os quais recaiu a tônica dada pelos sujeitos, ao se manifestarem sobre o filó, particularmente sobre os domésticos atualmente realizados no município de Arvorezinha. Isso, no entanto, não exclui a constatação de algumas divergências com relação a verbalizações de outros sujeitos ou, eventualmente, de contradições internas às suas considerações. Ainda que algumas delas possam talvez encontrar explicação em “contingências do acaso”, no sentido de que tenham a ver com experiências específicas, particulares, casuais do entrevistado em sua(s) participação(ões) em filós, não se pode descartar a hipótese de que um exame mais aprofundado nesses casos viesse trazer contribuições relevantes para ampliar o espectro analítico do objeto de estudo.

Outro elemento a ser considerado, vinculado principalmente aos limites temporais a que estamos sujeitos para a conclusão de uma dissertação de

Mestrado, são os recortes metodológicos a que temos de proceder. Isso está na raiz de este trabalho se ater especificamente ao filó doméstico atual na percepção de moradores do município de Arvorezinha. Temos conhecimento de que existem outros municípios onde a prática, independente do âmbito em que se realize, seja ele doméstico, comunitário ou turístico, ainda acontece, tanto no Rio Grande do Sul, como em Santa Catarina. Ademais, os estados do Espírito Santo e de São Paulo também receberam imigrantes italianos, que imprimiram marcas de sua cultura nesses locais. Estudos exploratórios, descritivos e até comparativos mostram-se, dessa forma, como uma seara aberta e importante para a pesquisa em hospitalidade/acolhimento.

Na direção de finalizar esta viagem rememorando percursos, queremos mais uma vez enfatizar a relevância das relações de hospitalidade/acolhimento, como prática ou horizonte. Por isso, acreditamos ser oportuno e pertinente, neste momento, tomarmos emprestadas as palavras de Santos (2014, p 17, grifos da autora), ao reafirmar que é pela via dessas relações que se tece e institui o laço social. Aí reside o processo “[...] através do qual os sujeitos individual e coletivo criam, delineiam, povoam identidades singulares e compartilhadas e constroem o social” e assim promovem uma “[...] interlocução propulsora do trânsito entre os espaços do *eu* e do *outro*”, fonte geradora de aprendizagens e transformações. É, pois, na perspectiva dessa interlocução que queremos situar a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- 8º SEMINTUR. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/eventos/8-semintur/>>. Acesso em: 15 out. 2016.
- ALVIM, Z. M. F. **Brava gente!** os italianos em São Paulo 1870-1920. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDRADE, R.; ANDRADE, I. G. de. **Arvorezinha, minha terra!**: um resgate histórico interessante. Passo Fundo: Editora do Autor, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAPTISTA, I. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/viewFile/150/175>>. Acesso em: 09 jun. 2016.
- BAPTISTA, I. Para uma geografia de proximidade humana. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 11-22, 2005. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/219/235>>. Acesso em: 09 jun. 2016.
- BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, C. M. de M. (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Editora Manole, 2002, p. 157-164.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BESSONE, M. Do eu ao nós. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 1267-1279.
- BLOG VIAJANDO DE CARRO. **Municípios Gaúchos 27 – Arvorezinha**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/viajandodecarro/2010/12/25/municipios-gauchos-27-arvorezinha/?topo=77,1>>. Acesso em: 22 jan. 2017.
- BLOS, P. **Transição adolescente**: questões desenvolvimentais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2005b. 3 v.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005a. 1 v.

BOUTAUD, J. J. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 1213-1230.

BONETTI, E. F.; ROLLA, Â. da R.; HEES, C. R. A Cultura Imigrante Italiana no Brasil, no Rio Grande do Sul e na Região Centro-Sul. In: SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA, 10., 2007, Guaíba. **Anais...** Guaíba: Universidade Luterana do Brasil, 2007. Disponível em: <<https://weinmancarlos.files.wordpress.com/2015/06/a-cultura-imigrante-italiana-no-brasil-no-rio-grande-do.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BROTHERTON, B.; WOOD, R. C. Hospitalidade e administração da hospitalidade. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004, p. 191-221.

BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. O sacrifício das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In: BRUSADIN, L. B. (Org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 23-41.

CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XII, número especial, p. 42-69, maio 2015. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574/643>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

CAMARGO, L. O. de L. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 13-30.

CAMARGO, L. O. de L. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.). **Hospitalidade**: cenário e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 7-28.

CAMILOTTO, S.; HALLAL, D. R. Arvorezinha em Festa: A Semana Italiana. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 480-493, out./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4189/pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CAMILOTTO, S.; SANTOS, M. M. C. dos. As relações de hospitalidade na memória sobre os filós em uma região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 13., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2016. Disponível em:

<<http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DHT2/553.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio Latino-americanos, 1).

COLBARI, A. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200003>. Acesso em: 26 jul. 2016.

CORREIO DO POVO. **Alto Vale do Taquari aposta no cultivo da erva-mate**. 16 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Rural/2016/7/592642/Alto-Vale-do-Taquari-aposta-no-cultivo-da-ervamate>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

CORREIO DO POVO. **Quatrilho**: O jogo dos aposentados. 05 set. 2012. Disponível em: <<https://www.jcorreiodopovo.com.br/noticia/quatrilho-o-jogo-dos-aposentados->>. Acesso em: 01 fev. 2018.

COSTA, R. Filó – uma experiência de paraíso. In: MAESTRI, M. (Org.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 178-180.

COSTA, R.; COSTELLA, I. SALAME, P. A.; SALAME, P. J. (Orgs.). **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST, 1974.

DA CÁS, L. E. **Aspecto Lírico-Religioso das Canções Marianas**: Um estudo sobre as metáforas e metonímias que representam Maria. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade)–Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/415>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1984.

DENCKER, A. de F. M. Considerações finais. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.). **Hospitalidade**: cenário e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 145-146.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Debates).

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 05 fev. 2018.

DOUTOR RICARDO. **Doutor Ricardo – Terra do Filó**. 17 maio 2014. Disponível em: <<http://doutorricardo.rs.gov.br/doutor-ricardo-terra-do-filo>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

DUQUE, J. M. Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (Orgs.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: Educus, 2014, p. 149-160.

FAVARO, C. E. Os “Italianos”: entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, N.; GOLIN, T. (Orgs.). **Império**. São Paulo: Méritos, 2006, p. 301-319.

FERRI, A. B.; FERRI, M. **O lugar no ensino da Geografia**: uma proposta baseada na geo-história de Arvorezinha/RS. 2000. 46 f. Monografia (Licenciatura em Geografia)—Universidade de Passo Fundo, Soledade, 2000.

FERRI, P. **Percepção dos Agentes Comunitários de Saúde sobre suas Práticas de Trabalho no Município de Arvorezinha**. 2014. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Pública)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/107273/000944878.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

FILIPPON, M. I. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar**. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional)—Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/241>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FRANCO, A. **De caçador a gourmet**: uma história da gastronomia. 5. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.

FRANCO, S. de G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995. (Coleção Filosofia).

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GASTAL, S. de A.; POSSAMAI, A. M. de P.; NEGRINE, A. da S. A Viagem e a Memória do Idoso: um estudo na região da Serra Gaúcha. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 89-109, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14207>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record: 2004.

GOMES, V. F. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. Monografia (Licenciatura em História)—Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2008.

Disponível em:

<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/569/4/2008VanderlisaFerreiraGomes.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GOMES, V. F.; LAROQUE, L. F. da S. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do filó em localidades do Vale do Taquari/RS. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, ano 2, n. 2, p. 33-43, 2010. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/217>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

GOTMAN, A. Uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 73-81.

GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 45-53.

HERÉDIA, V. B. M.; PAVIANI, N. M. S. **Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil**. Porto Alegre: EST, 2003.

HOBSBAWM, E. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 1872/2010**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_4.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Rio Grande do Sul >> Arvorezinha**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=430140>>. Acesso em: 22 jan. 2017b.

JORNAL VANGUARDA. **O jogo de Mora ajuda na preservação da cultura**. 09 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2009/07/09/o-jogo-de-mora-ajuda-na-preservacao-da-cultura/>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

KÖCHE, J. C. O acesso ao real: reflexão sobre os caminhos da ciência. In: BOMBASSARO, L. C.; PAVIANI, J. (Orgs). **Filosofia, Lógica e existência**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p. 105-122.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004, p. 1-24.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

LOPES, S. N. **O patrimônio histórico e cultural sob a ótica do poder público no Vale do Taquari/RS**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)—Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4348>. Acesso em: 02 mar. 2015.

MACHADO, M. M. A. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul / 1910-1950. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 1998.

MACIEL, M. B. **A pátria sem fronteiras**: imigração italiana na ficção de Fidélis Dalcin Barbosa. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional)—Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/261>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILANO, D. K. **Uma Vila Operária na Colônia Italiana**: O Caso Galópolis (1906-1941). 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em História)—Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3836>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

MONTANDON, A. Convidar/Receber. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011b, p. 1303-1309.

MONTANDON, A. Espelhos da hospitalidade. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011a, p. 31-37.

MONTANDON, A. Introdução. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011c, p. 41-43.

MONTANDON, A. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.). **Hospitalidade**: cenário e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 131-143.

NARDIN, C. R. **Gostos, Aromas e Sabores**: Memórias e Turismo Gastronômico em Bento Gonçalves. 2015. 79 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de

Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Disponível em:
<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1101>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

NOGUERO, F. T. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, n. 2, p. 161-212, dez. 2013. Disponível em:
<<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/530/541>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

OSORIO, L. C. **Psicologia grupal**: uma nova disciplina para o advento de uma nova era. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PESSOA, M. L. (Org.). Regiões do RS. In: PESSOA, M. L. **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

PERAZZOLO, O. A.; FERREIRA, L. T.; SANTOS, M. M. C. dos; ZERGER, E. Relações de Hospitalidade no Entrecruzamento das Dimensões 'Sincronia' e 'Simetria' no Contexto do Turismo. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 538-554, out./dez. 2016. Disponível em:
<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4633/pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. dos; Sincronia e simetria: proposições tipológicas para o acolhimento. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2014. Disponível em:
<http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DHT/DHT2/093.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. dos; FERREIRA, L. T. Acolhimento e desenvolvimento socioturístico: para uma psicopedagogia do laço social. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (Orgs.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 65-82.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C. dos; PEREIRA, S. Dimensión relacional de la acogida. **Estudyos y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, Argentina, v. 22, n. 1, p. 138-153, jan. 2013. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180725735008>>. Acesso em: 23 maio 2016.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C. dos; PEREIRA, S.; FERREIRA, L. T. Significação da experiência estética no turismo: da sensorialidade ao acolhimento. **Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Santa Cruz de Tenerife, Espanha, v. 11, n. 3, edição especial, p. 155-162, 2013. Disponível em:
<http://www.pasosonline.org/es/articulos/636-significao_da_experincia_esttica_no_turismo_da_sensorialidade_ao_acolhimento>. Acesso em: 23 maio 2016.

PERROT, D. Hospitalidade e reciprocidade. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 63-72.

PORTO, P. P. **O cancionero popular da imigração italiana**: a leitura como processo de construção de sentidos na performance da canção. 2015. 221 f. Tese (Doutorado em Letras)—Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1110>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

POSSAMAI, A. M. de P.; GASTAL, S.; NEGRINE, A. A Viagem e a Memória do Idoso. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2009. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2009/DLE3/130-237-1-RV.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARVOREZINHA. Disponível em: <<http://www.arvorezinhas.com.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

PRUDENCIO, A. V. **O tecer das mãos**: produção artesanal, design e sustentabilidade na Serra Gaúcha. 2012. 153f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento)—Centro Universitário Univates, Lajeado, 2012. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/handle/10737/273>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1978.

RIBEIRO, C. M. P. J. O lugar do Canto. In: RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. (Orgs.). **Cultura, imigração e memória**: percursos e horizontes – 25 anos do Ecirs. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 339-345.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 14.949, de 10 de novembro de 2016. Declara o Município de Vila Flores Capital Estadual do Filó. In: Assembleia Legislativa. **Legislação estadual**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=63465&hTexto=&Hid_IDNorma=63465>. Acesso em: 03 dez. 2017.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1978.

ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. (Coleção Ideias).

SALES, F. de L. O desenvolvimento econômico de Caxias do Sul na perspectiva do acervo do Museu Municipal. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 3., 2006, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2006. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/portal_anpur/index.php?get_menu_portal_id=7>. Acesso em: 18 ago. 2016.

SANTOS, M. M. C. dos. Introdução – A metáfora *laços sociais* e a hospitalidade. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (Orgs.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 13-17.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, Balneário Camboriú, v. 6, n. 1, p. 3-15, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/484/503>>. Acesso em: 23 maio 2016.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A.; FERREIRA, L. T. Dádiva e antidádiva: reflexões sobre aceitação e rejeição. In: BRUSADIN, L. B. (Org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 83-98.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (Orgs.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 49-63.

SCHNEIDER, P. **Um patrimônio “adormecido”**: A cultura material arqueológica pré-colonial nos lugares de memória do Vale do Taquari/RS. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)—Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_arquivos/39/TDE-2011-03-17T142753Z-3086/Publico/SCHNEIDER,%20PATRICIA.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

SELWYN, T. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004, p. 25-52.

SEYFERTH, G. A política de colonização, os imigrantes e o nacionalismo (1845-1914). In: RADÜNZ, R.; HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.). **Imigração e sociedade**: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil. Caxias do Sul: Educs, 2015, p. 34-77.

SERRA GAÚCHA. **Casa do Filó**. Disponível em: <<http://www.serragaucha.com/pt/informacoes-turisticas/atrativos-turisticos/casa-do-filo/>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

SMOLIAROVA, T. Artefato de boas-vindas. In: MONTANDON, A. (Dir.). **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 439-451.

SOARES, H. A. **Vinho e hospitalidade**: o caso do Vale dos Vinhedos. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade)—Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=24397>. Acesso em: 14 set. 2016.

THOEN, C. F. C. **Representações sobre Etnicidade e Cultura Escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905 – 1950)**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/538>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

TOSCAN, M. P. **O Comportamento Linguístico na Comunidade Bilingue Ítalo-Brasileira de Nova Pádua/RS: Identidade, Prestígio e Estigma Linguísticos**. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional)—Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/148>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALDUGA, V. Estado e turismo: a construção do patrimônio do vinho no RS (Brasil) de 1900 a 1930. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2012. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2012/admin/arquivo/1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

VALDUGA, V. O Processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos – RS. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2008. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2008/data/96t.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

VALDUGA, V. **O Processo de Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Turismo)—Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/193>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

VALDUGA, V.; OLIVEIRA, B. Enoturismo no Vale dos Vinhedos/RS: uma análise da oferta e da demanda turística. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 12., 2015, Natal. **Anais...** Natal: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2015. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DCL1_pdf/3.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, n. 44, p. 201-218, ago./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

XIII SEMINÁRIO ANPTUR. Disponível em:
<<http://www.anptur.org.br/seminario/2016/>>. Acesso em: 01 set. 2016.

ZANELLA, K. **Relações entre turismo de experiência e patrimônio cultural imaterial**: Um estudo sobre as experiências memoráveis do Filó Talian. 2017. 172f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria)—Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2017.

ZANELLA, K.; ROSSINI, D. de M. Patrimônio cultural e turismo: um estudo de caso do *Filô Talian* realizado em Caçador (SC). **Applied Tourism**, Balneário Camboriú, v. 2, n. 2, p. 199-214, 2017. Disponível em:
<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ijth/article/view/11167/6289>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TRILHANDO O CONHECIMENTO EXISTENTE E ACESSADO

Objetivando conhecer os possíveis estudos já realizados relacionando filó e hospitalidade, realizamos uma pesquisa em artigos, dissertações, teses e anais de eventos. Optamos por reunir todos os trabalhos realizados contendo abordagem sobre o filó para, a seguir, verificar em quais havia análises sob o viés da hospitalidade.

A busca em dissertações e teses ocorreu no Repositório da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e no Portal de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Em ambos os sites os termos escolhidos para pesquisa foram “filó” e, na sequência, “filó + italiano”. A segunda escolha adveio de uma tentativa de ampliar a pesquisa, por conta dos poucos resultados com o termo “filó”. A utilização do termo “italiano” deveu-se à natureza do filó ser uma prática realizada por imigrantes italianos.

O termo “filó” gerou um resultado no Repositório da UCS, mas correspondente ao “filo”, grau de classificação entre os seres vivos. Adicionando a palavra “italiano”, a pesquisa resultou em 23 trabalhos, dos quais oito correspondiam à busca desejada¹⁵.

No Portal de Dissertações e Teses da Capes, a primeira busca forneceu 20 resultados, mas só estavam disponíveis para acesso três deles, sendo que nenhum correspondia ao filó objeto desta pesquisa. Na segunda busca, foram encontrados 1611 resultados, possibilitando acesso a 283 trabalhos. Desses, somente um relacionava-se ao termo pretendido, o qual também apareceu na busca no Repositório da UCS, por tratar-se de uma pesquisa desenvolvida nessa instituição.

Sobre os artigos, optamos pelos periódicos vinculados aos programas de pós-graduação relacionados ao Turismo¹⁶ e também ao periódico vinculado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR). O termo “filó” foi pesquisado em oito periódicos: Revista Hospitalidade; Revista Cenário; Revista de Turismo Contemporâneo; Turismo: Visão e Ação; Turismo em

¹⁵ Os demais correspondiam a: 1 – Filo biologia / 12 – Filosofia, filósofo ou filosófico / 1 – somente o termo “italiano” / 1 - Enófilo

¹⁶ Conforme a plataforma Sucupira, portal de buscas sobre programas de pós-graduação no Brasil.

Análise; Turismo e Sociedade; Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade; Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – RBTur. Nessa busca, não incluímos a palavra “italiano” tendo em conta que os sites dos periódicos possuem um campo para busca no qual o termo fica acoplado, ou seja, se inserir “filó italiano” o site pesquisará somente essas duas palavras juntas.

No total de artigos publicados nos periódicos, encontrou-se somente um resultado, demonstrando a pouca abordagem sobre o tema. A pesquisa em anais de eventos foi realizada no site do Seminário da ANPTUR¹⁷ e do Semintur¹⁸. No portal do Seminário da ANPTUR estavam disponíveis 1613 artigos publicados em 11 edições do evento entre os anos de 2005 e 2015¹⁹. Essa busca realizou-se da seguinte forma: os artigos foram acessados através de um leitor de arquivo PDF e, utilizando o atalho ctrl + f, foi inserido o termo “filó”.

Do total, cinco artigos continham a palavra desejada, sendo que três foram desenvolvidos pelo mesmo autor. Ressalta-se que nenhuma edição do evento teve mais que um artigo publicado contendo o termo. Os artigos foram publicados nos anos de 2006 (III edição do evento), 2008 (V edição), 2009 (VI edição), 2012 (IX edição) e 2015 (XII edição).

O site do Semintur disponibilizava para acesso 912 trabalhos entre artigos e resumos expandidos publicados em oito edições do evento nos anos de 2003 a 2015. Da mesma forma que no site da ANPTUR, os artigos foram acessados através de um leitor de arquivo PDF e, utilizando o atalho ctrl + f, foi inserido o termo “filó”.

Do total de 912 trabalhos, somente um continha, no corpo do texto, o termo “filó”. Porém, foi publicado na edição de 2006 realizada conjuntamente ao Seminário ANPTUR, estando, por isso, duplicado na pesquisa realizada.

Em relação ao total da pesquisa, foram publicados 14 trabalhos com abordagem sobre o filó. Por conta disso, apresentaremos sinteticamente a abordagem do tema nesses trabalhos.

A dissertação “A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar” de Maria Isabel Filippin, possui como foco “[...] estudar a transformação do

¹⁷ Fórum de debate, reflexões e propostas de pesquisadores, docentes e estudiosos da área do turismo (XIII SEMINÁRIO ANPTUR, 2016).

¹⁸ Evento promovido e organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul – PPGTURH e que reúne pesquisadores de instituições brasileiras e estrangeiras que buscam socializar o conhecimento produzido sobre turismo e hospitalidade, a fim de contribuir para o amadurecimento do Turismo como campo de estudo interdisciplinar (8º SEMINTUR, 2016).

¹⁹ Não estavam disponíveis os anais da primeira edição do evento.

espaço de habitar do imigrante italiano e dos seus descendentes, na Região Colonial Italiana (RCI), através da literatura ficcional que permite fazer o intercâmbio entre a história e a arquitetura.” (FILIPPON, 2007, p. 9).

No capítulo “O Espaço de Habitar do Imigrante Italiano”, especificamente na página 45, a autora apresenta a cozinha como um dos espaços mais utilizados, sobretudo para o convívio familiar e exemplifica através da obra de ficção “O Quatrilho”, escrita por José Clemente Pozenato:

[...] o narrador apresenta a cena de um filó – encontro que se dava no período da noite realizada pelas famílias de determinada comunidade –, ocorrido na casa do personagem Aurélio, em que os vizinhos e amigos se encontram, em torno do “fogolar²⁰”, instalado na cozinha, para um momento de lazer. “Aurélio apanhou o baralho alto da prateleira. Fazia bem dez anos que não era usado. Ainda cheirava um pouco a querosene que passara nas cartas, à tarde, para tirar o mofo. Abancou-se da mesa com o velho Cósimo, Beppe e o pai de Teresa. – Os mais novos vão jogar cartas – brincou o velho Cósimo. – Os velhos vão esquentar o reumatismo perto do fogo. O que é que se joga? – O quatrilho - propôs Aurélio. Ângelo, Máximo, mais o Giacomo e o Agostinho, ficaram por ali para apreciar o jogo. As mulheres se acomodaram nos bancos em roda do fogolar”. (FILIPPON, 2007, p. 45, grifos da autora).

No capítulo em que aprofunda a obra, Filippón (2007) descreve o filó, o primeiro na casa de Aurélio após a morte da matriarca Rosa: os homens se reúnem para jogar quatrilho e as mulheres se acomodam ao redor do fogolar e conversam sobre crochê, sobre os próximos casamentos da comunidade e sobre a comida e a bebida a serem servidas no encontro (batata-doce, pipoca, quentão e vinho). No filó acontece a primeira troca de olhares entre Teresa e Máximo – ele casado com a prima dela, Pierina. É o início do enredo principal da história.

Na sequência ressalta que a “[...] descrição do filó desvela aspectos tipicamente culturais da RCI [...]”, e, em especial, Filippón (2007, p. 78) expõe que a função da cozinha é mais que somente local de serviço:

A cozinha é um lugar essencial na casa do imigrante, o fogolar exerce um poder aglutinador, as pessoas ficam ao seu redor, cumprindo as suas lidas diárias, bem como nos raros momentos de lazer. É, portanto, um lugar que não cumpre apenas a função de serviço, é também o local de estar, dos encontros sociais.

²⁰ Fogolar: Caixa retangular revestida de madeira, em que na parte interna era colocada terra batida com leve inclinação para o centro onde era aceso o fogo. Para o preparo do alimento, a panela era pendurada por uma corrente, a qual era regulada em altura de acordo com o tamanho da labareda (MILANO, 2010, p. 67).

O filó ainda é retratado em outros momentos na obra “O Quatrilho”, mas como rememoração daquele em que ocorre no início da história com o cruzamento da vida dos casais Máximo e Pierina, e Ângelo e Teresa.

A pesquisa denominada “Representações sobre Etnicidade e Cultura Escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905-1950)” e realizada por Carla Fernanda Carvalho Thoen buscou, “[...] a partir de documentos orais que integram o Acervo de Memória Oral da UCS, [...] analisar os sentidos conferidos à escolarização através das narrativas dos professores e líderes comunitários entrevistados.” (THOEN, 2011, p. 11). A autora apresenta o filó ao relatar os motivos para a vinda dos imigrantes italianos ao Brasil em meados do século XIX. Conforme Thoen (2011, p. 37), na Itália, os filós, “[...] momentos de encontro das famílias, à noite, que se reuniam para confraternizar [...]”, difundiam o mito de América promissora. Ao relatar a vida cotidiana dos imigrantes italianos, quando já no Brasil, Thoen (2011, p. 44) destaca ser o filó

[...] importante agente socializador e propiciava ajuda/apoio mútuo entre as famílias. Nos encontros, que ocorriam à noite, as mulheres costuravam, bordavam, faziam a dressa. Os homens jogavam mora²¹, cartas, conversavam sobre inúmeros assuntos, cantavam, oravam.

Na dissertação, “O comportamento linguístico na comunidade bilíngue italo-brasileira de Nova Pádua/RS: identidade, prestígio e estigma linguístico”, ao abordar aspectos socioculturais da Colônia Caxias no final do século XIX, Toscan (2005, p. 36) remete ao filó como um “Encontro entre famílias ou amigos, na casa de um ou de outro, à noite.”:

No início da colonização, a vida em família incluía muita reza, principalmente à noite. As crianças rezavam antes do jantar e após rezava-se o terço. Frequentemente, reuniam-se à noite para fazer novenas, que normalmente terminavam em filós. Nesses encontros, conversavam, cantavam, jogavam cartas e mora. As crianças brincavam no sótão ou no pátio e a família anfitriã oferecia petiscos como amendoins, pipocas, etc. e pode-se dizer que um filó era sempre uma alegre festa.

²¹ Mora: Jogo no qual, segundo o Jornal Vanguarda (2009, s/p), “O ideal é ser jogado por quatro participantes. A partida é de 20 pontos e o objetivo principal é acertar o número de dedos que os jogadores colocam na mesa. Soma correta equivale a um ponto ganho. Além dos jogadores, o contador de pontos da partida também é uma peça fundamental, já que os pontos são contados também nos dedos, o que exige muita atenção e raciocínio rápido do juiz”.

Sobre a 16ª Léguas da Colônia Caxias, Nova Pádua, a autora destaca que pobreza não era motivo para tristeza, e o filó – quase diário até o advento da televisão, conforme um entrevistado afirmou – era o momento de se divertir e compartilhar a caça e a pesca (TOSCAN, 2005).

A pesquisa de Patrícia Pereira Porto, única tese dentre os resultados da busca sobre o filó, objetiva “[...] compreender o processo de construção de sentido na performance das canções que compõem o acervo do Cancioneiro Popular da Imigração Italiana.” (PORTO, 2015, p. 12). O canto, para os imigrantes italianos, tinha a função de agregação social. Dentre os relatos das entrevistas feitas pela autora, o filó aparecia como um espaço para o canto e o próprio deslocamento propiciava momentos para entoar canções: “[...] conta que era habitual pessoas andarem quilômetros para fazer o filó [...] e pelo caminho entoavam canções da imigração italiana.” (PORTO, 2015, p. 31).

Apesar do foco do trabalho ser o canto e as canções, ao referirem-se sobre o filó, os entrevistados também ressaltaram os fazeres e as comidas que caracterizavam esses encontros:

[...] os filós eram uma união de famílias, que levavam batata doce, vinho, quentão, jogavam cartas e cantavam. [...] as palhas para a realização das dressas eram escolhidas a partir do trigo que estaria mais viçoso e que, após a colheita do trigo, se juntavam para cortar a espiga, separar as folhas e organizar as palhas por tamanho; enquanto isso, tomavam chimarrão e cantavam. (PORTO, 2015, p. 104-105).

Com as mudanças decorridas no passar dos tempos, o filó, conforme apresentam os entrevistados de Porto (2015), possui, atualmente, o formato de festa gastronômica e é aberto à visita de turistas. Destacam, ainda, que eventualmente apresentam-se formações corais.

A dissertação “Aspecto Lírico-Religioso das Canções Marianas: Um estudo sobre as metáforas e metonímias que representam Maria” de Lauro Edson Da Cás “[...] objetiva demonstrar a importância da religiosidade para a vida e ou para a recuperação e reordenamento cultural do imigrante italiano na Região de Colonização Italiana.” (DA CÁ, 2009, p. 9).

Como o foco do trabalho são três canções marianas, ao abordar o filó ressalta-se o canto. O autor utiliza a definição de Ribeiro (2002)²² e destaca que,

²² “Ribeiro (2002, p. 74) descreve o filó como uma reunião convivial entre vizinhos, realizados à noite,

com a realização desses encontros, “[...] a distância geográfica e física se encurtava gradualmente.”. Sobre o canto, Da Cás (2009, p. 41-42) expõe:

Cantavam a vida e construíam o universo representativo a partir das variantes que o grupo acabava tendo. Ressalta-se, também, que os cantos eram executados sem o acompanhamento de instrumentos musicais. Isso foi gerando a criação e a formação de grupos de corais, geralmente integrados pelos membros da família. Trocavam canções, pois era uma forma de integração, isto é, poderia ter vizinhos que sabiam de outras canções (um dos motivos, também, pode ser associado ao fato que fora mencionado anteriormente, o aspecto de virem de regiões diversificadas, mas que estavam próximos agora).

“A pátria sem fronteiras: imigração italiana na ficção de Fidélis Dalcin Barbosa”, de Marcele Brusa Maciel, tem como propósito analisar aspectos referentes à representação da imigração italiana em duas obras do escritor Fidélis Dalcin Barbosa (MACIEL, 2007).

O filó é apresentado no subcapítulo em que a autora aborda o papel da mulher nas obras selecionadas para análise. Conforme a autora, existe uma clara divisão de papéis, entre homem e mulher, que não é discutida nas obras, mas apresentada como normal para a convivência em família, ou seja, “[...] representa, sob a ótica da narrativa, o comportamento adequado para homens e mulheres na sociedade.” (MACIEL, 2007, p. 39).

O lazer, segundo Maciel (2007), era uma prática masculina. Ao apresentar um conto da obra “Semblantes de Pioneiros”, a autora explica que, enquanto os homens se divertem, as mulheres são responsáveis pela preparação e andamento da festa. Na sequência, é exposta uma definição de filó por Ribeiro (2002)²³ e, ao analisá-la, também se observa a divisão de papéis:

Ainda que todos participassem, os homens jogavam, bebiam e cantavam. As mulheres fiavam e contavam histórias às crianças. Ou seja, o lazer cabia aos homens, pois fiar também é uma forma de trabalho, bem como contar histórias, uma maneira de cuidar das crianças. (MACIEL, 2007, p. 39).

freqüentemente aos sábados, na qual os participantes jogavam cartas, tomavam vinho, cantavam; as mulheres fiavam ou compartilhavam histórias às crianças” (DA CÁS, 2009, p. 31).

²³ “As festas e os filós (reunião convivial entre vizinhos, realizava-se à noite, freqüentemente aos sábados, na qual os participantes jogavam cartas, tomavam vinho, cantavam; as mulheres fiavam ou contavam histórias às crianças), foram, dentre outras, ocasiões privilegiadas para que essas trocas se efetuassem.”

Caroline Rigo Nardin, em sua dissertação intitulada “Gostos, aromas e sabores: memórias e turismo gastronômico em Bento Gonçalves”, pesquisa a culinária dos imigrantes italianos, da região de Bento Gonçalves, como instrumento de memória coletiva e sua transformação em turismo gastronômico (NARDIN, 2015).

A autora analisa festas religiosas em Bento Gonçalves e o significado simbólico do alimento nesses eventos. A Festa de Santo Antônio, padroeiro do município, tornou-se “[...] a maior festa popular religiosa [...]” (NARDIN, 2015, p. 47). Em suas primeiras edições, eram realizados filós

[...] nas casas das pessoas da comunidade, um momento de conversa, regado a comidas e o sagrado vinho. A comida, nesse sentido, pode adquirir vários significados, com características particulares, durante celebrações, rituais de celebração particulares (batizados, casamentos...) ou os de importância coletiva. Nessas ocasiões, consumiam-se alimentos que poucas vezes estavam presentes durante o resto do ano. (NARDIN, 2015, p. 48).

Quatro trabalhos resultantes da pesquisa sobre o filó em artigos, dissertações, teses e anais de eventos têm como autor Vander Valduga, sendo três anais do Seminário da ANPTUR e o outro, sua dissertação para o Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul no ano de 2007. O foco das pesquisas de Valduga é o enoturismo no Vale dos Vinhedos, região vinícola situada na Serra e que abrange os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul.

Na dissertação “O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos”, Valduga (2007) apresenta pesquisas que, na época, já haviam sido desenvolvidas na região. Dentre essas, a de Soares²⁴ (2004) que analisa o vinho pela ótica da hospitalidade. No filó, exposto como encontro típico italiano, o vinho se relaciona com a hospitalidade, pois “[...] proporciona a alegria desses encontros e o convívio.” (VALDUGA, 2007, p. 68).

Em 2008, para o Seminário da ANPTUR, Valduga discorre sobre alguns dos resultados obtidos em sua pesquisa para o mestrado. O filó é apresentado como forma de expressão da cultura local, e o autor o descreve como “[...] encontros realizados entre as famílias em momentos de alegria ou sofrimento.” (VALDUGA, 2008, s/p).

Em outro trabalho publicado nos anais do seminário, no ano de 2012, Valduga objetiva “[...] analisar o papel do Estado na vitivinicultura e sua patrimonialização,

²⁴ Essa pesquisa será retomada posteriormente e descrita com mais detalhes.

apresentando o turismo como vetor desse processo.” (VALDUGA, 2012, p. 3). Ao descrever as duas primeiras décadas do século XX na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI), o autor expõe que não existem registros de turismo na região, apenas de lazer, sendo o filó um desses. Ao explicar no que consiste o filó, Valduga (2012, p. 9) salienta: “[...] dizem respeito a encontros nas casas de parentes e amigos em diferentes momentos, como uma visita mais demorada, ou em momentos de doença ou perda de algum parente ou amigo.”.

Na edição de 2015 do seminário, Valduga publica o artigo “Enoturismo no Vale dos Vinhedos/RS: uma análise da oferta e demanda turística” que também possui a autoria de Braulio Oliveira. Na análise da oferta turística na região, um dos pontos destacados pelos autores são os denominados filós italianos realizados em salões comunitários e abertos ao público. Explicam que esses eventos são “[...] encontros ao redor da mesa com cantorias regionais, festas do vinho e do espumante. Contudo, atualmente, turistas e residentes se encontram nos eventos, não sendo mais restritos às comunidades.” (VALDUGA; OLIVEIRA, 2015, s/p).

Fabiana de Lima Sales também aborda o filó em artigo publicado nos anais do evento. A pesquisa intitulada “O desenvolvimento econômico de Caxias do Sul na perspectiva do acervo do Museu Municipal” foi apresentada em 2006 na terceira edição do Seminário da ANPTUR realizado juntamente ao IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL.

No artigo, Sales (2006, p. 10-11) descreve o estabelecimento comercial (bodega) representado no acervo do museu e, a partir disso, práticas sociais realizadas pelos homens na bodega: “Fazia parte da sua cultura o filó, onde se conversava e bebia cachaça, e onde também se concentravam os jogos: jogos de carta, de bocha.”. Nessa citação, percebemos um possível mescla cultural, pois o vinho não é citado como bebida consumida nos filós, mas sim a cachaça, aguardente de cana de açúcar.

Outro artigo presente nos anais do evento e que aborda o filó – dessa vez na edição de 2009 – é a pesquisa desenvolvida por Possamai, Gastal e Negrine. Esses, também são os autores do único artigo publicado em periódico, especificamente no ano de 2010, volume 21, número 1 da revista Turismo em Análise. Ambos os trabalhos apresentam uma pesquisa com idosos na Serra em que o foco é a memória desses em relação às práticas de lazer e viagens na sua juventude. Essa pesquisa foi realizada em 2008, na disciplina Turismo e Cultura do curso de

Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. A coleta de dados foi realizada pelos alunos da disciplina, cada qual entrevistando um idoso de suas relações pessoais (total de 19 entrevistados).

Sobre as viagens, um dos entrevistados destacou que eram feitas, dentre outros motivos, para ir aos filós. O filó foi citado quatro vezes como forma de lazer, sendo sábado o dia da realização da prática. A partir desses resultados, os autores apresentam as seguintes informações sobre os encontros:

Os filós eram outra forma de lazer, geralmente ocorriam na casa de alguém. Nos filós as mulheres faziam “dressa” e crochê e os homens jogavam baralho. (POSSAMAI; GASTAL; NEGRINE, 2009, s/p, grifo dos autores).

Filós eram encontros comuns entre os italianos da zona rural. Varias famílias se reuniam, à noite, para conversar, jogar, ou realizar trabalhos manuais. (GASTAL; POSSAMAI; NEGRINE, 2010, p. 99).

O lazer feminino estava associado aos bailes, ao assistir jogos de futebol, para torcer pelos homens da família e aos filós. Os filós ocorriam com frequência, geralmente na casa de alguém da vizinhança, onde as mulheres faziam trabalhos manuais e os homens jogavam cartas. Percebe-se pelos depoimentos a importância dada a integração durante as atividades de lazer, pois mesmo que as distâncias fossem difíceis de serem vencidas, as pessoas buscavam formas de participar. (GASTAL; POSSAMAI; NEGRINE, 2010, p.107).

A partir da busca em artigos, dissertações, teses e em anais de eventos, percebemos que nenhum deles tem como foco principal o filó, sendo este descrito no decorrer do trabalho como informação adicional ou resultado das pesquisas realizadas. Identificamos a existência de pesquisas que abordam o filó como um possível atrativo turístico (NARDIN, 2015; PORTO, 2015; VALDUGA; OLIVEIRA, 2015). Ressaltamos que nenhum trabalho aborda essa prática, seja com aspecto doméstico, comunitário ou turístico, a partir do viés da hospitalidade, apesar de referirem relações que possibilitam essa análise.

Contudo, mesmo que não tenham aparecido na busca realizada, citaremos três trabalhos que consideramos importantes para a sistematização do conhecimento sobre o filó.

O primeiro é a monografia de Vanderlisa Ferreira Gomes intitulada “Os filós comunitários e a cultura italiana” para o curso de Graduação em História no Centro Universitário UNIVATES, no ano de 2008. Tivemos o primeiro contato com esse trabalho no ano de 2015, período no qual estávamos fazendo investigação sobre o

processo histórico de imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, especificamente na região conhecida como Alto do Vale do Taquari, onde Arvorezinha localiza-se.

O objetivo desse estudo é “[...] analisar e compreender, a partir de fontes bibliográficas, documentais e da História Oral, elementos da cultura italiana [...]” (GOMES, 2008, s/p) através de filós comunitários em Encantado e Doutor Ricardo e outros eventos nesses municípios.

Na introdução de seu trabalho, a autora afirma que a bibliografia existente sobre o filó é escassa e justifica sua pesquisa dessa forma. Com base em entrevistas, Gomes (2008) elabora um levantamento histórico do filó nas residências, as motivações e os costumes dos imigrantes italianos e seus descendentes na realização desses encontros e totaliza sua análise através dos filós comunitários, abertos à comunidade, nos quais cada família leva algum tipo de comida e/ou bebida. Dentre as considerações de Gomes (2008, s/p), destacamos a reatualização da prática no Brasil e a busca da perpetuação de uma cultura através de eventos comunitários:

Os filós também reatualizaram a sua função no Brasil, onde de um simples encontro de convívio social que ocorria na Itália, devido a uma vizinhança próxima, o mesmo passou a ser também um encontro de ajuda e apoio mútuo no Brasil, pois os vizinhos mais próximos já não estavam mais ao lado, mas a centenas de metros de distância, separados ainda, muitas vezes, pela floresta e por caminhos quase intransitáveis. A partir disso, não é difícil imaginar o quanto a função do filó se modificou, tornando-se um momento para dividir as angústias e medos, de conforto psicológico, de comunicação, de confraternização, mas principalmente de entretenimento. Portanto, constatamos que não houve o puro e simples transplante de um costume, mas a sua reatualização em vista de novas necessidades, ou seja, no lugar de um projeto de vinculação aos padrões culturais de origem, a cultura italiana desenvolveu-se no Rio Grande do Sul devido ao modo de adaptação às novas condições por aqui encontradas. [...] Através deste trabalho podemos ainda perceber que os filós comunitários, que ocorrem nos municípios de Encantado e Doutor Ricardo evidenciam a continuação da cultura italiana através da manutenção dos dialetos, da gastronomia, da religião, das canções, das danças e através de apresentações culturais.

No ano de 2010, Gomes, juntamente com seu orientador Luís Fernando da Silva Laroque, publicou um artigo com os principais resultados de sua monografia na Revista Destaques Acadêmicos, ano 2, número 2.

Apesar de não analisar o filó a partir de teorias da hospitalidade, Gomes (2008, s/p) destaca, no decorrer de seu estudo, relações de convívio e amizade.

Diversos fragmentos apresentados no trabalho expressam o sentimento de partilha, solidariedade e acolhimento:

[...] se reuniam para amenizar o sofrimento [...].

Cada família estabelecia consistente amizade com os vizinhos.

[...] congregavam várias famílias para conviver, conversar, comer, rezar e cantar.

[...] tinha uma razão para acontecer, que era a necessidade de conviverem, de confraternizarem, de saberem notícias da Itália, dos parentes e amigos que permaneceram por lá.

Outro trabalho que consideramos importante para a sistematização do conhecimento sobre o filó é a dissertação “Vinho e hospitalidade: o caso do Vale dos Vinhedos” de Hivânia Alcaldi Soares, para o Mestrado em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, no ano de 2004. Tivemos acesso a esse estudo através da dissertação de Valduga (2007), já citada anteriormente.

A pesquisa de Soares (2004, p. 17) tem o objetivo geral de “[...] analisar a temática da hospitalidade utilizando o vinho como elemento condutor para seu exercício, buscando suas associações e significâncias por meio do modo de vida característico de uma determinada região.”, que, no caso, é o Vale dos Vinhedos.

Dessa forma, o filó não é o foco central do trabalho, mas aparece na abordagem sobre o modo de vida da população dessa região. Já na introdução, Soares (2004, p. 20) apresenta a prática como herança trazida pelos italianos e que funciona “[...] como espaços ou momentos para o exercício da hospitalidade.”. Através de apud, a autora cita Costa: “Sociologicamente, pode-se dizer que ainda prevalece a extraordinária riqueza dos relacionamentos de amizade... A alegria e a dor são dois momentos sagrados em que à vizinhança se transforma numa única família.” (SOARES, 2004, p. 20).

Apesar de o foco do trabalho ser o vinho, Soares (2004), através de entrevistas, reconstrói o filó, as comidas e bebidas ofertadas, as atividades realizadas, as obrigações dos anfitriões e o papel de homens, mulheres e crianças. Contudo, a autora destaca que, à época da pesquisa, o filó “[...] apenas aparece representado pela construção do Centro de Convivência Casa do Filó, [...] dentro da

propriedade do Hotel Villa Michelin e que, esporadicamente, recebe os moradores da localidade, funcionando mais como um museu.” (SOARES, 2004, p. 116).

A autora traz à reflexão a obrigação e a reciprocidade no filó: “[...] a partir do momento em que eram convidados de alguma casa, automaticamente, em um momento futuro, deveriam tornar-se anfitriões, gostando ou não de receber os convidados.” (SOARES, 2004, p. 117).

Focalizando o objeto de estudo, o vinho, Soares (2004, p. 117) retrata que a presença dele no filó que era obrigatória e permitia “[...] uma atmosfera de alegria, união e divertimento.”. A autora remonta a Grécia Antiga para explicar que esse não é um hábito recente.

O terceiro trabalho que destacamos é a dissertação de Kênia Zanella, para o Mestrado em Turismo e Hotelaria, da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em 2017: “Relações entre turismo de experiência e patrimônio cultural imaterial: Um estudo sobre as experiências memoráveis do Filó Talian”. O objetivo da pesquisa é “Analisar o Filó Talian, realizado no Brasil, como Patrimônio Cultural Imaterial sob a perspectiva do Turismo de Experiência.” (ZANELLA, 2017, p. 20) e o foco se dá no evento de âmbito turístico, o qual é percebido pela autora da seguinte forma: “Atualmente o Filó é uma festa com muita alegria, música e culinária típica, em especial nas noites frias de inverno no sul do Brasil.” (ZANELLA, 2017, p. 17).

A pesquisa, apresentada como de abordagem qualiquantitativa, descreve as origens, transformações e lugares onde Filó Talian acontece e o perfil dos visitantes dos filós realizados em Concórdia (SC) e Vila Flores (RS), além dos elementos memoráveis vivenciados por esses sujeitos e suas percepções sobre proteção do patrimônio imaterial (ZANELLA, 2017).

O perfil do público participante das festas e da entrevista compôs-se, sobretudo, por gênero feminino (64%) – mas a pesquisadora observou certo equilíbrio em relação ao gênero –, com faixa etária de 60 anos ou mais (28%), casado (52%), descendente de italianos (56%) e proveniente de localidades próximas a Concórdia ou a Vila Flores, conforme o caso, dentre outros dados coletados (ZANELLA, 2017).

Em relação às demais respostas dos entrevistados, quando o foco volta-se para os elementos memoráveis vivenciados por estes e suas percepções sobre proteção do patrimônio imaterial, Zanella (2017, p. 116) tece as seguintes considerações:

A fuga da rotina foi enfatizada, seja pelo transporte no tempo, o retorno à infância ou o próprio esquecimento da rotina diária, nas horas em que o evento aconteceu. Isso se deve também ao fato do cenário do local, o qual está em harmonia com todas as outras atividades realizadas e cumpre com o propósito de fazer uma viagem ao passado para manter viva a memória e cultura taliana.

Além disso, o que chamou a atenção, durante as observações realizadas, foi em relação ao entretenimento do Filó, este que fez com que os sentidos dos participantes fossem aguçados, como por exemplo, as lágrimas de emoção quando as músicas foram cantadas; o riso das piadas contadas; a satisfação na hora de degustar as comidas típicas oferecidas e a alegria na hora das brincadeiras.

Desta forma, constata-se que há uma estreita relação entre o Turismo de Experiência e a preservação e conservação do Patrimônio Cultural Imaterial, visto que seus conceitos e características se complementam, oportunizando experiências diferenciadas e de imersão cultural aos visitantes e o sentimento de pertencimento em uma cultura.

A partir dessa explanação sobre trabalhos que referem o filó, não podemos considerar que inexistem pesquisas que, de algum modo, abordem e/ou caracterizem interações efetivadas antes, durante e depois da realização do filó. Trata-se, contudo, de abordagens não específica e explicitamente pautadas por teorias de hospitalidade, ou nas quais o filó não se constitui em foco central dos estudos.

APÊNDICE 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de identificação

- Gênero:
- Idade:
- Atual local de residência – zona urbana ou rural:

Aspectos sobre o filó

(Questões norteadoras, que podem, ou não, estar imbricadas umas nas outras)

Núcleo 1: Aspectos gerais

- Se eu lhe pedisse para dizer o que é filó, de uma maneira resumida, o que você diria?
- Como surge a ideia de fazer um filó? O que motiva alguém a fazer um filó?
- Onde o filó acontece?
- Quem participa/pode participar do filó?
- Descreva/explice como hoje acontece o antes, o durante e o depois do filó.
- Com que frequência você participa de filós? E desde quando?
- (Se falar que desde a infância, na juventude): Quais são as suas lembranças dos filós? Como você os compara com os atuais? O que mudou, o que permaneceu?

Núcleo 2: Hospitalidade/Acolhimento

- (Se o entrevistado disser que o filó acontece ou já aconteceu na sua residência)
Fale um pouco de sua experiência em receber pessoas na sua casa para fazer filó. O que isso significa para você, ou que é importante, ou mais importante para você?
- (Se o entrevistado disser que o filó acontece nas residências)
Fale um pouco de sua experiência quando você vai (foi) participar de um filó, sendo recebido em outra casa. O que isso significa/ou para você, ou que é importante, ou mais importante para você?
- Eu vou propor uma situação hipotética/imaginária: Uma pessoa chegou ao município e não conhece o filó. O que você diria ao convidá-la para fazer filó na sua casa?

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa *Relações de hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual – o caso de Arvorezinha/RS/Brasil*, realizada pela aluna Samara Camilotto²⁵ do Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos²⁶.

Fui esclarecido de que a pesquisa tem como objetivo de *analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento*.

Fica garantido que minha participação nas atividades não implicará riscos ou desconfortos pessoais e que terei a liberdade de interromper minha participação a qualquer tempo.

Estou ciente de que minha colaboração na pesquisa não resultará em qualquer ganho ou benefício pessoal e que os resultados poderão constar em textos científicos, **ficando garantido, no entanto, sigilo absoluto de dados que possam identificar a mim e aos demais participantes**. Foi-me assegurado que as gravações das entrevistas, após a utilização dos dados necessários, serão destruídas.

Fui esclarecido ainda de que, em havendo dúvidas, a qualquer tempo, poderei consultar o pesquisador responsável pelo projeto.

O presente Termo será assinado em duas vias de igual teor e forma, ficando uma delas em meu poder.

_____, ____ de _____ de 2017.

Nome (por extenso)

Assinatura

²⁵ E-mail: camilotto.sa@gmail.com

²⁶ E-mail: mcsantos@ucs.br